



A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

JERICOACOARA, MEMÓRIA E
NARRAÇÃO

JOSÉ OSMAR FONTELES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação



Tese

A Educação pela Pedra:
Jericoacoara, memória e narração

José Osmar Fonteles

Pelotas, 2023

José Osmar Fonteles

A Educação pela Pedra:

Jericoacoara, memória e narração

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F682e Fonteles, José Osmar

A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e
narração / José Osmar Fonteles; Denise Marcos Bussoletti,
orientadora. — Pelotas, 2023.

226 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal
de Pelotas, 2023.

1. Jericoacoara. 2. Educação pela pedra. 3. Memória. 4.
Narrativas. I. Bussoletti, Denise Marcos, orient. II. Título.

CDD : 981.31

José Osmar Fonteles

A Educação Pela Pedra: Jericoacoara, memória e narração

Tese apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 01/09/2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Madalena Klein

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas

Prof. PHD Pedrinho Guareschi

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Prof. Dr. José Aparecido Celório

Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Angelita Soares Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense

Prof. Dr. Marcos Paulo Cavalcanti de Mello

Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

*..E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina¹.*

¹ MELO NETO, J. C. Fragmento do poema Morte e Vida Severina. *In*: MELO NETO, J. C. **Melhores Poemas**. 10. ed. São Paulo: Global, 2010a, p. 168.

Agradecimentos

O rebento que explode por esta escritura compõe um dos cenários do espetáculo da minha vida. Um espetáculo real. Um espetáculo que não é fantasmagoria. Um cenário que talvez seja montado tardiamente, mas com todo o cuidado e atenção possível. Todas as personagens deste momento do espetáculo têm função de destaque. Não há coadjuvantes. Também não há meros expectadores. A construção é coletiva. E sei da importância de este estar juntos. *Ninguém larga a mão de ninguém.*

Acredito em um ser superior que me acolhe e orienta nos diversos instantes da minha vida. A este ser a quem chamo de Deus, agradeço pela vida e pela coragem de enfrentá-la nas suas calmarias e tempestades. Vida que nasce a cada dia como teimosia de uma vida Severina.

Dentre as personagens deste cenário lembro com gratidão, respeito e reconhecimento:

Meus pais Geraldo Fonteles e Raimunda Teles. Navegaram por águas turvas, mares revoltos... com uma paciência e bravura de gente que vê nascer, crescer, florir e frutificar rebentos franzinos que explodem com o desejo de ser e viver... rebentos de uma vida Severina.

Minha esposa Pergentina. Companheira de todas as horas. Ajudou a construir a canoa para esta viagem. Teceu e armou velas comigo... Segurou no leme. Redirecionou a canoa em momentos de difíceis travessias... Quantas vezes os ventos teimaram em não ajudar... mas a paciência, a resistência, a resiliência... foram mais fortes. A nossa cumplicidade misturou-se com as águas, com os ventos, com a terra, com o sol, com a lua, com as estrelas... e chegamos ao porto onde desembarcamos para uma pausa... A viagem, a nossa viagem, continua...

Meus filhos: Talvanes, Tales e Taisson; noras: Raquel, Erlândia e Larissa; netos: Tiago, Débora, Guilherme, Teo e André. Rebentos também de vidas Severinas. Vidas que driblam situações adversas e encontram trilhas para a sua viagem. Viagem que se inicia venturosa para alguns. Para outros, já há muitas curvas a serem feitas... Para todos, no entanto, há um longo percurso. Precisam encontrar o seu porto, o porto de cada um que tem um outro à espera, um outro que forma o coletivo, coletivo que dá sentido à vida.

Minha professora orientadora Dra. Denise Bussoletti. É mais que uma professora e orientadora. É uma pessoa com alma e coração de gente que acredita no outro. Segura na mão do outro. Percebe as tempestades... Rasga o céu, o mar e a terra ao ver sinais de portos de chegada. Constrói pontes, abre portas e janelas... sente a luz refletir e por ela conduz os tripulantes da navegação que dirige. Dirige com o outro. A bússola, as velas e a âncora são construídas em conjunto... Acredita em quem está com ela. Sabe que haverá portos de chegada. Chegada, breve descanso de retirantes em busca constante de outros destinos... Acolhe vidas Severinas que também buscam um lugar onde possam existir, reconhecer-se, resistir e lutar por um mundo melhor. Um mundo onde a diferença faça diferença.

Meus amigos Pe. Valdery da Rocha e Prof. Benedito Genésio. Desafiadores de enfrentamento das minhas viagens, quase sempre turbulentas, pelos caminhos da educação. Acreditaram e apostaram no leme da minha canoa... Confiaram que eu encontraria um porto para ancorar, descansar e continuar viajando...

Colegas do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS). Grupo que compreende o seu tempo e com ele se conecta. Brota e faz brotar vidas, muitas vidas Severinas. Por ele e com ele abriu portas e janelas. Vi luz no fim do túnel. Algumas com forte clarão. Outras com iluminação mais discreta, mas sinalizando uma trilha... Nele senti acolhimento, alegria, medo e muita emoção.

Reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) na pessoa do Prof. Fabianno Cavalcante, que viabilizou a parceria UVA/UFPel.

Professor Glaudemir e professora Rejane. Empenharam-se pela materialização desta experiência por meio do Doutorado Interinstitucional (DINTER). E não foram poucos os desafios. Acreditaram que a formação é um processo contínuo, individual, mas, sobretudo, coletivo.

Colegiado do Curso de Ciências Sociais da UVA que possibilitou parte do meu tempo para este processo educativo, em mais uma etapa da minha viagem de formação.

Professores e professoras que contribuíram efetivamente com a concretização do DINTER numa parceria entre a UVA e a Faculdade de Educação da UFPel.

Colegas do DINTER. Enfrentamos, juntos, situações desafiadoras, mas animadoras para o processo de formação. O negacionismo científico e o descaso com

a educação brasileira, em todos os níveis, não tiraram a canoa da sua viagem. Aumentou o tempo da rota, houve mais curvas, mas chegamos ao porto imaginado.

Professores e professoras que estiveram na banca de qualificação e na defesa desta tese doutoral: Dra. Angelita Ribeiro, Dr. Aparecido Celório, Dr. Elimar Nascimento, Dra. Madalena Klein, Dr. Marcos Paulo e Dr. Pedrinho Guareschi. Perceberam sinais de turbulências na minha viagem doutoral. Sugeriram tripulantes para um diálogo de saberes acadêmicos e populares. Redirecionaram ventos. Armaram outras velas que poderiam ser necessárias em momentos de tempestades... Acreditaram na possibilidade de um ponto de chegada. Em um porto que havia sido imaginado por mim. Um porto que precisaria de outros para ser alcançado. Conseguimos... Pedrinho Guareschi tem uma forte influência na minha história de vida, através da pastoral de juventude e de outros movimentos que contribuíram e contribuem com a minha formação política e sociocultural. A ele um agradecimento especial por estar na banca de defesa desta tese.

Chico Marçal. Ouviu o canto da sereia. Uma sereia que se protege com os encantos² que estão no imaginário da população nativa de Jericoacoara nas suas diversas formas de representação.

Prof. João Ribeiro Paiva por revisar o texto com muito critério e competência. Compôs a tripulação da canoa que fez as travessias necessárias nesta viagem. Identificou luzes que iluminaram as curvas, muitas vezes fechadas para quem não as percebe e imagina uma Rota em linha reta, com um porto de chegada determinado.

Moradores de Jericoacoara que são atores neste espetáculo e no espetáculo da vida, muitas vezes vítimas da fantasmagoria que transformou o Serrote em Jericoacoara: Amarildo Tremembé, Baíca, Belisco, Durval, Zé do Chico do Meste e Véio, além do Leandro Sousa e Reginaldo Vasconcelos, pela sensibilidade em fotografar a Pedra do Encante e a Gruta da Princesa, imagens potentes para os nativos³.

² Utilizo nesta escritura a palavra encante, ao invés de encanto, como forma de reconhecer a sua importância na linguagem e no imaginário dos moradores nativos de Jericoacoara.

³ O termo nativo é reivindicado pelos moradores originários de Jericoacoara, sendo relevante para a construção da sua identidade frente a si próprios e aos moradores que se incorporaram à comunidade, aos quais denomino de adventícios. Nesta tese, priorizo a utilização do termo, embora também utilize as palavras moradores originários.

Não teria chegado ao porto desejado nesta viagem,
sem os pescadores do Serrote, hoje Jericoacoara.
Têm o meu respeito e admiração.
Por eles e para eles arquitetei esta tese.
Uma tese que nasce como vida Severina.

Ao Mestre Pedrinho Guareschi

O nosso mais profundo agradecimento
por acolher e lapidar
tantas pedras
que entranhando nossa alma
renovam os sentidos
de uma Educação
que resiste e que faz fluir
em direção
aos mistérios da vida.

José Osmar Fonteles
Denise Bussolett

01/09/2023

Resumo

FONTELES, José Osmar. **Educação pela Pedra: Jericoacoara, Memória e Narração**. Orientadora: Denise Marcos Bussoletti. 2023. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023

A tese intitulada **Educação pela Pedra: Jericoacoara, Memória e Narração**, constitui-se em uma viagem sem sair do lugar. Tem como objetivo principal narrar a história dos moradores nativos de Jericoacoara e a sua relação com a Rota das Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro. Uma viagem à deriva, realizada como um passeio fora das trilhas da Razão Instrumental, formatadas por esta Rota, com tempo e espaço determinados para cada movimento. Uma outra rota é proposta. Nesta viagem, com muitas curvas, as histórias são potencializadas pelo imaginário e pelas emoções de cada morador com experiências vividas e rememoradas no Serrote, antes e com a chegada do turismo. A proposta metodológica fundamenta-se nas interlocuções entre as concepções benjaminianas de história, memória e narrativa, e a perspectiva cunhada por James Clifford da etnografia surrealista. As formas de produção e apresentação desta tese amparam-se nas leituras benjaminianas acerca da íntima relação entre escrita e crítica epistemológica. *Método da composição*. Articula a narrativa através das aproximações com os textos literários de Italo Calvino, João Cabral de Melo Neto e Marilene. A tese sustenta a ideia de que não existe apenas uma, mas muitas Rotas das Emoções, distintas e não polarizadas. E o que o caminho narrativo mostrou e procura sugerir é que por trás (ou ao lado) da forma, existe um fundo, ou ainda, que o desafio de contar uma outra história da Rota das Emoções, permite compreender que, embora busquemos o particular de uma história, naquilo que a faz única, é, no entanto na relação com o geral que nos aproximamos mais da Outra história pretendida

Palavras-chave: Jericoacoara. Educação pela Pedra. Memória. Narrativas.

Abstract

SOURCE, José Osmar. **Education by the Stone: Jericoacoara, Memory, and Narration**. Advisor: Denise Marcos Bussolleti. 2023. 226 p. Thesis (Doctorate in Education) - Postgraduate Program in Education, School of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The thesis entitled **Education by the Stone: Jericoacoara, Memory and Narration**, constitutes a journey without leaving the place. Its main objective is to narrate the story of the native residents of Jericoacoara and their relationship with the Route of Emotions, especially about the village of Jericoacoara, in the state of Ceará, located in northeastern Brazil. A drift trip, carried out as a walk outside the trails of Instrumental Reason, formatted by this Route, with time and space determined for each movement. Another route is proposed. On this journey, with many curves, the stories are enhanced by the imagination and emotions of each resident with experiences lived and remembered in Serrote, before and with the arrival of tourism. The methodological proposal is based on the interlocutions between Benjamin's conceptions of history, memory and narrative, and the perspective coined by James Clifford of surrealist ethnography. The forms of production and presentation of this thesis are based on Benjamin's readings about the intimate relationship between writing and epistemological criticism. *Method of composition*. It articulates the narrative through approximations with the literary texts of Italo Calvino, João Cabral de Melo Neto and Marilene. The thesis supports the idea that there is not just one, but many Routes of Emotions, distinct and non-polarized. And what the narrative path has shown and seeks to suggest is that behind (or beside) the form, there is a background, or even, that the challenge of telling another story of the Route of Emotions, allows us to understand that, although we seek the particularity of a story, in terms of what makes it unique, it is, however, in relation to the general that we come closest to the intended Other Story.

Keywords: Jericoacoara. Education by the Stone. Memory. Narratives.

Resumen

FONTELES, José Osmar. **Educación por la la Piedra: Jericoacoara, Memoria y Narración**. Orientadora: Denise Marcos Bussoletti. 2023. 226 p. Tesis (Doctorado en Educación) – Programa de Posgrado en Educación, Facultad de Educación, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

La tesis titulada **Educación por la piedra: Jericoacoara, Memoria y Narración**, constituye un viaje sin salir del lugar. Su principal objetivo es contar la historia de los habitantes nativos de Jericoacoara y su relación con la Ruta de las Emociones, especialmente sobre el pueblo de Jericoacoara, en el estado de Ceará, ubicado en el noreste de Brasil. Un viaje a la deriva, realizado como un paseo fuera de las huellas de la Razón Instrumental, formateado por esta Ruta, con tiempos y espacios determinados para cada movimiento. Se propone otra ruta. En este viaje, con muchas curvas, las historias se potencian con la imaginación y las emociones de cada habitante con experiencias vividas y recordadas en Serrote, antes y con la llegada del turismo. La propuesta metodológica se basa en las interlocuciones entre las concepciones de historia, memoria y narrativa de Benjamin, y la perspectiva acuñada por James Clifford de la etnografía surrealista. Las formas de producción y presentación de esta tesis parten de las lecturas de Benjamin sobre la íntima relación entre escritura y crítica epistemológica. *Método de composición*. Articula la narrativa a través de aproximaciones con los textos literarios de Italo Calvino, João Cabral de Melo Neto y Marilene. La tesis apoya la idea de que no hay una sola, sino muchas Rutas de las Emociones, distintas y no polarizadas. Y que el camino narrativo ha mostrado y busca sugerir es que detrás (o al lado) de la forma, hay un fondo, o incluso, que el reto de contar otra historia de la Ruta de las Emociones, nos permite entender que, aunque buscamos lo particular de una historia, en lo que la hace única, sin embargo, es en relación a lo general que nos acercamos más de la Otra historia pretendida.

Palabras clave: Jericoacoara. Educación por la Piedra. Memoria. Narrativas.

Lista de Imagens

Imagem 1 - Gruta da Princesa – Jijoca de Jericoacoara, CE	41
Imagem 2 - Pedra Furada – Jericoacoara, CE	57
Imagem 3 - Pedra do Frade – Jericoacoara, CE	156
Imagem 4 - Pedra do Encante (Pedra Solta) – Jericoacoara, CE	190

Lista de Siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	Área de Proteção Ambiental
DINTER	Doutorado Interinstitucional
GIPNALS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
MTur	Ministério do Turismo
PARNA	Parque Nacional
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMACE	Superintendência Estadual do Meio Ambiente
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCs	Unidades de Conservação
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

Roteiro da Viagem

TRECHO 1 – Era uma vez: uma viagem e um roteiro (quase)invisível	17
Por uma Outra História	18
A viagem como caminho narrativo: a montagem	22
As imagens como portas.....	26
A música como lugar	28
A poesia como simpatia	31
Fontes e a arquitetura narrativa.....	34
Nota de edição.....	38
TRECHO 2 – Era uma Outra Vez	40
Um pouco mais acerca do traçado e das rotas narrativas	40
TRECHO 3 – As cidades invisíveis e Jericoacoara	56
As cidades e a memória 1	69
As cidades e a memória 2	73
As cidades sutis 1	77
As cidades e a memória 3	86
As cidades sutis 2.....	90
As cidades e os encontros 1	95
As cidades sutis 3.....	99
As cidades e os encontros 2.....	104
As cidades ocultas 1.....	112
As cidades e os encontros 3.....	126
As cidades ocultas 2.....	140
As cidades ocultas 3.....	148
TRECHO 4 – A Rota: das Emoções?	155
Uma Rota que é um espetáculo	158
Uma Rota com nome de emoção. Será?	172
TRECHO FINAL – Por uma educação pela pedra	189
A primeira lição pela pedra	192
Outra lição pela pedra	197
Lição 1 – A dicção da Memória	200
Lição 2 – A sutileza da Moral	200
Lição 3 – A poética dos Encontros.....	204
Lição 4 – A da Economia Oculta.....	206
Referências	208
Apêndice	215



TRECHO 1

**Era uma vez:
uma viagem e um roteiro
(quase) invisível**



Por uma Outra História

*Viajo para conhecer minha geografia*⁴, diz Marcel Réja em “Anotação de um louco”, citado por Walter Benjamin. E se inclino a letra, faço a referência no rodapé da página e cito sem aspas é pela necessidade de alertar ao leitor que esta escrita buscará ser experimentada como uma reconhecida viagem e como um elemento indissociável do fazer narrativo.

Uma viagem que teve como objetivo inicial narrar a história dos moradores nativos de Jericoacoara e a sua relação com a Rota das Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro.

Uma viagem provocada por um, entre os muitos caminhos possíveis por e entre, uma rota, a Rota das Emoções, que é como se intitula um roteiro integrado do turismo que compreende as Unidades de Conservação Federais: Parque Nacional de Jericoacoara - CE, Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba - PI e Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses - MA⁵.

Uma viagem à deriva, realizada como um passeio fora das trilhas da Razão Instrumental, orientada inicialmente pela Rota das Emoções. No entanto, a cada passo dado, a viagem foi se transformando, revelando aos poucos uma nova rota. Hoje, posso afirmar que o caminho percorrido se revelou uma descoberta surpreendente, trazendo à tona uma rota totalmente diferente da planejada, permitindo-me explorar além dos limites preestabelecidos, um maior mergulho nas emoções e na imprevisibilidade da jornada. Cada movimento, por menor que fosse, contribuiu para a construção dessa nova trajetória, revelando facetas desconhecidas e desafiadoras. Em retrospecto, percebo que o significado da viagem ultrapassou suas expectativas iniciais, enriquecendo-me com aprendizados inestimáveis e encontros inesperados. A incerteza do percurso foi transformada em uma oportunidade de crescimento e autoconhecimento, proporcionando uma experiência única e genuína.

A entrega à deriva experimentada foi, neste sentido, ousada, aventureira, instigante e desafiadora. *As pessoas que mergulham nesta aventura renunciam, por*

⁴ BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo horizonte; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 48.

⁵ Insere-se no programa do Governo Federal, criado em 2005O seu objetivo principal é *promover de forma integrada o desenvolvimento sustentável dos 77 municípios da região do Plano, que valorize o patrimônio natural e sociocultural e viabilize atividades econômicas inclusivas, dinâmicas e inovadoras, para a elevação da qualidade de vida da população*. Deveria possibilitar a melhoria no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH na região, identificado como o mais baixo nacionalmente, nos primeiros anos da década passada. BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região Turística do Meio-Norte**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009, p. 73.

*um período mais longo ou menos longo, às razões para se deslocar e agir que elas conhecem geralmente [...] para se deixarem levar pelas solicitações do terreno ou dos encontros que a ele correspondem*⁶.

A ideia de ser um aventureiro esteve presente desde o começo desta viagem. Algo como o deixar e o fazer acontecer o que sempre quis desde que conheci e me envolvi com o Serrote⁷, hoje Jericoacoara. *O aventureiro é aquele que faz acontecerem as aventuras, mais do que aquele para quem as aventuras acontecem*⁸.

Uma aventura que procurou e procura resguardar o objetivo acadêmico e a compreensão de que, em que pese os fascínios da viagem, é necessário partir, fazer um percurso e chegar ao horizonte desejado⁹. Para isto compreendi, por meio de Benjamin, que *achar palavras para aquilo que se tem diante dos olhos – quão difícil pode ser isso! Porém, quando elas chegam, batem contra o real com pequenos martelinhos até que, como de uma chapa de cobre, dele tenham extraído a imagem*¹⁰.

Palavras tão difíceis como o percurso que a questão de pesquisa aponta: **Como contar as histórias dos moradores nativos de Jericoacoara sobre a sua vida e sobra a Rota das Emoções?**

Esta questão foi guiada pela desconfiança inicial (que para alguns é chamada de hipótese) de que existia uma diferença significativa entre as narrativas instituídas pelo poder público e a iniciativa privada e a dos moradores nativos da região, especificamente de Jericoacoara, sobre o que é a Rota das Emoções e qual o seu verdadeiro papel na vida e na experiência desses moradores. Uma desconfiança que embasava a convicção de que a diferença na significação atribuída à Rota das Emoções pelos moradores nativos não estava relacionada diretamente ao turismo. Era de outra ordem. Mas como uma questão leva a outra, continuei questionando: que ordem seria esta?

A procura, os encontros e os desencontros foram, aos poucos, revelando o que espero que o conjunto deste trabalho possa demonstrar, ou seja, a tese de **que não existe apenas uma, mas muitas Rotas das Emoções, distintas e não polarizadas. O que o caminho narrativo mostrou e procura sugerir é que por trás (ou ao lado)**

⁶ DEBORD, G. Théorie de la Derive. **Les Lèvres Nues**, n. 9, 1956.

⁷ O nome Serrote, com a inicial maiúscula é registrado nesta escritura para designar Jericoacoara antes do turismo. Quando o registro foi feito com a inicial minúscula refere-se à elevação rochosa. É neste serrote que está o encanto de Jericoacoara.

⁸ INTERNATIONALE LETTRISTE. Le Bruit de la Fureu. **Potlatch**, n. 6, 1954.

⁹ ROAUNET, S. P. **A Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

¹⁰ BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 203.

da forma, existe um fundo, ou ainda, que o desafio de contar uma outra história da Rota das Emoções, permite compreender que, embora busquemos o particular de uma história, naquilo que a faz única, é, no entanto na relação com o geral que nos aproximamos mais da Outra história pretendida.

No entanto a tese, como fio narrativo desta história, só foi possível de ser vislumbrada, quando o texto se abriu também para a possibilidade de identificação de que embora existam muitas versões, falamos todos de Rotas, mundos, cidades que o caminho literário permitiu atravessar e aproximar. Distâncias que o fluxo narrativo busca reproduzir através da articulação entre os fragmentos da cidade de Jericoacoara através da memória do pesquisador, de outros fragmentos recolhidos através das entrevistas com os moradores, como também, em outros fragmentos de outras cidades, como as de Calvino, Benjamin, João Cabral de Melo Neto, Marilene Felinto, entre outros.

Enfim, o que o caminho narrativo pela tese e em síntese busca sugerir é o apelo pela necessidade de encontrar e contar uma outra história da Rota das Emoções, nesta grande viagem da qual a Educação é parte. Uma história, cuja experiência narrativa permita uma reconexão entre as diferentes histórias e a consciência de nós mesmos, das nossas cidades interiores, como lugares de luta e de resistência contra a barbárie e contra o aniquilamento da memória e de seus sujeitos, como protagonistas de suas emoções e de suas próprias Rotas, invisíveis, porém não menos reais e realizáveis.



A viagem como caminho narrativo: a montagem

Para que esta viagem como caminho narrativo avançasse, amparei-me nas interlocuções entre as concepções benjaminianas de história, memória e narrativa, e nos conceitos e construções a essas relacionados pelo GIPNALS¹¹, através da perspectiva cunhada por James Clifford como etnografia surrealista.

O que implica também em dizer, que as formas de elaboração e apresentação desta tese apoiam-se nas leituras benjaminianas acerca da íntima relação entre escrita e crítica epistemológica. *Método da composição: como em tudo o que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos imersos deve lhe ser incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam consigo um télos em relação a esse trabalho. É o caso também deste projeto, que deve caracterizar e preservar os intervalos de reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltados com máxima intensidade para fora*¹².

Amparam-se, também, em algumas “escolhas” que a escrita reflete como parte desta elaboração em exercício. Entre essas escolhas, a já citada nas primeiras linhas, irá incorporar as contribuições de outros autores utilizando o recurso digital do itálico como parte do desafio de aprendizado da *arte de citar sem aspas*.

Pela escrita, o convite é para que a viagem se reproduza como narrativa e como parte do aprendizado do método de compor um trabalho através da montagem de fragmentos. Assumo, assim, na arquitetura do texto, as citações sem aspas, quase sempre de forma direta, tentando seguir a indicação benjaminiana onde parte do esforço narrativo resulta na compreensão de que: *Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os*¹³.

A arte de citar sem usar aspas está inserida em uma *teoria intimamente ligada à da montagem*¹⁴. Citações como *constelações de associações de palavras, que mesmo conservando as características de sua fabricação são acrescidas de algo que é próprio de quem se lança nessa aventura, uma outra ordem, um tempo diferente,*

¹¹ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte e Linguagem, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/gipnals/gipnals/>.

¹² BENJAMIN, 2006, p. 499.

¹³ Ibid., p. 502.

¹⁴ Ibid., p. 500.

*uma mesma presença, como alegoria do passado. Escrever por citações é uma forma de preservar a ‘recordação como íntima’¹⁵. As citações nesta tese resultam, assim e enfim, da provocação benjaminiana, que as utiliza em seu contexto, como *salteadores, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção*¹⁶.*

Procuro mostrar, portanto, através da montagem, por fragmentos, como parte do método, uma aproximação com a busca pela necessidade de encontro do desafio de como contar a história dos moradores nativos de Jericoacoara. Tarefa nada fácil. E é importante que se diga, pois, que trabalhar com o inacabado, com o inconcluso, com o fragmentário, com o associativo, com o desvio e com as imagens dialéticas, exigiu e exige uma predisposição à flexibilização e à renovação constante do pensamento e uma sensibilidade crítica e atuante às multiplicidades do real¹⁷.

Para escutar, compreender e narrar, nesta viagem, percorri e percorri-me para encontrar e me reencontrar como parte desse método da montagem literária e aos poucos fui compreendendo o significado profundo da epígrafe benjaminiana que diz que: *Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução*¹⁸.

Pelas instruções, é que fui aprendendo coisas como a descoberta de que um fluxo narrativo pode ser estabelecido através de algo como um roubo de outros autores, de uma, ou duas palavras, ou até, por vezes de frases curtas, ou até mesmo de textos longos. Aprendi, que eu só poderia escrever essa história, se eu aprendesse o significado mais profundo do método da citação como ato ou roubo de palavras. E aprendi roubando muito, ou apenas compreendi que para contar a história inicial pretendida era necessário re/aprender tanto a escrever, como a ler os textos, reinterpretá-los, aproximando-me tanto daquilo que Benjamin chamou de citação sem aspas, quanto o que Calvino, se refere como sendo os *Furtos com Arte*¹⁹, onde o “roubo” é parte essencial do processo criativo, seja em escrita, leitura, linguagem e/ou literatura. Limites e contornos que problematizam realidade e ficção narrativa.

¹⁵ BUSSOLETTI, D. M. Fisiognomias: Walter Benjamin e a escrita da história através de imagens. **Estudos Históricos – CDHRP**, Uruguay, ano II, nov. 2010, p. 5.

¹⁶ BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 21.

¹⁷ BUSSOLETTI, 2010.

¹⁸ BENJAMIN, 2000, p. 73.

¹⁹ CALVINO, I. **Mundo escrito e mundo não escrito** – artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Reafirmo, assim, através deste trabalho também, que não se trata de evitar, ou apenas recusar as normas abeinitáveis²⁰. Cada palavra, cada linha deste trabalho faz parte destes pequenos/grandes movimentos, que por sua vez fazem parte indissociável do processo de apropriação do método, e da busca pela arquitetura de um texto narrativo que possa ressaltar a beleza e o encantamento das experiências em linguagem e da luta pela recusa do empobrecimento da experiência narrativa.

Um trabalho que pode ser associado, e por que não, a um esforço pela arquitetura que investiga os processos relacionados ao como construir portas. Arquiteturas e portas que a poética de João Cabral de Melo Neto, melhor e assim diz como sendo: *A arquitetura de como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e teto*²¹.

²⁰ A expressão abeinitáveis, em tom propositadamente irônico, faz parte das discussões empreendidas pelo Grupo de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) da Universidade Federal de Pelotas. Neste texto, essa expressão condensa a crítica à adequação e à utilização irrefletida da norma técnica exigida aos trabalhos acadêmicos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). In: SILVA, C. A. O. **Donde musica hubiere, cosa mala no existiere**: Uma collage do Concerto Vox Chorum do Coral UFPel. 2019. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019, p. 14.

²¹ MELO NETO, J. C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020, p. 386-387.



As imagens como portas

Procurei portas que possibilitassem construir o aberto. Realizei, também, outras escolhas que podem ser observadas através da utilização das imagens fotográficas por entre as seções deste trabalho.

O que busquei, e busco, não é uma mera ilustração fotográfica, mas o exercício da convicção benjaminiana de que uma história é feita de imagens.

As imagens fazem parte da arquitetura textual no sentido da discussão, denunciada por Benjamin, da perda da aura pela ascensão da modernidade, das técnicas de reprodução capitalista e a consequente perda da atmosfera de unicidade e transcendência de tudo aquilo que fazendo parte da criação acaba se desvinculando, cada vez mais, da vida das próprias pessoas.

A ideia foi enfrentar as imagens dos cartões postais na direção das imagens indicadas através das histórias dos moradores durante o trabalho de pesquisa.

A proposta foi e é, a de buscar, também pelas imagens, o encontro com essas histórias que pela escrita, se mostram como sutis lugares de encontro daquilo que por algum motivo, ou vários, se tornou oculto (e isto será retomado ao final).



A música como lugar

O processo de re/conhecimento desse meu lugar, também através da música foi se impondo, como necessidade de aprendizado narrativo. E se as imagens não são ilustrações, a música, como parte do trabalho narrativo, não é, por sua vez, somente letra, nem muito menos alguma iniciativa que se enquadre em finalidades de entretenimento, ou ludicidades que por vezes alguns trabalhos sucumbem. Almejo, através dos fragmentos musicais mostrar (também como parte de aprendizado do método) aquilo que Benjamin compreende quando diz *que o trabalho em uma boa prosa tem três graus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida*²².

Enfim, como um outro recurso que objetiva mostrar parte deste tensionamento que compõe os degraus do processo narrativo e sua composição, através do degrau musical que, pelo texto se mostrará da seguinte forma:

O que é que pode fazer o homem comum.
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar.
A vida comovida Inteiramente livre e triunfante?
O que é que eu posso fazer.
Com a minha juventude.
Quando a máxima saúde hoje
É pretender usar a voz?
O que é que eu posso fazer.
Um simples cantador das coisas do porão?
Deus fez os cães da rua pra morder vocês
Que sob a luz da lua.
Os tratam como gente - é claro! - aos pontapés
[...]
fique você com a mente positiva.
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa.
Esta é minha canoa:
Eu nela embarco.

²² BENJAMIN, 1987, p. 24.

Eu sou pessoa!
A palavra pessoa hoje não soa bem.
Pouco me importa! Não!
Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção!
Nordeste nunca houve!
Não!
Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem
*Conheço o meu lugar!*²³

Aos que desagrado me perdoem, foi e é inevitável dizer que doutorar também pode ser algo tão simples e tão complexo como dizer: **Conheço o meu lugar!!!**

Os fragmentos das obras musicais que fizeram e fazem parte do repertório, são de autoria e/ou interpretação do artista cearense Belchior que em seu trabalho produziu um intenso diálogo com a literatura brasileira e mundial.

A proposta é através de Belchior, também dizer, que

Palavra e som são meus caminhos [...]
E eu sigo, sim
*Faço o destino com o suor de minha mão.*²⁴

²³ BELCHIOR. **Conheço o meu Lugar**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44452/>. Para ouvir a canção na íntegra acesse: <https://youtu.be/TeliPgCNwj8>. Acesso em: 8 jul. 2021.

²⁴ BELCHIOR. **Não Leve Flores**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/344914/>. Para ouvir a música na íntegra acesse: <https://youtu.be/L-Lxn-IQUMc>. Acesso em: 8 jul. 2021.



A poesia como simpatia

A proposta é a de que o fluxo narrativo possa, também, se mostrar pela palavra e pela música, em função poética, melhor dizendo, em fluxo de água, que repetindo, pedem para que sejam apresentados, mais ou menos, assim:

*As vozes líquidas do poema convidam ao crime ao revólver.
Falam para mim de ilhas que mesmo os sonhos não
alcançam.
O livro aberto nos joelhos o vento nos cabelos olho o mar.
Os acontecimentos de água põem-se a se repetir na
memória²⁵.*

Enfim, os fragmentos poéticos, tais como o deste poema de João Cabral de Melo Neto, assim como outras formulações, incluindo as letras musicais, fazem parte intrínseca da composição textual. Uma estratégia que, aliada à anterior, caminha no mesmo sentido, ou seja, explora os limites tangenciados pela palavra na busca daquilo que não está e não se mostra de imediato.

Um poético recurso para tentar dizer da espera, do mar, da viagem, das *pisadas*, ou da *simpatia calada*, por tudo aquilo que permeando o texto busca pelo espaço e pelo tempo em que se possam dizer coisas como:

*A um rio sempre espera.
Um mais vasto e ancho mar.
Para a gente que desce é que nem sempre existe mar,
Pois eles não encontram
Na cidade que imaginavam mar.
Senão outro deserto.
De pântanos perto do mar.
Por entre esta cidade.
Ainda mais lenta é minha pisada;
Retardo enquanto posso.
Os últimos dias da jornada.
Não há talhas que ver.*

²⁵ MELO NETO, 2020, p. 47.

*Muito menos o que tombar:
Há apenas esta gente.
E minha simpatia calada*²⁶.

*Agrada-me para te fazer aqui remar,
meus próprios remos sobre o meu próprio mar,
e voar ao céu por uma via estranha*²⁷.

O mar que levo comigo – ou que me leva? – por onde transito, quebra e esparrama suas ondas na preamar, como lençóis brancos estendidos sobre a areia, limpando o caminho por onde deixo minhas pisadas, através das minhas cidades, através também do auxílio, por vezes de outros poetas e poemas, também assim: *O raso Fora-de-Portas de minha infância menina, onde o mar era redondo verde-azul e se fundia com um céu também redondo de igual luz e geometria!*²⁸

²⁶ MELO NETO, 2020, p. 100.

²⁷ RONSARD, P. **Euvres Complètes**. Vol. II. Paris: Bibliothèque de La Pleiade, 1976, p. 282.

²⁸ MELO NETO, J. C. **Melhores Poemas**. 10. ed. São Paulo: Global, 2010a, p. 317.



Fontes e a arquitetura narrativa

Sigo, dessa forma, em viagem, de fragmento em fragmento, na busca do processo de descontextualização dos objetos, extraídos de uma contextualização geral e ressignificados em outro contexto, seguindo Benjamin, e o processo lento de procurar escrever e fazer pesquisa, unindo forma e conteúdo.

Para esta forma de composição e arquitetura de escrita retomo os dois autores, já referidos, que são centrais na escrita narrativa. Das leituras de Walter Benjamin, como filósofo e crítico cultural, foi que surgiu o desejo de explorar a escrita de pesquisa como uma viagem, uma fonte inesgotável por onde a recuperação da capacidade narrativa poderá se dar. É em Benjamin, que busco amparo, para valorizar o esforço narrativo, tal como um *flâneur*, em um encontro necessário com o inusitado de uma atitude contemplativa e com a recuperação do fluxo das experiências, o que inclui até mesmo as mais efêmeras, que foram se perdendo pelo advento do capitalismo no fluxo da modernidade.

O outro autor, central para a composição e arquitetura narrativa, também, já referido, é Ítalo Calvino, que especificamente através da sua brilhante obra literária, *As Cidades Invisíveis*²⁹, inspirou o percurso narrativo que proponho como uma forma de contar a história desta pesquisa/viagem. Inspiração, obviamente, porque a intenção, não é, nem poderia ser, de fundamentação e argumentação literária, mas sim, de auxílio na busca, através daquilo que a ousadia do método permite, que é o encontro com a imaginação e com a criação como parte do esforço pela autoria de pesquisa pretendida. A obra de referência é uma coleção de 55 cidades imaginadas, cada uma com sua especificidade, onde todas possuem um nome de mulher. As Cidades Invisíveis que farão parte da viagem proposta nesta tese serão, no entanto, doze cidades e terão outros nomes que não os originais.

Porém, em que pese a questão de gênero não ser uma das temáticas que orientam de forma central a discussão desta pesquisa, tornou-se muito difícil negar as contribuições inerentes ao campo da alteridade narrativa que de outros lugares problematizam, por exemplo a representação da mulher nordestina pobre na literatura brasileira. Sem querer entrar no âmago, portanto, desta complexa reflexão, mas compreendendo que é um ponto de crucial diferenciação para a perspectiva de escrita de pesquisa pretendida procurei manter no texto, propositadamente, as tensões narrativas, utilizando por um lado, os textos dos autores de referência Calvino e João

²⁹ CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. O Globo, Folha de São Paulo, São Paulo, 2003.

Cabral, mas por outro, denunciando e assumindo as ausências da alteridade narrativa através dos nomes das cidades, utilizando uma outra obra literária, desta vez de uma mulher pobre, negra e nordestina, Marilene Felinto³⁰, através de seu romance, “As Mulheres de Tijucopapo”³¹.

Considerando isto, busquei nas personagens de Marilene Felinto, um nome, que mais pudesse mostrar, das mulheres e de sua força narrativa. Destaquei, assim, através dos nomes das doze cidades imaginadas, as seguintes personagens: Adelaide, Luciana, Analice, Nema, Julieta, Odete, Libânia, Ilsa, Penha, Carmelita, Ruth e Rísia.

Por entre diferentes formas intercaladas e complementares, serão apresentados os narradores através do texto. A intenção foi a de exercitar os contornos da escrita da história pretendida criando também a possibilidade de enriquecimento da experiência de leitura. Nesta perspectiva cada um dos narradores é representado como um dos personagens que participam da viagem e que se mostrarão através das memórias do pesquisador, das falas dos moradores entrevistados, dos fragmentos poéticos, da poesia de João Cabral de Melo Neto (principalmente), da música de Belchior e das referências acadêmicas e literárias através de um diálogo, por vezes real, por vezes imaginado entre duas principais imagens síntese, a do viajante (que pode se apresentar como muitos) e a dos moradores, também com as suas multiplicidades.

A proposta, também tomada de empréstimo de Calvino, é de que não exista uma progressão linear, ou tradicional do enredo e da estrutura narrativa. Uma abordagem fragmentada, como já dito, foi adotada, porém existem unidades temáticas

³⁰ Cabe dizer que os romances de Felinto são textos basilares para se pensar a dimensão da alteridade nordestina a partir de 1980, e, por serem representativos nesse sentido é que não podem continuar alijados das discussões. A autora rompe com as rotulações da migrante porque suas personagens – assim como ela – exprimem uma nova forma de dar voz aos que vêm das margens. Veja mais em: NASCIMENTOS, I. Outras Macabéas: uma nova perspectiva de representação da mulher nordestina na produção de Marilene Felinto. **Scripta Alumni - Uniandrade**, n. 22, 2019. Disponível em: <http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>. Acesso em: 10 fev. 2022.

³¹ FELINTO, M. As Mulheres de Tijucopapo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. *Escrito na década de 80, o romance As mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto, aponta para o questionamento do discurso hegemônico na literatura, colocando em cena as contradições que caracterizam a sociedade e a cultura multirracial brasileira. O discurso da personagem-protagonista (Rísia) se move no caminho de retorno às suas origens, ao Tijucopapo, que remete historicamente a uma pequena vila onde, no século XVIII, um grupo de mulheres lutaram sozinhas contra os invasores holandeses e os expulsaram. Através de sua identidade nordestina, a protagonista conhece a dor das diferenças, vivendo na grande cidade paulista e resolve voltar ao tempo e ao espaço primeiro de sua identidade cultural para melhor compreender-se e libertar-se.* Veja mais em: VIEIRA, S. As Mulheres de Tijucopapo: a escrita da dor. **Rev. de Letras**, n. 23, v. 1/2, p. 42-45, jan./dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2194/1664>. Acesso em: 4 jan. 2023.

que procuram produzir alguns elos importantes de relação na viagem. Neste sentido, as Cidades Invisíveis, neste texto, são utilizadas através da escolha de quatro grupos temáticos: As Cidades e a Memória, As Cidades Sutis, As Cidades dos Encontros e as Cidades Ocultas.

Os relatos narrativos das doze diferentes cidades, que constituem o “TRECHO 2” desta viagem estão organizados em quatro seções separadas, 1,2,3 e 4, também inspiradas pelas Cidades Invisíveis de Calvino, e em cada seção existem 3 cidades. Cada seção pretende alcançar alguma simetria ou duplicação relacionada à arquitetura específica e ao conjunto das cidades, assim dispostas.

TRECHO 2: As cidades e as Pedras de Jericoacoara

1	3
As cidades e a Memória 1 (Adelaide)	As cidades Sutis 3 (Libânia)
As cidades e a Memória 2 (Luciana)	As cidades e os Encontros 2 (Ilsa)
As cidades Sutis ³² 1 (Analice)	As cidades Ocultas 1 (Penha)
2	4
As cidades e a Memória 3 (Nema)	As cidades e os Encontros 3 (Carmelita)
As cidades Sutis 2 (Julieta)	As cidades Ocultas 2 (Ruth)
As cidades e os Encontros ³³ 1 (Odete)	As cidades Ocultas 3 (Rísia)

Uma trajetória complexa de muitas curvas e várias travessias, que se esforçou por tentar dizer um pouco disso que foi e é o processo de pesquisa em busca pela forma de encontro narrativo através da Rota das Emoções e da riqueza inesgotável de seu universo de sentidos.

³² No original Italo Calvino denomina estas cidades como sendo “*città sottili*”, que poderia ser literalmente traduzida como “finas” ou “delgadas”, como o fez o tradutor do texto utilizado como referência, Diogo Mainardi. No entanto, preferi adotar uma outra tradução denominando-as de “cidades sutis” tentando preservar o sentido de algo delicado, tênue ou sutil, associado à noção de fragilidade e efemeridade, presentes numa leitura possível do agrupamento destas cidades apresentadas por Calvino.

³³ Na mesma perspectiva, adotei para a denominação das “*città dello scambio*”, não pela tradução literal que seria “cidades das trocas”, mas sim como sendo “cidade dos encontros” tentando preservar a ideia de que essas cidades são lugares de interação e conexão entre diferentes pessoas, culturas e ideias.



Nota de edição

Diante do até agora dito, ressalto, ainda, que este trabalho se apresenta/produz através de uma referência deliberada por uma edição gráfica não profissionalizada, fato que muitas vezes, pelas produções acadêmicas é um recurso terceirizado pelos autores/pesquisadores. Realizo, assim, uma “edição caseira”, própria, também como parte do referido aprendizado do método, onde a composição é parte fundamental da experiência crítica e criativa do escrever. Ressalto, também, que o objetivo enfim, ao utilizar os poucos e poucos recursos gráficos acessíveis ao autor, nunca foi o de uma mera demonstração de apropriação técnica e/ou perfeita de tais recursos, mas sim, o que busquei e busco é manter próximo a experiência da escrita provocada pela leitura benjaminiana, algo como o exercício perdido na infância de ressignificar através dos menores fragmentos os sentidos maiores do mundo.

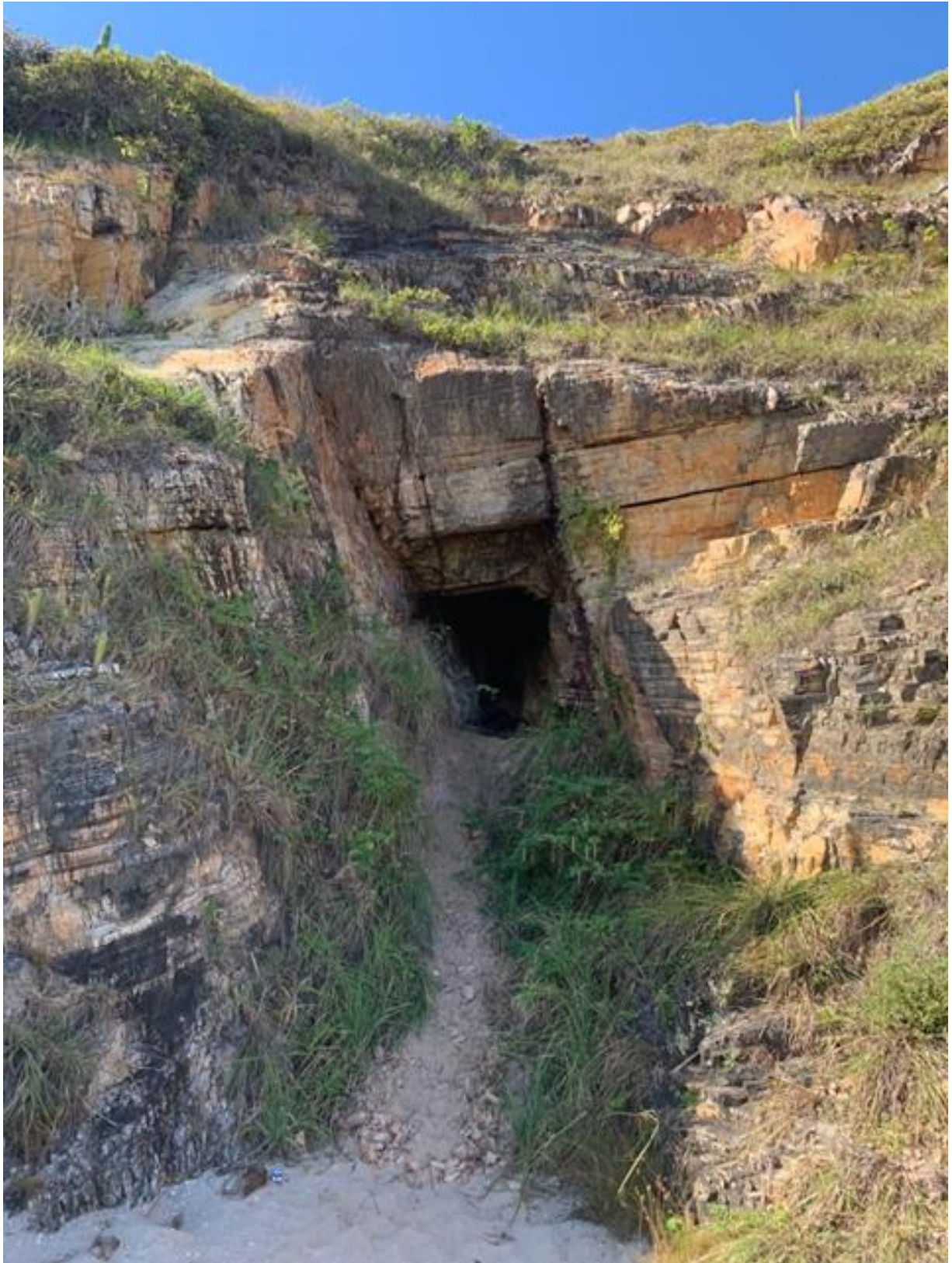
Considerem, pois, os limites, os erros, as lacunas e as possíveis impropriedades do texto que segue, como marcas de uma autoria que não se vê e nem se quer finda, afinal tudo isso é parte inseparável do que subjaz este trabalho (por vezes insano) de busca pela história, pelo autor e pelo encontro do sentido narrativo.



TRECHO 2

Era uma Outra Vez...

**Um pouco mais acerca
do traçado e das rotas narrativas**



34

³⁴ Gruta da Princesa – Jijoca de Jericoacoara. Registro de Francisco Reginaldo de Vasconcelos, morador nativo local.

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto, ou oba-oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais
Um preto, um pobre
Uma estudante, uma mulher sozinha
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
Garotas dentro da noite, revólver: Cheira cachorro
Os humilhados do parque com os seus jornais
[...]
Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe, o profeta do terror que a laranja mecânica
anuncia
[...]
Amar e mudar as coisas me interessa mais
Amar e mudar as coisas
Amar e mudar as coisas me interessa muito mais³⁵.*

³⁵ BELCHIOR. **Alucinação**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/153384/>. Para ouvir acesse: https://youtu.be/e_8mss0AgyY. Acesso em: 8 jul. 2021.



Busquei traçar as rotas desta viagem através de percursos que permitissem narrar a história de Jericoacoara, tal como um navegante que aprende as suas mais importantes lições através das estrelas e do mar. Desde os primeiros movimentos procurei contemplar coisas como a chegada do estranho, os encontros e desencontros entre o nativo, o adventício³⁶ e o viajante.

A base da arquitetura narrativa, foi a experiência dos moradores nativos de Jericoacoara, antes e após a entrada do turismo, a partir das histórias que eles contam sobre a sua vida e sobre a Rota das Emoções. Essa base se articulou com a minha experiência, como educando e educador, como profissional e como pesquisador. Nesse processo, visualizei a educação em sua expressão mais ampla, focando a experiência dos moradores, mas ao mesmo tempo, e de forma muito próxima, procurei estabelecer um exercício de reflexibilidade, considerando a minha história na Vila de Jericoacoara e no contexto da Rota das Emoções.

Lugares de pesquisa, momentos de se achar e de se perder. Busquei no Outro e em mim próprio o que quero desvendar e que de alguma forma fazem parte das verdades e suas necessidades. Escrever esta tese, portanto, significou um reencontro, com parte da minha história que ainda estava ou está para ser narrada através dos sujeitos, moradores nativos através de suas vivências no cenário da transição para a modernidade, com a entrada do turismo no nordeste brasileiro.

Sujeitos, porque deve ser o pescador nativo de Jericoacoara o narrador da sua história, nos seus mais diversos momentos e riqueza de detalhes, em diferentes aspectos. E o que eu tentei e tento, ao pesquisar sobre a forma mais oportuna de contar sobre esta história, é expressar, um pouco pelo menos, do imenso labirinto narrativo, que somos tomados, ao tentar interligar os diversos tempos, que fazem parte de muitas e diferentes possibilidades de viagens pela Rota das Emoções.

Como uma das formas de percurso labiríntico associei-me a esta história, como narrador, entrando nela com a minha trajetória de vida e com as experiências

³⁶ Pessoas que não tinham nenhuma relação com a comunidade e que, com a chegada do turismo, passaram a residir no lugar. São chamados também de estrangeiros e forasteiros pelos moradores nativos.

desenvolvidas na comunidade de Jericoacoara, mas também fora dela, centrado nela. *Uma combinação de autoria coletiva da história, da qual somos todos coautores, e de autoria individual, invenção assinada, que é daquele personagem chamado autor e que, de fato, sempre é um narrador, um contador de histórias*³⁷.

Para me inserir nesta história foi preciso abrir o leque das lembranças, explorar as suas diversas dobras no sentido das infinitas possibilidades de lembrar. Busquei inserir-me como se de alguma forma eu estivesse em um teatro que se desenrolava sem o controle do autor, e onde a minha história foi sendo entrelaçada com outras histórias e com a história dos Outros, na narrativa. E se estou escrevendo Outro com O maiúsculo, é porque são muitos que me acompanham no decorrer do trajeto. Entretanto, os Outros em destaque nesta escritura são os moradores originários de Jericoacoara. Ou ainda, aqueles que Arroyo³⁸, denomina como Outros Sujeitos, ou seja, as populações latino-americanas que viveram e resistiram aos massacres coloniais, reafirmando-se por meio das suas ações *nos campos, nas florestas, nas cidades, questionando as políticas públicas, resistindo à segregação, exigindo direitos. [...] São os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponês, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmaram sujeitos de direitos. Outros Sujeitos.*

Procurei extrair as imagens através das lembranças, como se iluminando-as e expressando-as, sem perder a preciosidade que elas guardam na minha memória, mesmo que hoje morando fora da Comunidade. Nisso fui aprendendo aos poucos que *o narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é deixa-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida*³⁹.

Busquei compreender a história dos nativos, não apenas como alguém que só escutava, mas também falava, era ouvido, e de alguma forma contemplava e era contemplado por interesses e expectativas, numa relação dialogal, mesmo que conflitiva. Pois, *creio que à medida que começo a pensar o ser humano a partir das relações, uma nova dimensão surge na minha prática: a dimensão da alteridade. Damo-nos conta de que o outro é alguém essencial em nossa existência no nosso*

³⁷ CIAMPA, A. **A Estória de Severino e a História de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 157.

³⁸ ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 5. reimp. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 9.

³⁹ BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 240.

*próprio agir. Ele se torna alguém necessário, alguém imprescindível para a própria compreensão de mim mesmo*⁴⁰.

A escrita, compreendida como escritura, nesta tese, buscou trazer à tona parte das experiências de vida minhas e de Outros que ainda não puderam exercer o seu poder de fala, com a legitimidade necessária para conseguirem viver em um espaço – social e territorial – que agora não é apenas seu. O seu lugar tem agora outras representações, com imagens que o torna conhecido e desejado por visitantes e empresários turísticos. Há uma nova ordem estabelecida para esse lugar que um dia já foi só dos nativos de Jericoacoara.

Procurei também não só olhar e compreender o passado a partir das memórias dos Outros que o viveram, mas ao narrar, instituir a possibilidade de transformação destas memórias em uma tese ou um “produto” acadêmico que permita acima de tudo valorizar as experiências de vida da comunidade e de seus sujeitos, como autores de sua história e de seus destinos.

Lembro que em uma outra vez, por ocasião das minhas pesquisas em Jericoacoara, um morador, já falecido, precocemente, disse mais ou menos assim: *rapaz, vocês vêm aqui, conversam, perguntam, fazem as pesquisas de vocês e nunca voltam para trazer os resultados*. Sentiu-se usado, como objeto, literalmente. Defendo que as nossas pesquisas devem subsidiar, não somente produtos acadêmicos, mas fazerem parte viva de políticas, programas e projetos que contribuam com a melhoria da qualidade de vida das comunidades e populações envolvidas. Isto porque *a exigência da rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado*⁴¹.

Os cenários que pretendi contemplar nesta viagem não foram apenas os formatados através dos conhecidos roteiros turísticos – de massa, principalmente. Embarquei na canoa da pesquisa e tentei deixar que os ventos soprassem em direção às pessoas, à cultura e aos ambientes naturais e, com o leme, conduzido pelo mestre, chegar em algum horizonte possibilitado para esta experiência.

⁴⁰ GUARESCHI, P. A Alteridade e Relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, A. (org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 160-161.

⁴¹ GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 19.

Fiz curvas e curvas pela Rota para indagar e compreender se os moradores nativos sabiam o que era a Rota das Emoções e qual era a sua relação com esta. As experiências que busquei foram trazendo-me um olhar desembaçador da visão temporal, e aos poucos fui sendo arremessado para os desafios de uma construção alegórica. Para tanto busquei referência na perspectiva benjaminiana da história e na etnografia surrealista. Um método que possibilitou-me aprender a enxergar o que me era familiar, *provocando o estranhamento do comum para, a partir do seu impacto, suscitar novas interpretações do mundo*⁴².

Segui os passos de Benjamin, onde método é *caminho não direto*. A *representação como caminho não direto* é esse o tratado. As suas primeiras características é a *renúncia ao percurso ininterrupto da intenção*. O pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa. Esse infatigável movimento de respiração é o modo de ser específico da contemplação. De fato, seguindo na observação de um único objeto, os seus vários níveis de sentido, ela recebe daí, quer o impulso para um arranque constantemente renovado, quer a justificação para a intermitência do seu ritmo. E não receia perder o ímpeto, tal como um mosaico não perde a sua majestade pelo fato de ser caprichosamente fragmentado⁴³.

O olhar para Jericoacoara possibilitou-me uma inteligibilidade dos diversos momentos que a população local vivenciou e vivencia, lugares onde *passado, presente e futuro, podem ser lidos com a intenção de recuperar cada um deles na interpretação filosófica*. Esse gesto coloca em movimento aquelas distâncias temporais, *provocando o seu encontro*⁴⁴, erguendo uma nova construção, que comporte os moradores do presente, com a consciência do seu passado. *E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Portanto, romper com o naturalismo vulgar. Aprender a construção da história como tal*⁴⁵.

Parti do princípio de que a pesquisa é uma via de mão dupla. Traz e leva informações, conhecimentos, ensino e aprendizagem. E que pode e deve haver uma

⁴² BUSSOLETTI, D. M.; DUARTE, K.; VARGAS, V. S. Etnografia Surrealista: contribuições para pensar a pesquisa em educação. *Hispanista*, v. XX, n. 76, jan./mar. 2019, n./p.

⁴³ BENJAMIN, W. **Origem do Drama Trágico Alemão**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 16-17.

⁴⁴ MURICY, K. **Alegorias da Dialética**: Imagem e Pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: NAU, 2009, p. 306.

⁴⁵ Ibid., p. 307.

troca de saberes entre os sujeitos envolvidos nela e com ela, desde os autores nos quais me referencio, até os narradores envolvidos diretamente com o meu campo de estudo, os Outros. Os saberes que são construídos, intercambiados, são também de mão dupla. Saem da academia para o popular e vice-versa, numa relação dialogal, multicultural, alicerçada na alteridade. Tem o Outro como detentor de uma experiência que, somada à minha experiência, resulta em um novo saber.

O reencontro com o Outro, na relação do pesquisador com o pesquisado, procurou observar rigorosamente os princípios éticos da pesquisa e das relações humanas. Atentando-me para aquilo que Amorim⁴⁶ orienta sobre *uma noção sincrética de alteridade: o **outro** aqui é o interlocutor do pesquisador. Aquele **a quem** ele se dirige em situação de campo e **de quem** ele fala em seu texto.*

Como pesquisador precisei re/aprender a deixar o que se manifestava como pesquisado a desnudar-se do seu mundo até então submerso em qualquer forma de marginalidade, expondo as suas diferenças, os seus modos de vida, revelando desigualdades, tensões e conflitos internos e externos.

Isto pela compreensão de que a força narrativa não pode se limitar ao que o narrador acha que deve ser dito e aos limites das normas e procedimentos técnico-científicos e teórico-metodológicos. É e foi necessário aproximar a força narrativa dos sujeitos que narram, o que realmente consideram importante na sua vida, no contexto da pesquisa, como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento e da vida. Para tanto, busquei construir relações que permitissem depoimentos com base na segurança e na confiança das trocas, e que, não raras vezes, se manifestaram como se fossem um grito que estava até então preso e que ao livrar-se das amarras, possibilitou um alargamento narrativo no sentido da compreensão do espaço dos sujeitos, através de suas histórias e seus modos de ser e viver no mundo.

Penso que no percurso deste trabalho consegui afirmar o compromisso ético e social em pesquisa, refletindo, problematizando, ensaiando respostas, não só do ponto de vista da regulamentação, das normas e dos preceitos, mas principalmente na relação dialogal e construtora do respeito e da legitimidade dos/com e para os outros saberes. Outros saberes, do qual a tese, também se faz como produto e que ao ser pública não se afasta da necessidade de que o sentido maior deva sempre

⁴⁶ AMORIM, M. **O pesquisador e seu Outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004, p. 22.

estar relacionado com a contribuição e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas e da sua centralidade narrativa.

Enfim, esta pesquisa possui como referência os fundamentos do método etnográfico surrealista, como já mencionado. E é importante que se diga que o movimento surrealista foi um *movimento que brotou na França, em 1919, entre alguns intelectuais – citemos de imediato os mais importantes: André Breton, Louis Aragon, Philippe Soupault, Robert Desnos, Paul Éluard – pode ter sido um estreito riacho, alimentado pelo úmido tédio da Europa de após-guerra e pelos últimos regatos da decadência francesa*⁴⁷.

Este movimento possibilitou um novo olhar, um novo pensar, como também, no campo acadêmico, uma nova construção de referenciais teórico-metodológicos comprometidos com um presente encravado em um passado que precisa ser narrado (mesmo que a contrapelo). Um movimento que contestou e contesta a dominação de todas as formas e possui na poesia um dos seus principais canais de manifestação. *O surrealismo, como a alquimia, o socialismo ou a filosofia romântica da natureza, é um caso de tradição. Ele remete a um conjunto complexo de rasuras-escrituras, documentos e rituais; à continuidade de uma mensagem esotérica, filosófica e política; à continuidade de práticas mágicas e poéticas. Do passado não fazemos tábula rasa. Aquele que não sabe acender no passado a centelha de esperança não tem futuro*⁴⁸.

Michael Löwy afirma o surrealismo *como o martelo encantado que quebra as grades da jaula de aço que nos aprisiona?*⁴⁹

Usei e abusei, assim, deste martelo encantado em busca da quebra das grades da jaula de aço que empobrecem a força narrativa e as experiências dos moradores nativos de Jericoacoara.

Testemunhei e registrei a rememoração de histórias que não podem e não devem ser enterradas pelo esquecimento, quer seja o esquecimento presente nos visitantes da Rota das Emoções, ou dos empresários turísticos, como também no esquecimento dos próprios moradores. O patrimônio ambiental e cultural do Serrote não pode ser conservado e preservado apenas para cumprir preceitos da onda global,

⁴⁷ BENJAMIN, 2012, p. 21.

⁴⁸ LÖWY, M. **A Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 104.

⁴⁹ LÖWY, M. **O Cometa Incandescente**: romantismo, surrealismo, subversão. São Paulo: Edições 100/cabeças, 2021, p. 29.

neoliberal e capitalista. Não pode ficar refém de representações construídas, divulgadas e comercializadas.

A força narrativa desta comunidade aponta para a necessidade que esta história possa ser mostrada não apenas através das imagens bucólicas, exóticas, que o turista espera e quer ver, mas também através de outras imagens que são tão, ou mais reveladoras, da história das pessoas que fazem parte da comunidade.

Continuei, pela pesquisa em viagem, explorando o exercício da alteridade. Nesse contexto, surgiu, entre outras, a indagação: quem é, afinal, esse "Outro", e qual é seu papel fundamental nesta pesquisa?

Passei a compreender que o papel do "Outro" transcende a simples designação de um elemento externo; é, em vez disso, uma lente pela qual o pesquisador enxerga e compreende as múltiplas perspectivas que permeiam o mundo real e seus sujeitos.

O pesquisador, que postula atuar como mediador entre o saber acadêmico e o conhecimento popular, deve acolher a diversidade e considerar a riqueza das diferenças individuais em cada etapa do processo. Além disso, deve construir, através de seu trabalho, as condições de proximidade com o pensamento da comunidade, sem deixar de considerar que a relação entre o pesquisador e os narradores da comunidade deve ser fundamentada no respeito mútuo e na reciprocidade.

No entanto em que pese a importância da discussão de todas estas questões, foi durante o trabalho de campo que emergiram os maiores desafios tais como o daquela sensação de impotência diante da fluidez da oralidade e do limite que o texto escrito estabelece como moldura narrativa.

Ou, até mesmo de questões éticas profundas que me deparei, por exemplo, quando me perguntei: que verdade busco através desta pesquisa?

Mais uma vez aprendi que a verdade é multifacetada, composta por uma tessitura de perspectivas, narrativas e experiências. É uma verdade que se manifesta na multiplicidade das vozes que em seu conjunto compõem o coro das experiências humanas. A busca, portanto, não se deu, por uma verdade singular, mas por uma compreensão mais profunda das diversas realidades que se entrelaçam na Rota das Emoções, enriquecendo a compreensão de mundo e dos sujeitos que o habitam.

Como pesquisador, pretendo que o meu trabalho se alie com o propósito de favorecer as populações nativas de comunidades impactadas por projetos desenvolvimentistas que se instalam no seu território e desconsideram toda uma trajetória de vida.

A ciência, que penso estar fazendo por meio desta tese, quis ser mostrada por meio das pessoas, dos sujeitos, das suas escolhas e de preferências⁵⁰. Fez uma opção diante um lugar que tem nome, ancestralidade, luta, resistência e muita emoção. Emoção que se mostrou e se cruza com as alegrias, tristezas, perplexidades e até utopias.

Parti do princípio de que a neutralidade na pesquisa e na construção do conhecimento *é não só um equívoco teórico, mas também uma impossibilidade prática; isso tem decorrências éticas que merecem a nossa atenção e cuidado*. Por isso, a produção científica deve ser gerida por *um processo de construção do objeto não-acabado, marcado por sucessivos retoques, correções, emendas*⁵¹.

Através da pesquisa pude também solidificar o compromisso ético potencializado pela complexidade e pela familiaridade com o tema e com as pessoas da comunidade. *A função de escuta e coprodução de testemunhos e relatos pode ser não só uma via para a produção de conhecimentos sobre fenômenos que escapam às formas mais comuns de investigação de terreno, mas também uma forma importante de intervenção dos investigadores, de trabalho com os que não tem voz e perderam a visibilidade, de impedir que os lugares em que vão sobrevivendo e as suas experiências sejam definitivamente declarados como lugares e experiências de não-existência*⁵².

O estranhamento é fundamental para o encontro com o Outro, recebendo-o e acolhendo-o, sempre numa relação dialogal e nunca unilateral, como alguém que é detentor de um saber e quer impor ao Outro, mesmo que de forma sutil, mas intencional. O estranho, ao ser colocado *no lugar de objeto de estudo, instaura entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer uma relação de alteridade fundamental que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber. O outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo*⁵³.

Sei da tensão instaurada na relação pesquisador/pesquisados, compondo, na verdade, *os fundamentos epistemológicos da própria etnografia, pois ela é construída*

⁵⁰ BRANDÃO, C. R. **A Pergunta a Várias Mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

⁵¹ GRISOTTI, M. A Ética em Pesquisa com Seres Humanos: desafios e novas questões. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 3, n. 5. p. 157-174, jan./jun. 2015, p. 164.

⁵² NUNES, J. A. Sobre a ética (e a política) da investigação social em saúde. **Sociologia on line**, Lisboa, n. 3, jun. 2011, p. 181.

⁵³ Ibid., p. 30.

*nessa relação com o outro; em última instância, da minha cultura com a cultura que me proponho a investigar*⁵⁴.

Aventurei-me a pesquisar Outros com os quais tenho relações de afetividade e respeito. Pretendi fazer, através dos encontros com estes, um diálogo de saberes, a partir das suas histórias de vida, histórias que em algum momento se encontravam com as minhas.

O método etnográfico foi a via que possibilitou esse encontro de diálogo de saberes e ofereceu uma caminho para a escrita de pesquisa. *As palavras da escrita etnográfica, portanto, não podem ser pensadas como monológicas, como a legítima declaração sobre, ou a interpretação de uma realidade abstrata e descontextualizada. A linguagem da etnografia é atravessada por outras subjetividades e nuances contextuais específicas, pois toda linguagem, na visão de Bakhtin, é uma 'concreta concepção heteroglota do mundo'*⁵⁵.

Pela pesquisa, propus-me a encontrar, pela narrativa, com as experiências dos moradores nativos de Jericoacoara, as suas histórias de vida. Percorri o caminho da alegoria referenciado em Walter Benjamin. Escrevi e procurei compor a escrita, a partir de fragmentos, todos, muitos e vários.

Tentei, assim, alegoricamente, narrar experiências e histórias de vida numa relação dialética entre o ocorrido no passado e o que se vê agora, sem uma clara definição temporal, proposital.

Mas nem pense que foi tarefa fácil um fio condutor que fosse ao mesmo tempo flexível e vigoroso para sustentar tamanho intento investigativo. *A visão alegórica está sempre se baseando na desvalorização do mundo aparente. A desvalorização específica do mundo dos objetos, que representa a mercadoria, é o fundamento da intenção alegórica em Baudelaire. [...] Se o objeto se torna alegórico sob o olhar da melancolia, ela o priva de sua vida, a coisa jaz como se estivesse morta, mas segura por toda a eternidade, entregue incondicionalmente ao alegorista, exposta à sua graça ou à sua desgraça. Vale dizer, o objeto é incapaz, a partir desse momento, de ter uma significação, de irradiar um sentido; ele só dispõe da significação que lhe foi atribuída pelo alegorista. Este a coloca dentro dele e chega até seu fundo: isto não é uma*

⁵⁴ OLIVEIRA, A. Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da etnografia na educação. **Educação em Foco**, ano 16, n. 22, dez. 2013, p. 178.

⁵⁵ CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 44.

*realidade psicológica, mas sim ontológica. Em suas mãos, a coisa se transforma em algo de diferente, através dela o alegorista fala de algo diferente, ela se converte na chave do domínio de um saber oculto e como emblema desse saber, ele a venera. Nisso reside o caráter escritural da alegoria*⁵⁶.

Na pesquisa, reconhecida como de campo, e que eu neste caso prefiro nomear como pesquisa de praia, conversei, inicialmente, com Amarildo. Um morador nativo de 50 anos. Nasceu e se criou no Serrote. Seu pai era mestre de barco do finado Olavo. Passava muito tempo fora de casa. Amarildo acompanhou a chegada do turismo. Envolveu-se na atividade pelos esportes náuticos. Nunca deixou de cultuar a sua ancestralidade. Reivindica-se descendente de índio. Sempre esteve preocupado com a cultura e com o futuro do povo da sua comunidade. Não tem mais apego à Jericoacoara. As mudanças ocorridas foram tirando o que ele via de encanto no lugar. Por isso, não quer continuar morando por lá. Propôs-se a contar a sua história de vida, as suas experiências e o que sabe sobre a Rota das Emoções. Compreendeu o sentido e o significado das entrevistas e me sugeriu outras pessoas, dentre elas o Belisco, o Durval, o Zé do Chico do Meste, o Véio e a Baíca.

Baíca é filha de pescador. Nasceu no Serrote. Tem 75 anos. Aprendeu muito cedo a fazer tarrafas e tecer renda. É parteira e rezadeira. Ainda adolescente, com 15 anos, começou a fazer partos. Foi agente de saúde. É muito procurada, atualmente, para curar pessoas com problemas físicos e psicológicos. É muito mística. É viúva, mas tem um príncipe que a acompanha. O príncipe Pedro Olympe de Oliveira. Tem saudades do tempo em que as relações comunitárias, de solidariedade, prevaleciam na comunidade.

Belisco é um morador de 53 anos. Nasceu e criou-se em Jericoacoara. É filho de pescador. Continua pescando. Envolve-se com questões políticas e sociais na comunidade. Já foi presidente do Conselho Comunitário⁵⁷. Atua em várias frentes na tentativa de manter a população vinculada, dentro do possível, aos seus modos de vida. Como exemplo cita a sua participação na demolição da sede do IBAMA, na Rua Principal. Organizou regatas de canoas, ação que destaca na sua atuação. Exerceu o mandato de vereador por três legislaturas. Foi secretário de pesca em âmbito

⁵⁶ BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 205-206.

⁵⁷ Instituição fundada em dezembro de 1984 com a finalidade de proteger os moradores nativos frente à nova realidade advinda com a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) e a entrada do turismo.

municipal. Tem paixão pelo seu lugar, pela sua família e pela pesca. Quer continuar morando na comunidade por toda a sua vida.

Durval tem 72 anos. Já tínhamos conversado em vários momentos sobre o Serrote e sobre Jericoacoara. Seus pais vieram de lugares vizinhos – Mangue Seco e Enseada. Também nasceu e criou-se na comunidade. Sempre foi pescador. Faz questão de não ser proprietário de canoa. Prefere ficar livre de “dor de cabeça”, comandando uma tripulação. Tem amor ao seu lugar. Nele constituiu a sua família. Não se envolve com o turismo a não ser com informações, quando procurado, para indicação de hospedagem. Não quer sair da comunidade. Quer se enterrar no cemitério do Serrote.

Zé do Chico do Meste tem 58 anos. Não nasceu no Serrote, mas veio para a comunidade ainda menino. Aprendeu a pescar com o seu pai. Viajou por vários mares, embarcado. Pescava para os seus patrões. Só mais tarde fixou residência na comunidade e continuou pescando, agora em canoas. Tem saudades do tempo de infância, do tempo das relações mais fraternas que existiam na comunidade. Lamenta a ausência das amizades. Preocupa-se com o futuro da sua família. Preocupa-se também com práticas que considera ilícitas existentes na Vila. Mas quer continuar morando no seu lugar por toda a sua vida.

Véio também sempre morou na comunidade. Tem 74 anos. Dividiu o seu tempo de trabalho com a pesca e com a criação de animais. Enquanto pescador seguiu os passos do pai, desde menino, pescando em canoa. Depois trabalhou para o finado Olavo. Tem rebanhos bovinos, equinos e suínos. Envolveu-se também com questões sociais e políticas. Foi presidente de uma Associação Comunitária, dissidente do Conselho Comunitário. No seu tempo de pesca trabalhou para proprietários de barco e em canoa de sua propriedade. Atualmente cuida dos seus rebanhos, dos seus bichos, como gosta de chamar.

As seis pessoas entrevistadas sugeriram outros moradores, mas não cheguei a conversar com estes contatos.

Além das histórias que ouvi, registrei a observação participante e utilizei o diário de praia que faz parte do meu acervo como colecionador. Queria aproximar a realidade atual com outros momentos vividos naquele território. Desejava ouvir, apreender e narrar experiências em um texto etnográfico. Busquei, ainda, informações anteriores em recortes de jornais, entrevistas com moradores nativos feitas na década de 1990 e relatórios técnicos de gestão, da qual participei, de 2002 a 2011.

No primeiro contato com cada entrevistado, expliquei os objetivos da pesquisa e os fundamentos do método utilizado para que houvesse confiança, possibilitando a troca de saber e para que as informações pudessem fluir com naturalidade e confiabilidade. Na oportunidade apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que é o documento que regulariza a anuência da participação dos sujeitos na pesquisa. Este documento foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel. O TCLE fundamenta-se nos princípios bioéticos da Resolução 466/12 CNS/MS e nos objetivos e procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa. Foi escrito em linguagem clara e acessível, para evitar constrangimento, dúvidas e recusa do pesquisado em assiná-lo. Todos concordaram com o Termo. Os que não assinaram consentiram gravando a sua fala.

O roteiro das entrevistas foi aberto e flexível. Cada sujeito pôde narrar o que considerou mais significativo na sua história de vida. No entanto, algumas questões foram levantadas no sentido de contribuir com a fluidez narrativa⁵⁸.

As narrativas foram criteriosamente transcritas para possibilitar a composição e a elaboração da escrita final desta tese que foi baseada na perspectiva da *“surrealização” da escrita de pesquisa como recurso de apresentação e seu amparo epistemo e metodológico conduz ao tratamento teórico de análise dos dados nesta perspectiva, sustentando a tese que concebe a poética como um dos eixos tradutores das culturas*⁵⁹ dos moradores nativos de Jericoacoara.

E foi, assim, que por entre fragmentos, com diversos sujeitos e diversos olhares, em tempos e espaços diferenciados, à luz da abordagem benjaminiana, foi possível chegar neste degrau da tese que não se constitui em um fim, mas em outros recomeços.

Acredito que o percurso de construção do conhecimento nesta tese possibilitou e possibilita refletir sobre as experiências narradas pelos sujeitos que participaram e continuarão a participar dela.

Naveguei, assim, neste trabalho, por entre o mar, as ondas e a praia, tentando demarcar a minha rota que *creio que neste domínio como num outro, na pura alegria surrealista do homem que, advertido pelo fracasso sucessivo de todos os outros, não*

⁵⁸ As questões levantadas encontram-se no apêndice da tese.

⁵⁹ BUSSOLETTI, D. M. **Infâncias Monotônicas** – uma rapsódia da esperança: estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – PUC RS, Porto Alegre, 2007, p. 3.

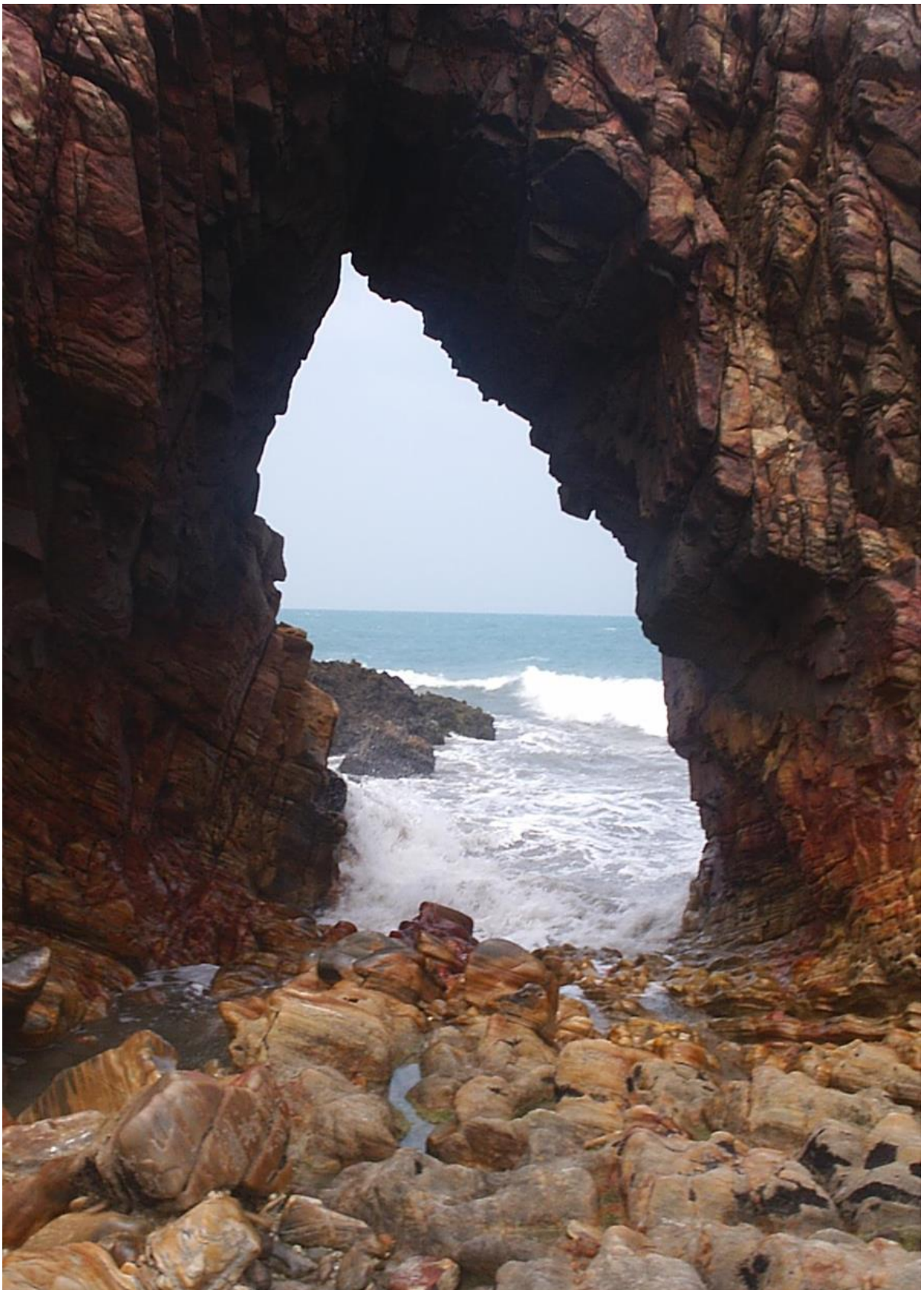
*se pode dar por vencido, parte de onde quer, e, por um caminho qualquer que não é razoável, chega onde pode*⁶⁰.

A devolução do produto deste trabalho à comunidade será feita após a defesa da tese, em Jericoacoara, com os moradores entrevistados e outras pessoas interessadas. O local a ser apresentado deverá ser público. Propomos apresentar na sede do Conselho Comunitário ou no Polo de Atendimento a Crianças e Adolescentes.

Dizendo, isso, assumo os fracassos, mas também as vitórias desta viagem. Reconheço que muito possivelmente o percurso sugerido, com todas as curvas imaginadas, não foi o mais razoável, mas, como já dito, assumo o risco e o compromisso de fazer deste processo, um exercício exaustivo na expectativa de chegar aos limites da pesquisa ou das minhas possibilidades que por meio dela se evidenciam.

⁶⁰ CHAVES, C. Manifesto do Surrealismo – André Breton - 1924. **Cultura Brasil**, n./d., p. 32.

TRECHO 3
As cidades invisíveis e
Jericoacoara



61

⁶¹ Pedra Furada – Jericoacoara. Disponível em: https://hypescience.com/wp-content/uploads/2013/02/Jericoacoara_CE_Pedra_Furada.jpg. Acesso em: 12 maio 2023.

*Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não a cidade mesma espessa
Rio que não é Rio: imagens
Essa cidade me atravessa*

[...]

*Será que tudo me interessa
Cada coisa é demais e tantas
Quais eram minhas esperanças
O que é ameaça e o que é promessa*

[...]

*A gente chega sem chegar
Não há meada, é só o fio
Será que pra meu próprio Rio
Este Rio é mais mar que mar⁶².*

⁶² BELCHIOR. **O Nome da Cidade** (interpretando original de Caetano Veloso). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/o-nome-da-cidade/>. Para ouvir a música na íntegra acesse: https://youtu.be/erTlk8V_3g4. Acesso em: 8 jul. 2021.

Não se sabe se Severino acredita em tudo o que diz o viajante quando este lhe descreve as cidades visitadas, mas ele certamente continua a ouvi-lo com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro Severino iguais em tudo na vida, que morrem de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte e de fome um pouco por dia e cuja sina⁶⁴ se alterna entre o orgulho da cidade da qual faz parte a sua vida, à melancolia e o alívio de saber que há outras muitas vilas grandes, cidades e que elas são ditas⁶⁵ e ao mesmo tempo não saber como se atravessa aquela sensação de vazio que surge ao calar da noite com o cheiro da maresia após a chuva, entre uma conta e outra conta, entre uma e outra ave-maria⁶⁶ e entre as cinzas da terra sempre mais extinta⁶⁷, uma vertigem que o faz perguntar pelo melhor guia capaz de interromper tamanha descida⁶⁸ e por qual será a verdadeira via por entre essas que escancaradas se multiplicam⁶⁹ através dos alfinetes nas veias que se atropelam em mantas de carne viva cobrindo sua alma inteira⁷⁰ e que fazem reconhecer os inimigos de derrota em derrota, reis dos quais nunca antes se ouviu falar, como também nestes desesperados momentos que a sua cidade, que lhe parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem forma, que a corrupção é gangrenosa demais para ser remediada, e que o triunfo dos reis nos faz herdeiros de sua ruína. Somente nos relatórios do viajante, Severino consegue discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino ao ponto de evitar as mordidas dos cupins.

⁶³ Como já anunciado este fragmento como os próximos nomeados como montagem nesta segunda parte do trabalho, são compostos pelos textos das Cidades Invisíveis de Calvino articulados com os poemas de João Cabral de Melo Neto. Neste caso, o texto de referência de Calvino permanece em itálico e em negrito e o de João Cabral apenas em itálico. O texto original pode ser encontrado em: CALVINO, 2003, p. 9-10.

⁶⁴ MELO NETO, 2020, p. 171.

⁶⁵ Ibid., p. 178.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid., p. 171.

⁶⁸ Ibid., p. 176.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Ibid., p. 163.



A narrativa, na perspectiva benjaminiana, possibilita um mergulho em águas cristalinas. Deixa escavar o passado para vê-lo, senti-lo, ouvi-lo, compreendê-lo. Traz à tona experiências de vida rememoradas, não como nostalgia, mas numa perspectiva de conectar-se com um novo tempo. O agora da cognoscibilidade⁷¹. *Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado: mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas) e o lugar onde as encontramos é a linguagem. Despertar*⁷².

Parece que os nós da rede do dom narrativo estão se desatando ou não estão devidamente apertados para assimilar e disseminar as experiências. Será que a tecelagem está perdendo os fios para a confecção de peças necessárias à tradição? Ou será que ao desmanchar o que teceu, para ganhar tempo ou para esquecer o que não deve ser lembrado, quem tece, não consegue retomar a peça original? *Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual*⁷³.

A narrativa, que encontra campo fértil nas artesanias – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. *Ela*

⁷¹ BENJAMIN, W. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

⁷² BENJAMIN, 2006, p. 504.

⁷³ BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 205.

*mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso*⁷⁴. *Essas questões desembocam numa nova metáfora: como a tecedura, para produzir um véu, se compõe dos movimentos ao mesmo tempo complementares e opostos dos fios da trama e da urdidura, assim também se mesclam e se cruzam, na produção do texto, a atividade do lembrar e a atividade do esquecer*⁷⁵.

Em Jericoacoara, a comunicação ofusca a narrativa, enaltece a informação, inclusive nos processos de formação em turismo, para qualificar a Rota das Emoções. Tudo é explicado, com sentido, quase sempre destoante das práticas existentes na comunidade, colônia de pescadores, transformada em Destino Turístico Internacional. *As ações da experiência estão em baixa*⁷⁶.

Jericoacoara hoje é uma *esquina do mundo*, um protótipo de globalização econômica. A experiência vai cada vez mais distanciando-se do cotidiano local, engolida pelos apelos da modernidade, do novo, do irreal que se apresenta como o real que deve ser incorporado aos modos de vida locais. O modo de conhecimento *não é mais a experiência, que se remetia à memória pessoal e coletiva, que engajava o sentimento e a reflexão. Ao contrário, predomina agora a vivência que repousa na atenção distraída – uma forma de conhecimento passivo, difuso, periférico*⁷⁷. Tem a informação, a justificativa e a explicação como o cerne de um novo *ethos*.

A escassez das narrativas, e quase sempre o seu desaparecimento, empobrece a história do Serrote. A chegada do turismo impõe essa nova ordem. Enaltece a cultura do individualismo, da técnica, dos valores pessoais em detrimento do coletivo. A narração parece ter perdido a canoa que aporta no mar da história, embora outras canoas tenham que passar, pois o porto continua à espera de quem vai chegar e ainda não chegou. Pelas novas forma de ser e de viver, a população nativa é estimulada a apagar os rastros, mesmo dos túmulos. Ela resiste, ao seu modo, como pode. Os rastros da comunidade não foram apagados, pelo menos ainda há sinais deles. Não desapareceram por completo. Os encontros, com as histórias de

⁷⁴ BENJAMIN, 2012, p. 221.

⁷⁵ GAGNEBIN, 1994, p. 6.

⁷⁶ BENJAMIN, 2012, p. 214.

⁷⁷ MATEUS, S. A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. **Revista da Associação Nacional do Programa de Pós-Graduação em Comunicação | E- compós**, Brasília, v. 17, n. 2, maio/ago. 2014, p. 6.

vida dos moradores nativos me disseram isso, apontaram para este embate constante entre o moderno e o tradicional⁷⁸.

Isto leva a refletir sobre a possibilidade da existência em Jericoacoara de uma disputa entre a memória esquecida e a memória lembrada. Memória esquecida no sentido de apagar os rastros de uma forma de vida anterior à entrada do turismo, por parte dos empresários deste mercado. Memória lembrada por parte dos moradores que ainda resistem e fazem questão de rememorar as suas experiências e por elas, almejam o futuro para as próximas gerações. As narrativas dos moradores não escondem preocupações como: onde vão morar, o que vão fazer...

Perseguindo estas narrativas, como experiências que resistem é que continuei e continuo em viagem, buscando ouvir as histórias dos pescadores, com **a maior curiosidade. Uma escuta que se mistura ao orgulho da cidade que faz parte da minha vida, à melancolia e o alívio de saber** que ela é também, muitas cidades e a cidade de muitos.

Uma história que aos poucos foi e vai se revelando, por entre **a soma de todas as maravilhas e o esfacelo sem fim e sem forma**, que a chegada do turismo impôs a cidade e aos habitantes de Jericoacoara. Uma história gangrenosa **demais para ser remediada**. Uma história como tantas outras já contadas onde **o triunfo dos reis nos faz herdeiros de sua ruína**.

Mas uma história contada por aqueles que nos ensinam através de seus saberes a **discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino ao ponto de evitar as mordidas dos cupins**.

Histórias como essa que agora escrevo enquanto estou sentado em minha biblioteca. Desse lugar vejo um quadro com uma única fotografia. Nela, um pescador do século XX, Francisco Cassiano da Cruz, conhecido como Chico Cassiano. Chico nasceu em 1902 e morreu em 2002. Dedicou sua vida às águas do mar e às comunidades do Serrote e arredores.

Um homem de baixa estatura, preto, pele sofrida pelo sol, olhar profundo, cabelos pretos, pés com dedos grandes, mãos calejadas e um bom humor que lhe

⁷⁸ No texto *Experiência e Pobreza* Benjamin denuncia o esfacelamento da narração tradicional, por meio da fala, do provérbio, do conselho colocando em seu lugar uma narrativa que não rememora nem recolhe o passado. Refere-se à parábola de um velho que, nos seus momentos finais, revela a existência de um tesouro oculto na sua propriedade. Os filhos não alcançaram o sentido da parábola. Vasculharam o terreno e não encontraram tesouro nenhum. Na safra das vinhas, elas produzem mais que qualquer outra na região. Só então *compreenderam que o pai havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho duro*.

acompanhava, principalmente quando tomava umas e outras. Casado com Nazaré de Jesus. Pai de nove filhos. Sempre foi pescador. Mas quando sobrava tempo também praticava agricultura de subsistência em terra alheia. Foi um homem do mar.

Chico Cassiano, certamente, não imaginou que o seu lugar preferido se transformaria em atrativo para visitantes e muito menos que aquele território com paisagens naturais exuberantes pudesse um dia ser transformado em uma parte de um projeto turístico denominado Rota das Emoções.

Interesso-me pelo passado dos pescadores nativos, a partir do seu presente, tendo em vista um futuro que os liberte das amarras dos opressores que hoje assolam o seu meio.

Imagino os seus antepassados e pessoas no presente sendo oprimidas. Tenho vontade de desafiá-las a compreender que necessitam afastar de si a imagem e o sentido da opressão. Caso contrário, não conseguirão libertar a si mesmos e aos seus companheiros. *A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. A consciência oprimida se libertará pelas revoluções que transformam a situação concreta de opressão em uma nova, em que a libertação se instaura como processo, enfrentam esta manifestação da consciência oprimida*⁷⁹.

Fico a indagar-me: será que o Chico Cassiano e os seus companheiros de pesca pensariam nesta situação? Era possível que compreendessem a sua condição de vida, de subalternidade. Talvez não, nunca visualisassem alternativas, no coletivo, para sair desta condição.

Fico imaginando, também, se os pescadores atuais e os moradores nativos de Jericoacoara sabem o que é a Rota das Emoções, o que ela significa para eles, se estão preocupados com ela e o quanto ela impacta na vida deles.

Encontro um arquivo com uma entrevista, de uma das filhas do pescador, a Raimunda. Exclamo: nossa!

Penso em um *velho* professor, (velho no sentido de memória que uma vez disse, em uma aula de português, mais ou menos isso: *um texto, uma redação são como uma obra de arte em madeira, meu filho. Uma escultura. Primeiro corta-se a árvore, depois se escolhe a parte que pode servir para a obra. Separa, começa a emoldurá-la, mexe aqui, mexe ali, até chegar ao ponto que você imagina e deseja.*

⁷⁹ FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 45.

Aprendi que ao escrever devo deixar o pensamento viajar, flunar, chegar a um determinado destino, que nunca é um fim, mas sempre um eterno recomeço. Penso: deve ser como o mar, essa imensidão que parece não ter fim.

Lembro de uma conversa do passado onde um menino perguntava ao outro menino, que já tinha visto o mar, onde era o fim do mundo. O menino respondeu: É no Serrote, de lá para frente só tem o mar! Se entrar nele e seguir, vai sair no Japão⁸⁰.

Sorriso pensando que o mar para aqueles meninos era um enigma, mas também uma necessidade. O mar alimentaria a vida deles com lições, prazeres e ares de liberdade.

Sigo lembrando de uma história, do homem da fotografia, que aconteceu em uma madrugada de quarta-feira, com pouca chuva, em 1942. A chuva, que a princípio fina, apenas para refrescar o corpo e colocar o sono entre parênteses, foi aos poucos se enfurecendo. Transformou-se, ao longo do dia, em tempestade. Será que era um aviso para que naquele dia, o filhote de gigante, o pescador do Rancho do Peixe⁸¹, não fosse ao mar? Talvez não, porque a Nazaré, o bem do mar do pescador, não tinha recebido o sinal.

O mar, como sempre, à espera de quem vá ao seu encontro, tinha certeza de que alguém o procurava naquele dia. Sabe tudo que se pensa sobre ele: atrai as gentes, as pessoas, o povo, com interesses bem diferenciados, até mesmo de enfrentá-lo para extrair dele a sua sobrevivência e da sua prole.

E assim, aquele retirante, de muita fé, um filhote de gigante, encarou a aventura de enfrentar o mar, como sempre fazia, por certo tempo. Mas, naquela vez tinha um caráter diferente. Encontrou um *terreno movediço*, dentro daquela imensidão de águas, com vários tons, ora inspirando medo, ora coragem e bravura. Não conhecia o pescador Santiago, mas também tinha paixão, admiração e respeito pelo mar.

Este retirante já havia passado, com a sua trouxa de *bregueços*, por pelo menos quatro lugares⁸². Além de trabalhar *embarcado* em um navio, como cozinheiro, era a personagem principal da batalha que se travou entre os dois gigantes: o do mar e o da terra. Mas ele não se arriscava a enfrentar a batalha sozinho. Juntou mais dois

⁸⁰ No imaginário daqueles meninos e de tantos outros, também de adultos o Japão era embaixo da terra e pelo mar se chegaria lá.

⁸¹ Neste período Chico Cassiano morava no Rancho do Peixe, próximo ao Serrote da Jericoacoara.

⁸² Córrego do Urubu, Castaíinho, Cavalo Bravo, Rancho do Peixe. Depois, mais sete: Camocim, Jericoacoara, Croa, Córrego do Milhomem, Paraguai (cearense) e Borges. Todos em um raio de aproximadamente 20 quilômetros, exceto Camocim, um pouco mais distante.

*pariceiros*⁸³. Muniu-se de equipamentos simples, mas necessários para a lida cotidiana: uma canoa a vela e a remo e, dentro dela os lutadores daquele dia, com os seus instrumentos de guerra - anzol, uru⁸⁴, um chapéu de palha e um *rancho*⁸⁵ - que dava para enganar a fome por algumas horas.

O mar dava sinais de perigo, mas os pescadores confiaram na canoa. Tinham muita fé em Deus e precisavam pescar. Era o seu meio de sobrevivência. Mesmo em dias “ruins” precisavam encarar o desafio. Deram partida. O mestre segurou o leme, armaram a vela e procuraram a melhor direção.

Cassiano despediu-se, como sempre fazia, de sua mulher. Ela ficou com os sete filhos à espera do cair da tarde para recebê-lo. Não sabia, até então, pelo menos com a intensidade necessária, da bravura que o tornava um gigante. A prova desta bravura era dada de outras maneiras. Enfrentava uma condição econômica que o fazia retirante na terra e no mar. Ele olhou para o mar e viu ondas revoltas, resultantes de ventos que sopravam em várias direções, deixando a biruta⁸⁶ ainda mais *doida*. Estava ansioso.

Seguiu a sua trilha, traçada a partir do horizonte que tinha no seu imaginário, em direção à *risca*⁸⁷. Mas naquele dia o seu destino não era a risca. Era bem mais próximo. Desta vez ele não conseguiu entrar até *lá fora*⁸⁸, nem chegar ao horizonte traçado. O pescador lançou a *poita*⁸⁹, pegou a sua arma principal, o *anzol*, acariciou-o, muniu-o de *isca*, fez um afago e o lançou ao mar. Os dois companheiros que estavam na embarcação fizeram o mesmo que ele. Conseguiram capturar alguns peixes. No entanto, o *mar*, naquele dia preparou uma surpresa para eles, os *forasteiros*⁹⁰.

⁸³ O mesmo que parceiros, companheiros, na linguagem da entrevistada.

⁸⁴ Uma espécie de cesto, meio arredondado, feito de palha de carnaúba. Era utilizado por agricultores e pescadores da região para guardar seus utensílios e produtos do trabalho.

⁸⁵ Alimentos que os pescadores levam ao mar – farinha, rapadura, peixe ou carne e outros produtos existentes na comunidade.

⁸⁶ Instrumento que indica a direção dos ventos, utilizada principalmente em aeroportos.

⁸⁷ Linha imaginária, no horizonte, pelos pescadores, onde o céu parece se encontrar com o mar, vista da terra. Segundo o Zé do Chico do Meste, *risca é um risqueiro que tem no mar do Serrote, de frente à Vila. Tem de 12 a 13 braças de profundidade. É uma malhada, de pedra, um pedrexeiro só. É como se fosse um serrote, como o de Jericoacoara*

⁸⁸ Expressão usada pelos pescadores quando adentram o mar, indo à risca ou além dela.

⁸⁹ (s.f.) - espécie de âncora feita com pedra ou outro corpo pesado, usada para fundear a embarcação, rede, etc. TEIXEIRA, E. J. **Pequeno Dicionário de Vocábulo e Expressões Cananeias**. Cananeias: Coletivo Jovem Caiçara, 2005. Disponível em www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

⁹⁰ *forasteiros* é o nome pelo qual os moradores nativos de Jericoacoara reconhecem os moradores adventícios, os que chegaram na comunidade com a entrada do turismo e, na sua grande maioria, os incomodam. Antes o lugar era só deles. Havia um mestre com uma aceitação de todos os pescadores,

E uma batalha começou, A biruta endoideceu de vez. Vento para cá, remo para lá, ondas transformando-se em maremotos, vela *arreando*⁹¹ de tanta investida do inimigo, por horas, sem fim. Um dos guerreiros não suportou o furacão. Atirou-se na direção do inimigo. Outros pediram trégua ao gigante do mar. Não houve acordo. No entanto, conseguiram tirá-lo das águas, puxado por cordas que também faziam parte da *armada* daquele dia. Fizeram essa proeza por duas vezes, com sucesso. Na terceira, no lugar de uma sereia, passou um tubarão, levando um dos componentes da *armada* do gigante do mar ao seu castelo.

Chico Cassiano e o seu companheiro ficaram desequilibrados. Um homem a menos para a batalha com o gigante do mar.

Um companheiro se foi...A batalha ficou ainda mais dura, um homem a menos. Não era apenas a vela, o remo, as cordas, os anzóis, os urus, o *rancho*, que estavam desprotegidos. A própria canoa começou a virar. Era necessária ainda mais força.

O sol, escaldante naquele momento, tinha vencido a chuva. E a lembrança do *rancho*, que não mais existia, veio à tona. O gigante do mar dava risadas, imaginando ter vencido o exército oponente pela fome, sede, cansaço e lembranças e permaneceu, aguardando o momento certo para outro ataque, o *bote* certo e fatal.

Logo não era mais só o vento e as ondas, mas também os peixes, antes capturados, que se revoltaram e entraram na luta. Devoraram o *rancho* dos pescadores e comeram parte do corpo deles.

Essa luta durou três dias. E o gigante do mar foi vencido. O pescador, contou que foi graças a sua mulher, com a sua espiritualidade e o seu amor, que atravessou as fronteiras até o horizonte e chegou até ele dando forças para que acreditasse na possibilidade da vitória.

[...] lá, nós olhávamos em cima do alto e dizia: lá se vem as canoas! Quando foi um dia, ela foi e quando chegamos lá, ela disse: olha ali a canoa do teu pai... vem chegando, vou já fazer caldo para ele. Então ela fez o caldo, depois foi para a praia. E aí não chegava nada, nem notícia. Mas tinha aquela esperança e venceu. [...] nós crianças pensávamos que ele tinha morrido. [...] e ela dizia que ele não tinha morrido,

com a sua sabedoria sobre o mar que transmitia a sua sabedoria para os jovens pescadores e assim a comunidade seguia e se mantinha.

⁹¹ Desarmando-se, deixando o barco à deriva. Perde a sua capacidade de fazer o barco se dirigir ao destino almejado.

*pois se tivesse morrido já tinha vindo o aviso e como não tinha aviso nenhum, ela estava com fé que ele estava vivo*⁹².

O aviso esperado era a certeza da cumplicidade, dos laços que embalavam os dois em momentos de amor, de reza, de cachaça, de forró, de dúvidas... Certeza resultante de uma relação afetiva de anos, erguendo um *castelo* entre *trancos e barrancos*, em vários territórios, com as suas diversas territorialidades. Castelo construído a partir da sua existência de ser retirante do mar e da terra. Uma terra que poderia ser sua, mas nunca foi. Os modelos de latifúndio terrenos e marítimos não consentiam.

*Disse Chico Cassiano: no terceiro dia, entrei em desespero. Senti muita dor. O corpo não tinha mais o movimento. Já não conseguia falar, não via mais, estava morrendo. Vali-me de Deus. Reuni todas as minhas forças e com muitas dificuldades, talvez o último gesto consciente, fiquei em pé sobre o barco. Tremia muito. Sabia que, se caísse na água, morreria. Não havia forças para nadar. Arrisquei. Fiquei de pé, levantei um pedaço de remo que restara e clamei a Deus e a todos os santos para que me salvasse. Gritei com toda fé. Foi o último gesto de que me lembro. Caí desmaiado, juntando-me ao colega que há quase um dia já não falava e nem se mexia; tinha quase certeza de que estivesse morto. [...] No mesmo dia em que clamei ao Senhor, por volta das seis horas da tarde apareceu um barco. Era o milagre acontecendo. Fomos salvos. Fui levado para um lugar distante. Passei dias desacordado. Somente respirava. Os dentes ficaram cerrados, a boca não se abria. Era alimentado com gotinhas de chá e leite através de um canudinho no canto da boca. Com o passar dos dias fui me recuperando. As feridas melhoraram. A minha memória estava recuperando. Ninguém sabia de onde eu era e nem de onde vinha. Mesmo assim, cuidaram muito bem de mim. Lembrei imediatamente da minha família, do meu lugar, dos meus filhos, da minha esposa. Como estavam?*⁹³

*Alvíssaras!*⁹⁴ Chegou o aviso. Após treze dias, ouviram-se batidas na porta, no Rancho do Peixe, onde morava a família do pescador: *Com treze dias nós estávamos dormindo, acordamos por um homem chamando nós na porta: ô de casa, ô de casa!!! Nazaré, minhas alvíssaras!!! O Chico Cassiano está vivo! Tá em Camocim, se*

⁹² Depoimento de Raimunda Teles da Cruz – filha de Chico Cassiano, tomado em 16 de maio de 2019, pelo pesquisador.

⁹³ Depoimento de Francisco Cassiano da Cruz, adaptado por seus netos, por ocasião do seu centenário de nascimento, 1902.

⁹⁴ Exclamação de boa notícia dada por alguém, sobre outrem, ou algo esperado, com ansiedade.

tratando. Acharam ele no Maceió⁹⁵. Aí todo mundo ficou alegre, foram buscar ele na canoa⁹⁶.

De Maceió para Camocim, o pescador, gigante do mar, não vencendo, até então, por completo a sua *aventura*, foi conduzido em uma rede, pois era assim que os pobres eram conduzidos, quando doentes, de um lugar para outro, ou quando morriam, para o cemitério, ao som de rezas e incelências. As incelências não eram cantadas por carpideiras, mas pelo próprio cortejo.

A mulher do pescador, naquele dia, botou os meninos e meninas no jogo, avisou a vizinhança, preparou as comilanças, e ficou de prontidão à espera do gigante que agora era também um herói.

E foram muitos os carinhos que o pescador recebeu, da Nazaré, do Luís, da Raimunda, da Maria Judite, da Francisca, do João, da Neuza, da Geralda e do povo da comunidade. Eles eram católicos. Fizeram promessas de várias formas, de todos os lados, promessas feitas pela mulher, filhos, vizinhos e amigos - que tinham de ser cumpridas. Nem sei se sabiam que existiam todos os santos e santas com os quais se *pegaram*. *Novenas... Lembro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Também foi a pé para o Canindé, pagar uma promessa com São Francisco das Chagas⁹⁷, a uns duzentos quilômetros de distância.*

E, naquele clima de festa imaginado, encerro meu olhar para a foto da biblioteca, potencializado pela vontade de continuar a remexer nos meu baús e rememorar experiências e imagens. Ressignificá-las.

Afinal, foi também com o meu avô, o gigante do mar, que eu aprendi que as histórias não têm fim, elas estão sempre recomeçando. O movimento é constante. Constante como é o mar com as suas marés enchendo e secando; como o sol que nasce e se põe diariamente; como a lua que segue as suas estações; como as estrelas que se oferecem a nós com o seu brilho.

Através de histórias em movimento é que, também aprendi, que os moradores nativos de Jericoacoara se reinventam, resistem e insistem, pois sabem que outras histórias virão.

⁹⁵ Comunidade de pescadores, vinculada à Colônia de Camocim, aproximadamente a 10 quilômetros da sede e a 70 quilômetros do Rancho do Peixe.

⁹⁶ Idem

⁹⁷ Depoimento de Raimunda Teles da Cruz – filha de Chico Cassiano, tomado em 16 de maio de 2019, pelo pesquisador.



As cidades e a memória 1

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao Serrote, encontra-se Adelaide, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre, cidade com casas grandes de engenho, horizontais, escancaradas, onde se existe em extensão e alma todo aberta se espraia⁹⁹. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las vestido por dentro através de coisas que ainda entende¹⁰⁰. Mas a peculiaridade desta é que quem chega à tardinha, onde todo o dia passa o sol, fugindo de sua nascente porque o chamam arrebol¹⁰¹, ouve-se a voz de uma mulher que grita: tudo passa ou já passou, o presente e o passado e o passado anterior¹⁰²! Então ele é levado a invejar aquele trem de casas, que lembram vagões, cada uma com sua cor¹⁰³, mas o trem de casas-vagões passa ou é passado por? Como poder distinguir o passado do passador? Se na estrada tudo passa e nada de vez passou? Como saber se é a gente ou as casas trem o andador? Ou quem sabe? A própria estrada rolando como um propulsor? (pois dela sobre incessante e subterrâneo rumor)¹⁰⁴.

⁹⁸ CALVINO, 2003, p. 11.

⁹⁹ MELO NETO, 2020, p. 480.

¹⁰⁰ Ibid., p. 232.

¹⁰¹ Ibid., p. 246.

¹⁰² Ibid., p. 247.

¹⁰³ Ibid., p. 248.

¹⁰⁴ Ibid., p. 249.



Ele abaixou-se, olhou a fateixa¹⁰⁵, viu que a pedra estava fora do lugar. Não entraria no mar sem esse instrumento de trabalho. Caso contrário, a canoa não seria ancorada no momento em que precisasse. Não arriscaria a sua vida nem a vida dos seus companheiros de pesca.

O sol dá os primeiros sinais de que naquele dia vai ser bem vivo. Os pescadores sabem disso, pois conhecem o tempo cíclico, o tempo propício para irem ao mar, o tempo que podem evitar ventos fortes, o tempo que os levem aos lugares que conhecem como bons para a captura do peixe. O chapéu que cada um leva consigo dá essa informação: hoje o mar pode estar para peixe. Vamos demorar um pouco mais e o sol vai indicar o caminho e o lugar por onde devemos seguir e ancorar para ver os cardumes e se é possível enganá-los, puxarmos para as nossas redes ou se irão morder as iscas que preparamos para eles e fugirem da armadilha.

O Sr. Carvalho já se dirige ao topo do serrote para esperar o clarão do dia e apagar o farol¹⁰⁶, inaugurado em 16 de novembro de 1952. Até hoje serve de guia para os pescadores e navegadores que utilizam o mar, à noite. É uma forma de orientação para quem, por ventura, desorienta-se por mau tempo, em alguns casos mais extremos até alagamento, o que dificulta localizar-se sem uma bússola. E há muitos casos de alagamento. Cada pescador tem uma história para contar sobre isso. Foi vítima de naufrágio ou alguém da sua família.

O mestre da canoa, Sr. Onório, trata de amarrar bem a pedra, enquanto os outros pescadores cuidam da canoa para o dia de trabalho. Ela está, como é comum, fora d'água. A maré está seca. Na maré baixa, tudo fica um pouco mais distante do mar. Os pescadores conseguem levá-la até a água. Verificam o mastro, a vela, o leme e nada parece comprometer o dia de pescaria que promete ser dos melhores. Checam se cada um está munido com as suas redes, com os seus anzóis e se levam o rancho

¹⁰⁵ Âncora artesanal fabricada por pescadores da região de Jericoacoara e utilizada nas suas canoas. Compõe-se de três pedaços de madeira na horizontal e três na vertical, com forma triangular. No centro é colocada uma pedra com peso suficiente para afundar no mar e ancorar a embarcação.

¹⁰⁶ *Farol de Jericoacoara: Localiza-se no ponto mais alto do Serrote, a 98m acima do nível do mar. O lugar é um mirante natural que, além de proporcionar a vista dos arredores em 360°, é também um dos melhores pontos para assistir ao nascer e pôr do sol e da lua.* In: PREFEITURA MUNICIPAL DE JIJOCA DE JERICOACOARA. Farol. **Site Jijoca de Jericoacoara**, n./d. Disponível em: <https://www.jijocadejericoacoara.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=3>. Acesso em: 30 maio 2021.

necessário para o dia. A fateixa fica pronta. É hora de começar mais um dia de trabalho, com as bênçãos de Deus e Nossa Senhora da Consolação, padroeira do lugar.



As cidades e a memória 2

2

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Luciana cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Luciana, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade falava de uma sala toda de luz invadida, salas que pelas janelas, duzentas se oferecia, a alguma manhã de praia, mais manhã porque marinha, a alguma manhã de praia no prumo do meio-dia, meio dia mineral de uma praia nordestina¹⁰⁷, pois não é o sol que as veste e tampouco as ilumina, mais bem somente as desveste de toda sombra ou neblina, deixando que livres brilhem os cristais que dentro tinham¹⁰⁸. **Os desejos agora são recordações.** A água nada embacia, a água clara não acende: libera a luz que a cidade sonhada já tinha¹⁰⁹.

¹⁰⁷ MELO NETO, 2020, p. 229.

¹⁰⁸ Ibid., p. 230.

¹⁰⁹ Ibid., p. 230-231.



Sob um clima de otimismo, de esperança de peixe e de comemoração pelo aumento da família do Sr. Vasconcelos, eles continuam a prosear enquanto se distanciam da praia.

À medida que se distanciam, passam ao lado da gruta onde a Princesa Encantada habita, avistam a Piscina da Princesa¹¹⁰, a Pedra Furada¹¹¹ e a Pedra do Frade¹¹². E rumam mar adentro.

Em Jericoacoara as pedras possuem suas próprias histórias, mistérios e encantos. Seguindo suas lembranças contam sobre os primeiros movimentos de pessoas de fora da comunidade, o antigo Serrote, hoje Jericoacoara ou Jeri, para os mais íntimos.

Enquanto o barco desliza sobre as águas, as falas se misturam com as ondas e o passado se funde com o presente. Eles sabem que guardam um tesouro rico e cheio de histórias e que navegam no mesmo mar onde séculos atrás se desenrolou um conflito que deixou suas marcas.

Rememoram, em certo momento, a batalha entre os portugueses e os franceses, ocorrida em 1614, próximo à Pedra Furada. Neste ano, *o então governador geral do Brasil, Gaspar de Sousa, organizou a chamada jornada do Maranhão, com o intuito de combater os franceses nas costas brasileiras; o encarregado da expedição era Jerônimo de Albuquerque que, como base de futuras operações, fundou ao pé do Serrote de Jericoacoara, o forte de Nossa Senhora do Rosário, tendo celebrado festas em louvor da Santa a 5 de outubro, quando já havia sido atacada, a 18 de junho do mesmo ano, por piratas franceses, comandados por Du Prat*¹¹³.

¹¹⁰ Há uma rocha, próxima à gruta da princesa, que retém água do mar quando a maré está alta, assemelhando-se a um poço. Reza a lenda que a princesa tomava banho no local, denominado pelos moradores de Jericoacoara como Piscina da Princesa.

¹¹¹ Rocha em formato de arco, esculpido pela ação do tempo. Permite avistar o pôr do sol através do orifício nos meses de junho a agosto. A coloração rara da rocha chama atenção e atrai turistas, constituindo-se no principal cartão postal divulgado pelo destino turístico.

¹¹² Constitui-se em um PILAR MARINHO de Jericoacoara, composto de *porções mais resistentes de rocha que permanecem como TESTEMUNHO do antigo relevo do local, mesmo após a ação erosiva das ondas. [...] a rocha se mostra “fatiada” e “riscada”, [...] fraturas que orientam a erosão. Segundo a lenda a origem do nome, se deu devido à semelhança do pilar marinho, visto de um determinado ângulo, com um frade ajoelhado orando.* In: MEIRA, S. A. Folheto interpretativo como ferramenta de valorização de geossítios da Ponta de Jericoacoara, Ceará, Brasil. **REGNE**, v. 2, n. esp., 2016, p. 1168.

¹¹³ NUGA/UECE. **Área de Proteção Ambiental** – Jericoacoara. Fortaleza: NUGA/UECE, 1985, p. 27.

Os franceses, dizem, compunham uma frota de duzentos homens. Tentaram se apropriar do forte. Foram vencidos, após sangrenta luta, pelo português Manoel de Souza Eça. Com a derrota francesa, o forte foi demolido por ordem do seu fundador. A demolição do forte e a expulsão dos franceses acarretaram um esvaziamento da Vila. Ficou abandonada por dois séculos. No final do século XIX, voltou a ser habitada por cinco famílias: Paulino, Osório, Francisco Mundaú, José Vicente e Diogo Martins¹¹⁴.

O Sr. Araújo lembra que os mais velhos contam que as primeiras famílias que chegaram no Serrote, como moradores, vieram fugidas da seca. Tiveram notícias de que aqui havia peixe em grande quantidade. Antes eram os índios da tribo Tremembé.

E nisso, o Sr. Araújo lembra do poeta Joaquim Canuto Pedro, um morador nativo que cantou e encantou, com os seus cordéis, gente de cá e de além-mar. Contava histórias de Vicente Pinzon, um espanhol que mandou celebrar missa no Serrote. Joaquim Canuto falava sobre a chegada de outro espanhol, Manoel Queiroz, que desembarcou no Serrote para descansar. Contou, ainda, que, quando o poeta *entrou na furna para despertar o jacaré, e começou a rezar, o Serrote deu três estrondos, os animais quebraram os cabrestos e fugiram*¹¹⁵. Adianta que *das canoas se ouvem as batidas da furna do ferreiro, onde uma pedra bate até o galo cantar*¹¹⁶.

E assim, envoltos, pela força das lembranças a tripulação da canoa, segue, naquele dia, como em tantos outros, mar adentro, em direção ao ponto onde esperam encontrar peixe.

Em Jeri, aprende-se que navegar é não só recordar o passado, mas fazê-lo presente. Em Jeri, aqueles homens, por entre o mar e as ondas, ensinam, todos os dias que a memória pode ser a celebração da imaginação, e dos desejos de um povo.

¹¹⁴ FONTELES, J. **Turismo e Impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004, p. 131.

¹¹⁵ BRANDÃO, A. L. R. **O Turismo Convencional e o Contra-hegemônico de Canoa Quebrada e Jijoca de Jericoacoara – CE**. 2015. 157f. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão de Negócios Turísticos) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015, p. 117.

¹¹⁶ ARAUJO, N. **Jericoacoara**. Acaraú: [S. I.], 1987, p. 35.



As cidades sutis 1

Presume-se que Analice, cidade dos mil poços, esteja situada em cima de um profundo rio subterrâneo. A cidade se estendeu exclusivamente até os lugares em que os habitantes conseguiram extrair água escavando na terra longos buracos verticais: Analice na vertical, se ergue, de pé em si mesma, é possível descrevê-la com a água da correnteza; tem a alegria infantil, popular, passarineira, de um riacho horizontal (e embora de pé esteja)¹¹⁷. O seu perímetro verdejante reproduz o das margens escuras do rio submerso, uma paisagem invisível condiciona a paisagem visível, tudo o que se move à luz do sol é impelido pelas ondas enclausuradas que quebram sob o céu calcário das rochas, é quando como se rio, a cidade se entrega, em rio que se deita sobre a terra¹¹⁸.

Em consequência disso, Analice apresenta duas religiões diferentes. Os deuses da cidade, segundo alguns, vivem nas profundidades, no rio negro que nutre as veias subterrâneas. Segundo outros, os deuses vivem nos baldes que, erguidos pelas cordas, surgem nos parapeitos dos poços. É quando a cidade se é da água corrente, por longa, sua aparência, somente a água de um poço expressa sua natureza; só uma água vertical pode, de alguma maneira, ser a imagem do que Analice quando horizontal é queda. Só uma água vertical, água parada em si mesma, água vertical de poço, água toda em profundidade, água em si mesma, parada, e que ao parar mais se adensa, água densa água, como de alma, a alma da cidade está densa¹¹⁹. Analice, cidade que se move para o alto.

¹¹⁷ MELO NETO, 2020, p. 254-255.

¹¹⁸ Ibid., p. 255.

¹¹⁹ Ibid.



O território compreendido entre os Municípios de Jijoca de Jericoacoara – CE, Parnaíba – PI e Barreirinhas – MA, com suas respectivas unidades de conservação e áreas de entorno, constitui-se como uma das regiões mais pobres do Brasil. Para o Ministério do Turismo - MTur, esse fato é o que justifica a implantação do roteiro turístico denominado como Rota das Emoções, inserido no território Costa Norte e de onde Jericoacoara faz parte. A tentativa é de possibilitar a geração de emprego e renda para os seus moradores, incluindo-os socio ambientalmente¹²⁰. Tem o turismo como vetor de desenvolvimento local.

O Estado brasileiro, a partir de 2005, prioriza a divulgação dessa Rota, pelo então Ministério do Turismo e pelas secretarias estaduais e municipais das respectivas instâncias administrativas. Os ambientes naturais constituem-se no principal produto comercializado nas feiras internacionais, nacionais e locais. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae, como principal parceiro, faz, em grande medida, a gestão e integração do roteiro.

Isso chamou minha atenção, como pesquisador, educador e gestor envolvido com experiências em educação ambiental e turística e, também, na gestão pública. Acompanhei a implantação dessa Rota, inclusive participando do Fórum de Cultura e Turismo do Litoral Extremo Oeste do Ceará, nos anos de 2007 a 2011. Congrega segmentos da gestão pública, iniciativa privada e terceiro setor, nos municípios do entorno do Parque Nacional de Jericoacoara: Acaraú, Barroquinha, Camocim, Chaval, Cruz, Granja e Jijoca de Jericoacoara. Constitui-se enquanto Instância de Governança do destino turístico.

Parto do princípio de que o turismo não é apenas um vetor econômico, mas um fenômeno que está relacionado a elementos naturais, culturais e socioambientais, com impactos positivos e negativos. Dependendo da racionalidade de quem se envolve com ele, como empreendedor, gestor ou turista, pode possibilitar experiências de conservação e preservação cultural e ambiental. Estimula a geração de emprego e renda e a interculturalidade entre moradores locais, com o seu jeito de conviver com

¹²⁰ Por inclusão socioambiental, compreendo o envolvimento dos sujeitos de um determinado lugar no processo de desenvolvimento local nas esferas econômica, cultural, social e ambiental.

a natureza, com outros moradores que se incorporaram à comunidade e com os visitantes, sobretudo os que buscam espaços protegidos, levando em conta as características identitárias das populações nativas.

No entanto, o modelo de turismo que prevalece na sociedade, em nível global, não oferece, ainda, alternativas de rompimento com o círculo de pobreza. Constatase uma apropriação e exploração de mão de obra, excetuando-se as experiências de turismo solidário, comunitário ou de base local. Essas são desenvolvidas com a inclusão dos moradores nativos em todas as etapas do processo, iniciando pela identificação de potencialidades, formatação dos produtos, comercialização e prestação de serviços. Essa proposta compatibiliza interesses econômicos, sociais, culturais e ecológicos. Possibilita o desenvolvimento local pleno, sustentável e solidário. *Os grandes desafios para o desenvolvimento pleno do turismo [...] são a preservação ambiental, a qualidade de serviços turísticos e a capacitação profissional em larga escala e em todos os níveis*¹²¹.

A Rota das Emoções, com a lógica da ocupação nos moldes capitalistas, prometia a inclusão socioambiental das populações nativas. No entanto, observam-se alterações na relação sociedade e natureza, com a entrada do turismo. As comunidades são impactadas pelo processo de turistificação.

*Com a turistificação de Jericoacoara, há implementação da lógica de ocupação do território diferenciada da de outrora. O incremento da população, com crescimento vegetativo associado a fluxos de migrantes, gera pressão crescente sobre o ambiente natural, extrapolando os limites de ocupação do território, cujos desdobramentos causam problemas ambientais de natureza diversa*¹²².

Estudos já realizados apontam que os moradores nativos se sentem excluídos dos programas, projetos e ações que são elaborados e implantados, pelo menos em parte, nas comunidades turísticas. Isto pode ser visto em depoimentos como: *A problemática da falta de inserção do nativo na estrutura produtiva do turismo é uma das questões mais comentadas pelos atores sociais em Jericoacoara e em outros locais da Costa Norte*¹²³.

¹²¹ TRIGO, L. G. G. **Turismo e Qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papirus, 1993, p. 115.

¹²² MEIRELES, A. J. A.; DANTAS, E. W. C.; SILVA, E. V. **Parque Nacional de Jericoacoara; trilhas para a sustentabilidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 25.

¹²³ COSTA, H. A. **Mosaico da Sustentabilidade em Destinos Turísticos**: cooperação e conflito de micro e pequenas empresas no roteiro integrado Jericoacoara – Delta do Parnaíba – Lençóis

O processo de exclusão que se dá em Jericoacoara e em outras comunidades, com a chegada do turismo e de outros projetos econômicos a este relacionados, demonstra uma lógica colonial, onde a cultura dos povos ali existentes foi e ainda é pensada sob a ótica que privilegia *uma dada cultura como civilizada – em geral a eurocêntrica em detrimento das demais, que são tidas como primitivas e atrasadas*¹²⁴. Nessa perspectiva, o conhecimento pela experiência, o saber popular, é desqualificado. Os detentores deste conhecimento estão “inseridos” nos planos de negócios, mas como subalternos e na lógica deste processo de exclusão é importante a legitimidade deles para dar uma aparência de envolvimento coletivo.

Para tanto, são empregados diversos mecanismos *pelos grupos hegemônicos para trabalhar e sustentar essa relação, em si mesma assimétrica e, na maioria das vezes, injusta e desigual*¹²⁵.

Com base em estudos por mim já realizados, em visitas como turista e também por relatos de pessoas que visitam a Rota, considero que o turismo na região não se diferencia em linhas gerais de outros roteiros, do ponto de vista da formatação e comercialização de produtos. É alicerçado no turismo duro¹²⁶ ou no turismo de massa¹²⁷ que exclui as populações nativas como sujeitos do um processo e que devem ter conhecimento sobre ele desde a concepção, o planejamento e a comercialização. Desagregam valores sociais, culturais e ambientais. Inviabilizam o empoderamento e a valorização identitária dessas populações. Os empresários, na grande maioria, são adventícios e utilizam a mão de obra de nativos para serviços menos qualificados e, por conseguinte, com menor remuneração como ocorre em Jericoacoara, onde tenho maior apreensão dessa realidade.

Os planos, projetos e ações elaborados deixam a desejar no âmbito do envolvimento dos moradores nativos como sujeitos do seu desenvolvimento. Não

Maranhenses. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009, p. 146.

¹²⁴ OLIVEIRA, M. W. de *et al.* Pesquisando Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, M. W. de; SOUSA, F. R. de (orgs). **Processos Educativos em Práticas Sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCAR, 2014, p. 114.

¹²⁵ GUARESCHI, Pedrinho. Pressupostos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). *As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. – 14 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 147

¹²⁶ KRIPPENDORFF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

¹²⁷ DE MASI, D. Turismo e Tempo Livre: uma alternativa para o Terceiro Milênio. In: FARIA, I. F. (coord.). **Turismo**: lazer e políticas de desenvolvimento local. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

valorizam as experiências existentes no seu território, onde viveram e vivem há muitos anos.

O seu saber é desqualificado, em alguns momentos e sequestrado em outros. Assim, são *impedidos de se legitimarem* no território que agora convive com outras territorialidades. E, *difficilmente poder-se-á falar numa sociedade verdadeiramente democrática e pluralista, tanto política como cultural e economicamente*¹²⁸.

Percebo que os moradores nativos estão mais envolvidos como condutores de turismo, artesãos, alguns também em passeios turísticos e outros ainda em serviços de traslado dos aeroportos aos destinos turísticos. O setor de hospedagem está mais centrado em pessoas de fora da comunidade, com mais recursos econômicos e com maior visão de mercado, como na Vila de Jericoacoara, por mim estudada já desde o final da década de 1980.

*A leitura e análise dos dados da série histórica sobre os meios de hospedagem na Vila de Jericoacoara, de 1989 a 2012, revela que o Destino Turístico aumentou a sua capacidade em 70,6%, atendendo satisfatoriamente aos visitantes nos seus diversos perfis, exceto no período de Réveillon, quando o número extrapola a capacidade de suporte. No entanto, a grande concentração pelos adventícios do próprio estado do Ceará, de outros estados brasileiros e de vários continentes evidencia a exclusão dos moradores nativos, deixando-os à margem do processo de desenvolvimento local integrado, proposto pelo Ministério do Turismo, pelos seus programas, projetos e ações*¹²⁹.

Em 2016, fiz uma atualização dos meios de hospedagem. Continuei a série histórica, iniciada em 1989. Encontrei 115 estabelecimentos. Deste total 13 são de propriedade dos nativos – 11,3% - e 102 dos adventícios – 88,7%.

A perda do controle dos meios de hospedagem pelos nativos é assustadora para mim. Suscitou indagações se estes moradores não detinham outras formas de participação no mercado turístico. Para tanto, indaguei sobre a propriedade do equipamento onde está situado o meio de hospedagem. Dos 150 equipamentos pesquisados verifiquei que a maior parte continua com os moradores nativos que alugam ou arrendam para os moradores adventícios. A concentração nos nativos é

¹²⁸ GUARESCHI, 2014, p. 155.

¹²⁹ FONTELES, J. O. Participação dos Moradores Nativos no Destino Turístico Referência em Sol e Praia: Jericoacoara – CE. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, CCH/UVA, Sobral/CE, Ano IX, n. 1, 2015a, p. 95.

de 63%, somando-se 92 equipamentos. Os adventícios detêm 37%, somando um total de 58. Verifica-se que os percentuais são diferentes dos meios de hospedagem.

Em cada período pesquisado os moradores nativos, mesmo ainda como proprietários de equipamentos turísticos, perdem espaço no mercado, diminuindo, por consequência, a sua participação na economia local. São excluídos do sistema dominante do ponto de vista global, regional e local.

Este fato contradiz as diretrizes da Política Nacional do Turismo. Contradiz também os interesses dos moradores locais que, por não conseguirem inserir-se na lógica do capital, grande parte refugia-se na periferia da Vila. Outra parte emigra para outras comunidades do entorno de Jericoacoara e para lugares mais longínquos, como já mencionado. Afasta-se do seu lugar, que agora é um *não lugar*. Quebram-se as relações de sociabilidade local, não só com os que saem, mas também entre os que ficam. Estabelece-se uma linha abissal entre os de dentro e os de fora. Os de dentro são agora impedidos de exercerem as suas práticas. Os de fora, que se estabeleceram na Vila com o seu jeito de ser, com a sua cultura, com os seus modos de vida, alteram as relações de sociabilidades. Instala-se um conflito, balizado no discurso da cooperação e da inclusão.

Cooperação, porque todos podem estar associados a uma instituição da sociedade civil que os represente, tais como o Conselho Comunitário e a Associação dos Moradores Nativos. Os que estão envolvidos com atividades turísticas podem estar vinculados também a uma associação ou cooperativa que os represente. E há muitas instituições em Jericoacoara. Mas é preciso indagar como estes moradores pensam a instituição à qual estão associados, como se sentem representados. Que papel exercem nela. Como é o seu poder de fala, de interferência, de proposição, de ação efetiva e afetiva.

Inclusão porque, para os detentores da economia local, ter um nativo como trabalhador, em qualquer atividade, com menor ou maior remuneração, significa estar incluído. Mas será esta a inclusão que eles esperam, buscam e necessitam? Será que não gostariam de opinar sobre o destino turístico, que tipos de produtos podem e devem ser comercializados, levando em conta as suas experiências e vivências, ao longo da sua vida?

No campo da cooperação, entretanto, identifico a existência de experiências em organização empresarial e comunitária na Rota das Emoções. Elas contribuem com a qualidade dos serviços prestados ao turista, conforme um estudo sobre a

inserção dos moradores de Jericoacoara na gestão do turismo. Analisei o *segmento Sol e Praia, no sentido de compreender como se dá a inserção dos atores sociais locais na construção e comercialização de produtos que atendam aos interesses dos visitantes, gerando renda e inclusão socioambiental, a partir de uma gestão integrada*¹³⁰.

O Turismo de Sol e Praia *constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor*¹³¹.

Reconheço, também, as tentativas governamentais para potencializar a Costa Norte com outras alternativas de fazer turismo. Cito o Projeto de Desenvolvimento do Turismo Sustentável que *buscou compatibilizar o desenvolvimento do turismo com: o ordenamento do uso e da ocupação do solo; a execução de projetos de fortalecimento institucional e de planejamento participativo; a capacitação e a experimentação de novos modelos socioprodutivos, tais como a hospedagem familiar, a produção familiar associada ao mercado turístico, e a prática do comércio justo e solidário*¹³². No entanto, como pude perceber, os moradores nativos não estão envolvidos nesses processos. A sua história não tem relação dialogal com a Rota das Emoções.

As tentativas de minimizar o impacto do turismo de massa, global e dominante implantado na Rota, com a participação dos diversos segmentos ocupacionais inseridos na atividade, não atendem às expectativas dos moradores nativos. Ainda prevalece, pelas minhas lentes, a sua exclusão do processo de concepção, implementação e gestão do fenômeno turístico.

A partir desse contexto, tomando como referência as histórias dos moradores nativos e as suas experiências de vida, é necessário implantar experiências que possam subsidiar políticas públicas para o setor, com estímulo ao turismo solidário e de base comunitária, além de outras tipologias que existem na região, mesmo ofuscadas pelo modelo dominante.

É necessário que os moradores nativos de Jericoacoara se constituam, através de suas histórias, como sujeitos do processo de desenvolvimento turístico local e

¹³⁰ FONTELES, J. Inserção dos atores sociais locais na gestão do turismo em Jericoacoara – CE. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo/AL, v. 5, n. esp., abr. 2015b, p. 55.

¹³¹ BRASIL. **Turismo de Sol e Praia**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008, p. 16.

¹³² SAWYER, E. J.; TASSO, J. P. F.; ASSAD, L. T. (orgs.). **Turismo Sustentável**: Projeto de desenvolvimento do turismo sustentável nas regiões dos Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba, Serra da Capivara e Jericoacoara. Brasília: Editora IABS; Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento; Ministério do Turismo, 2010, p. 7.

regional. E que como protagonistas se posicionem frente a sua comunidade e aos que se instalam como moradores, empresários ou gestores públicos. Sei que essa pretensão é bastante ousada, mas necessária.

Demarco o lugar de onde falo e as referências que fundamentam e que hoje se constituem como trajetória e desafio deste pesquisador. Tive várias inserções em Jericoacoara ao longo da minha vida, como já mencionado. Percebo que os moradores nativos, aparentemente apáticos ao que acontece no seu território, compreendem sim os novos tempos em que vivem. Têm consciência dos seus limites e também das suas possibilidades. Presenciei vários momentos de enfrentamento e resistência frente a ações que contrariam os seus interesses, em torno de ocupação de espaços em tempos diferenciados.

Como mostra disso, proponho seguir o fio narrativo deste trabalho, acolhendo o que dizem algumas das histórias dos moradores nativos de Jericoacoara.



As cidades e a memória 3

3

Inutilmente, magnânimo viajante, **tentarei descrever a cidade de Nema dos altos bastiões**. Poderia falar de que aqui o mar é uma montanha regular, redonda e azul, mais alta que os arrecifes e os mangues rasos ao sul. Do mar poderia extrair, do mar desse litoral, um fio de luz precisa, matemática ou metal; **mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado**¹³³; e daí a lembrança que vestiu tais imagens e é muito mais intensa do que pôde a linguagem¹³⁴. **A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Nema como é atualmente deveria conter todo o passado de Nema. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém, como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, as impressões digitais particulares, os gestos familiares. Os movimentos plantados em alicerces, e os olhos, mas bulindo de vida presa. Entre nossas pedras (uma ave que voa, um raio de sol)**¹³⁵.

¹³³ CALVINO, 2003, p. 147.

¹³⁴ MELO NETO, 2020, p. 219.

¹³⁵ Ibid., p. 64-65.



Em Jericoacoara, entre a praia da Vila e a Pedra Furada, há uma gruta, na base do Serrote, que se conecta com o mar. Ao lado da gruta mora uma princesa encantada. *Diz a lenda que ela só pode ser desencantada com sangue humano. No dia em que se imolar alguém perto do portão, abrir-se-á a entrada do reino maravilhoso. Com sangue será feita uma cruz no dorso da serpente e então surgirá a princesa com sua beleza olímpica no seio dos tesouros e maravilhas da cidade. E então, em vez daquela ponta escavada e agreste, surgirão as cúpulas dos palácios e as torres dos castelos, maravilhando toda gente*¹³⁶. Ali podem-se encontrar a sala e o quarto dela.

O Sr. Carvalho conta que a princesa é o encanto de Jericoacoara. O Véio Ihe disse que os mais velhos falam que é uma cobra. Mais para ele é uma princesa. Ela não se apresenta para ninguém. Tem uma piscina onde se banha todos os dias. Fica entre um serrote e outro. É uma piscina linda! E mais a baixo, na divisa dos dois serrotes, tem a gruta que parece uma casa. Você entra por uma porta e sai por outra.

Sr. Honório intervém na prosa: - diz-se que a Princesa mora na gruta e é vigiada para que ninguém possa entrar na sua casa e desencantá-la. A mãe da Baíca dizia que a boca da fuma era muito grande. Às vezes entravam até um primeiro salão. Depois, quando o pessoal começou a ir mais, a pedra se fechou. Tinha alguma coisa que não queria que passasse para lá. Não queria que ninguém visse...

Sr. Araújo também sabe da existência da princesa. - A princesa se comunica com um príncipe que mora no serrote do Cajueirinho – outros dizem que o príncipe mora é no Morrinho. Para outros é em Ubajara que ele mora. O fato é que quando a princesa fala com o príncipe dá um estrondo muito grande que balança tudo. Derruba até as garrafas da prateleira. Mas tem também gente que diz que o príncipe mora é na boca da barra do Camocim. É um peixe - um bagre.

Há ainda outro príncipe que se comunica com a Baíca, conta o Sr. Honório. *Um príncipe bagre que vem do Camocim para ver as moças tomar banho na praia de Jericoacoara. É um encanto do mar. Um dia o príncipe brigou com o bagre e disse:*

¹³⁶ CASCUDO, L. C. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Global, 2002, p. 343.

como é que tu és um príncipe das ondas do mar e vem para cá, ver só o mulheril tomar banho, seminua? O príncipe bagre respondeu: porque eu gosto...



As cidades sutis 2

2

Agora contarei o que a cidade de Julieta tem de extraordinário: embora situada em terreno seco, ergue-se sobre altíssimo trampolim. Cortaram Julieta em prancha longa e estreita no Brasil nordestino de que era sabre e testa. Cortada em trampolim, os seus nativos herdaram o saltar que incita a mola que entesa e dá ao salto o impulso que mais longe projeta, e atira pra longes do que nela for cela. Trampolim, suas praias atiram (são balestras), para praias sem nada de praia, onde só nevoas, praias de nadas brancos, sem coqueiros, desertas, onde habitando o que pode ser, ou não ser, Grécias, a sesta nunca esquece o arco de que foi flecha, os coqueirais que dão sombra e música à sesta. Trampolim, Nema não somente projeta: conservou suas praias e as janelas abertas. O trampolim usual também salta às avessas: se é imóvel é uma porta que o fermento penetra, é oficina que ensina a aguçar setas, pedras...¹³⁷

Não se sabe qual necessidade ou mandamento ou desejo induziu os fundadores de Julieta a dar essa forma à cidade, portanto não se sabe se este foi satisfeito pela cidade tal como é atualmente, desenvolvida, talvez, por meio de superposições do indecifrável projeto inicial. Mas o que se sabe com certeza é que, quando se pede a um habitante de Julieta que descreva uma vida feliz, ele sempre imagina uma cidade como Julieta com seus trampolins, talvez uma Julieta totalmente diferente, desfraldando estandartes e nistros, mas sempre construída a partir de uma combinação de elementos do modelo inicial.

Dito isto, é inútil determinar se Julieta deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.

¹³⁷ MELO NETO, 2020, p. 506-509.



O encanto de Jericoacoara não está só na Princesa. Vai muito mais longe. O Amarildo me disse que pega toda a região do Serrote. O *Serrote de Baixo* e o *Serrote de Cima*. *Tem a ver também com os primeiros moradores de lá que eram os índios Tremembé. Amarildo, disse também, que o Serrote é o encantado do povo nativo. Lá estão as suas histórias. Os seus mitos. O Serrote dos povos Tremembé. Lá eles travaram suas batalhas e se espalharam. Era uma das maiores aldeias indígenas, desde mil e quinhentos. Jericoacoara tem a sua história indígena gravada nos seus fortes, o local onde eram as aldeias. Há sinais deles pela região das dunas: cacos de panela, de prato, utensílios que eram utilizados por eles. Cavando, a gente encontra.*

Já o Sr. Honório conta que o Vêio disse que um dia passou por uns cajueiros que tinham perto da Furna do Encante. Ele ia correndo, já era tarde quando passou do lado de baixo da furna, sentiu um cheiro como se fosse de roupa sendo engomada. Ficou assustado, correu ainda mais. Não teve coragem de olhar para trás. Tinha a impressão que alguma coisa lhe seguia. Muita gente já viu coisa em cima do Serrote. Ouvi muita gente falar que viu um pé de laranja, de feijão, encontrava o feijão... depois voltavam e não tinha nada.

O pai da Baíca, conta o Sr. Carvalho, uma vez foi atrás das ovelhas, aí quando ele viu, uma galinha cheia de pinto novo, em cima do Serrote. Aí ele andando vendo a galinha, quando foi de repente, a galinha sumiu. O irmão dela também contava que uma vez ele veio do Acaraú, a cavalo. Pela meia-noite passou pelo serrote, uma moça estava cantando. Mais a voz era tão bonita que era capaz de encantar as pessoas. Daí tirou a burra, por fora, para as baixas¹³⁸, soltou a burra, até chegar aqui. Veio ligeiro. Ficou com medo.

Já o Sr. Araújo, conta que, a Baíca disse que antigamente aparecia muita coisa ali. Os mais velhos contavam que viam uns comboieiros que vinham da Serra para o Serrote. Quando foi uma noite, eles passaram ali, no monte, no Serrote, estava aquela cidade mais linda do mundo. Cheia de loja, bodega, botequim, toda coisa lá. Um dia uma pessoa passou por lá e viu um pé de laranjeira. Cheio de laranja. Ela pegou umas

¹³⁸ Terrenos alagadiços, sobretudo na época de chuvas, com paisagem embelezada por dunas, lagoas interdunares, gramínea e pássaros colorindo o ambiente e animando com seus cantos polifônicos.

laranjas, tirou, botou até no chapéu. E trouxe. Quando foi de manhã, ele contou para o seu avô. O avô dele disse: tá louco? Lá não tem nada disso não! Ele disse: tem! Tem não! Respondeu e continuou o diálogo dizendo: Pois vamos lá? Vamos! Foram e não encontraram nada.

Outros pescadores, também, contaram sobre a Pedra do Encante¹³⁹. Belisco comentou que esta pedra tem muitas histórias. Para ele *é de uma beleza! Está de frente para o mar. Rememora o Poeta Joaquim Canuto, pela sua poesia em cordéis. No pé desta pedra tem um olho d'água permanente, onde bebe todos os viventes, de inverno e verão.* Belisco diz que a Pedra do Encante é bem perto da Pedra Furada. É uma pedra grande, redonda, que está bem solta.

Sobre a Pedra do Encante, o Sr. Araújo também se refere, assim, às conversas com a Baíca: *A mãe da Baíca disse que uma vez sonhou que estava no Serrote. Viu a Pedra do Encante. Tem uma porta embaixo e outra em cima. Uma moça chegou para ela e disse: pega esse facão e rola esse homem que está em cima dessa porta, que eu quero passar. Mas nunca dava o facão para ela. Apontava para dar, mas não conseguia. E o homem continuava deitado. É uma pedra que se apoia só numa beirinha...Ela disse que aquilo, no sonho, é um jarro com flores que tem ali em cima.*

Conta o Sr. Araújo que: *O Amarildo disse para mim que o seu pai confirma que no pé da Pedra do Encante tem um olho d'água. Quando a sua cacimba tinha mais dificuldade para jorrar água, ele enchia uma cabaça com a água da fonte da Pedra do Encante, trazia e botava na sua cacimba para ter água, sempre.*

E o Sr. Carvalho, sorrindo, diz que: *as cacimbas... era uma belezura de água! Água pura, filtrada pela areia das dunas. Fazia fila de gente, com suas vasilhas para pegar água. As mulheres levavam para casa em latas, na cabeça. Os homens, em calão – duas latas, uma na frente e outra atrás. Era até um divertimento. Rolava conversa de tudo quanto era jeito... às vezes dava umas moreiazinhas também, mas tudo bem resolvido.*

E, é assim, que em Jericoacoara, os moradores perpetuam o encanto de suas histórias. Histórias que sob outra forma, são os seus verdadeiros **trampolins**. Histórias que mostram que o sangue que corre nas suas veias e o ar que respiram

¹³⁹ Conhecida também como Pedra Solta, é reverenciada pelos moradores nativos, os moradores do Serrote. Tem significados profundos no imaginário daquela população como observamos ao longo desta.

brotam dali, das suas pedras, dos seus mandacarus, dos pássaros que vivem por lá, dos répteis, dos muricizeiros e de tudo que faz ser e viver o encanto de Jeri.



As cidades e os encontros 1

1

A oitenta quilômetros **de distância contra o vento noroeste, atinge-se a cidade de** Odete, **onde os** turistas **de sete** países **convergem em todos os solstícios e equinócios. O barco que ali atraca,** o faz em densas noites, com medo de tudo: de um anjo que é cego, de um anjo que é mudo¹⁴⁰. **Mas o que leva a subir os rios e atravessar os desertos para vir até aqui não é apenas o turismo que encontram em outros mares dentro e fora dos seus impérios.** O esquadro disfarça o eclipse que os homens não querem ver¹⁴¹. **Não é apenas para comprar e vender, ou para fazer turismo, que se vem a Odete, mas também porque à noite, sob o lado ímpar da memória o anjo da guarda esqueceu perguntas que não respondem e os anos indiferentes rodam (sempre) e mais uma vez nos mesmos intermináveis carrosséis**¹⁴².

E sabem que na longa viagem de retorno, quando puserem-se a pensar nas próprias recordações, o anjo terá se transformado num outro anjo, os anos em anos diferentes e os carrosséis em outros carrosséis. Falam de ilhas que mesmo os sonhos não alcançam¹⁴³. Falam **do livro aberto nos joelhos, do vento nos cabelos, do olho no mar. Ao retornar de Odete, a cidade em que os acontecimentos de água põem-se**¹⁴⁴ **a repetir e onde as memórias se encontram em todos os solstícios e equinócios.**

¹⁴⁰ MELO NETO, 2020, p. 38.

¹⁴¹ Ibid., p. 46.

¹⁴² Ibid., p. 38.

¹⁴³ Ibid., p. 47.

¹⁴⁴ Ibid., p. 48.



A promessa da boa pescaria remexe com as lembranças dos amigos pescadores. Os que estão na canoa e os que estão em terra.

Lembra o Sr. Honório da história da Pedra do Frade: *Diz-se que seis horas da tarde, todo dia, tinha um frade, numa pedra perto da Pedra Furada, que ia admirar o mar. Muitas pessoas viram. Aí batizaram a pedra de Pedra do Frade.*

Zé do Chico do Meste diz que *desde quando se entende como gente, no mundo, conhece essa pedra. Todo nativo de Jericoacoara conhece.*

E os fogos, que a gente via em cima do Serrote? Indaga o Sr. Vasconcelos. *Chamavam fogo da visagem. Você via o fogo, ia ao encontro dele, quando chegava não existia mais. Amarildo cansou de me dizer isso.*

Rapaz e o Gritador? Todos lembraram. Disse o Sr. Vasconcelos: *Me assustei muito com ele. O Zé do Chico do Meste disse que ele existe de verdade. Não é lenda. Nem é mentira. O Gritador e o Assoviador. De primeiro muita gente ouvia. Disse ainda que, muitas vezes vinha da rua e ele assoviava aqui. E se você assoviasse também, podia se aprontar para se assombrar. Às vezes alguém duvidava, assoviava e em poucos segundos ele estava bem perto de você. Caboclo tinha de sair correndo, fazer alguma coisa. Era sempre à noite. Às vezes mais cedo, outras vezes mais tarde. Um dia o Zé ouviu o assovio, perto de casa, e assoviou. Assoviou e correu para dentro de casa. Assim que ele entrou, o assovio troou na cumieira da casa. Estrondou tudo dentro de casa. O pai dele se levantou, brabo, quis bater nele.*

O Sr. Araújo, conta ainda, que o Véio também disse que ele existe. *Cansou de viajar do Serrote para o Mangue Seco, Córrego da Forquilha, Guriú, para pegar transporte para ir para Camocim, para poder pegar o barco de pesca que dava porto lá. O Gritador uma vez o seguiu. Ele ficou calado e ouviu o assovio e o grito passando por ele, até que sumiu. As mães se aperreavam quando os filhos saíam e diziam: Venham cedo por causa do Assoviador! Recomendavam que quem escutasse não respondesse.*

Hoje, não se ouve mais por causa do barulho, disse o Zé do Chico do Meste. *Tem som para tudo quanto é lado!*

Confesso que quando escuto cada uma dessas histórias, mareio minha razão e me permito ser conduzido pela imagem de um anjo, depois de outro e mais outro... E nesse movimento percebo que os anos podem assim passar, ou mais se aproximar, porque o que realmente importa é que enquanto as histórias acontecem a vida parece pela memória como um ***livro aberto nos joelhos, tendo o vento nos cabelos e o olho solto pelo mar.***



As cidades sutis 3

Ignoro se Libânia é dessa maneira por ser inacabada ou demolida, se por trás dela existe um feitiço ou um mero capricho. O fato é que não há paredes, nem telhados, nem pavimentos: não há nada que faça com que se pareça com uma cidade, exceto os encanamentos de água, que sobem verticalmente nos lugares em que deveria haver casas. Dir-se-ia que os encanadores concluíram o seu trabalho e foram embora antes da chegada dos pedreiros; ou então as suas instalações, indestrutíveis, haviam resistido a uma catástrofe, terremoto ou corrosão de cupins.

Abandonada antes ou depois de ser habitada, não se pode dizer que Libânia seja deserta. Mulheres vão e vem pela rua deserta¹⁴⁵. A qualquer hora do dia, levantando os olhos através dos encanamentos, não é raro entrever uma mulher azul deitada, que esconde entre os braços, esses pássaros friíssimos que a lua sopra alta noite nos ombros nus do retrato. E do retrato nascem duas flores que em certas horas do dia crescem prodigiosamente para que as bicicletas do desespero corram sobre seus cabelos¹⁴⁶. Nessas horas, o mar sopra sinos, os sinos secam as flores e a memória cheia de palavras, faz os pensamentos procurarem fantasmas¹⁴⁷.

A explicação a que cheguei é a seguinte: os cursos de água canalizados nos encanamentos de Libânia ainda permanecem sob o domínio das sereias. Habitadas a percorrer as veias subterrâneas, encontram facilidade em avançar pelo novo reino aquático, irromper nas fontes, descobrir novos espelhos, novos jogos, novas maneiras de desfrutar a água. Pode ser que a invasão delas tenha afastado os homens, ou pode ser que Libânia tenha sido construída pelos homens como oferta para cativar a benevolência das sereias ofendidas pela violação das águas. Seja como for, agora parecem contentes, essas mulheres azuis: cantam de manhã.

¹⁴⁵ MELO NETO, 2020, p. 35.

¹⁴⁶ Ibid., p. 36.

¹⁴⁷ Ibid., p. 37.



À frente, na praia, a uns 200 metros de distância está a Piscina da Princesa, visível quando a maré está baixa. Um ponto de parada para os visitantes mais bem informados e que conseguem driblar a linha reta do seu percurso.

Contam que a princesa será desencantada quando encontrar um príncipe que habita na Gruta de Ubajara, na Serra da Ibiapaba – CE, a aproximadamente uns 250 quilômetros de distância de Jericoacoara.

Há especulações, inclusive, sobre a possibilidade de que a Gruta do Serrote de Jericoacoara possa acessar a gruta de Ubajara. Se entre ambas existe um acesso, ninguém sabe, mas todos sabem que certamente a princesa ainda não encontrou o príncipe, pois o encanto continua. A princesa e o príncipe ainda não foram vistos. Se alguém viu, silenciou a façanha.

No entanto, as histórias e seus mistérios prosseguem, como através do relato desse diálogo:

- *Quem será ? Perguntou Alex.*

- *Põe o som no viva-voz.*

- *... Princesa larati. Estou presa e enfeitiçada...*

Uma voz harmoniosa de mulher. O som era um tanto fraco, mas audível.

- *Parece uma mensagem gravada. Vamos ouvir... – disse Tio Joca.*

- *... Na Cidade Encantada de Jericoacoara... continuava a voz.*

Fica no Ceará – disse Joca.

- *... Procurem o pajé M 'Boi na Amazônia. Ele saberá como me salvar!*

Houve um ruído e, logo a seguir, a mensagem retornou:

- *A quem ouvir, aqui é a...*

- *Está repetindo a mensagem. Zico veja aí no painel e aperte o botão de gravar.*

- *Uau! É uma princesa precisando de ajuda – disse Zico. Talvez até tenha um tesouro nessa história!*¹⁴⁸

Contam também, que a Princesa Encantada de Jericoacoara é descendente dos Mouros, da Península Ibérica. O ferimento, com a marca de uma cruz, pode ser a

¹⁴⁸ GIRALDO, A. **A Cidade Encantada de Jericoacoara**. São Paulo: All Print Editora, 2011, p. 20-21.

volta ao corpo humano que ela tanto espera para selar o seu amor com a pessoa amada e usufruir da riqueza materializada em ouro, pedras preciosas e muitas moedas¹⁴⁹.

A história da Princesa me remete ao conto de Kafka, intitulado “O Silêncio das Sereias”, publicado em 1917, onde o autor faz uma releitura de um episódio do canto XII da Odisseia. Segundo esta interpretação do episódio, Ulisses ao seguir ao encontro das sereias, sabia da ameaça que as mesmas representavam para ele e para a sua tripulação. Sabia, também, que o seu canto era encantador e aterrorizador. Mesmo assim, Ulisses, ousou enfrentar as sereias. Por Kafka, *Ulisses tapou os ouvidos com cera e deixou-se amarrar ao mastro. [...] O canto das sereias a tudo traspassava, até a cera e a paixão dos seduzidos teriam feito saltar mais do que mastros e cadeias*¹⁵⁰. Ulisses embora tivesse clareza do perigo que o ameaçava, acreditava na sua astúcia, tinha convicção dos seus propósitos. As sereias, na ocasião, diante da determinação de Ulisses, enfrentaram o adversário utilizando a sua arma mais poderosa, que não é o seu canto...mas sim...o seu silêncio... *Embora não haja sucedido, seria, contudo, pensável que alguém se salvasse de seu canto, mas por certo não de seu silêncio*¹⁵¹. Ulisses não deu atenção ao silêncio das sereias, imaginou-se ouvindo e vendo as piruetas que elas faziam. *Elas, mais belas que nunca, porém, se erguiam e contorciam, deixavam a horrenda cabeleira ondular ao vento, cravavam as garras nas rochas; já não queriam seduzir senão que apenas o quanto possível prender o fulgor dos grandes olhos de Ulisses*¹⁵².

Há quem diga que a melhor forma de se livrar do inimigo é conhecer a sua estratégia de guerra. Ou até, em outras palavras, que o oprimido só pode se libertar da opressão quando compreende e identifica o seu opressor.

Adorno e Horkheimer, interpretam a Odisseia como uma viagem metafórica do homem ocidental em busca da sua constituição como sujeito que se baseia na herança da proto-história da subjetividade moderna.

Lembrando que por Kafka, Ulisses *livrou-se dessa sedução graças ao olhar dirigido a um horizonte distante, as sereias desapareceram literalmente diante de*

¹⁴⁹ CASCUDO, 2002.

¹⁵⁰ KAFKA, F. O Silêncio das Sereias. **Caderno de Leituras**, n. 70, jul. 2017, p. 2.

¹⁵¹ Ibid., p. 2.

¹⁵² Ibid., p. 3.

*tamanha firmeza, e justamente no momento em que estava mais próximo delas, não as percebia mais*¹⁵³.

Pode-se encontrar na Odisseia, também, a *descrição da construção exemplar do sujeito racional que, para construir a si mesmo como 'eu' soberano, deve escapar das tentações das seduções do mito, assegurando seu domínio sobre a natureza externa e também, sobre a natureza interna, sobre si mesmo*¹⁵⁴.

O esclarecimento, para Adorno e Horkheimer, *regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente - o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicara da esperança*¹⁵⁵.

Já Benjamin, ao retomar a leitura de Kafka, sugere que *Ulisses era tão astuto, uma tal raposa, que nem sequer a deusa do destino conseguiu devassar seu interior. Embora isso seja incompreensível para a inteligência humana, talvez ele tenha de fato percebido que as sereias estavam silenciosas, usando contra elas e contra os deuses o estratagema (que nos foi transmitido pela tradição) apenas como uma espécie de escudo*¹⁵⁶.

A tripulação da canoa que conduz os pescadores nativos de Jericoacoara, certamente não conhece Ulisses. Mas eles também desejam contar sua história. Querem preservar a sua memória. Sabem que o seu lugar está ameaçado, como também sabe que existe um confronto em seu caminho.

E é assim, por entre princesas e sereias que a experiência narrativa se constitui como *uma luta para manter a memória e, portanto, para manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro*¹⁵⁷.

¹⁵³ BENJAMIN, 2012, p. 153-154.

¹⁵⁴ GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 13.

¹⁵⁵ ADORNO, W. T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

¹⁵⁶ BENJAMIN, 2012, p. 154.

¹⁵⁷ GAGNEBIN, 2009, p. 15.



As cidades e os encontros 2

2

Ao entrar no território das refeições de peixe, dos versos medidos pelas ondas está¹⁵⁸ **Ilsa como capital, o viajante não vê uma, mas muitas cidades, todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si, espalhadas por um vasto e ondulado** lugar onde os seres pisam o fundo das águas, sobre a terra, o fundo do mar, um tempo marinho e calmo¹⁵⁹. **Ilsa não é apenas uma dessas cidades, mas todas juntas; somente uma é habitada, as outras são desertas; e isso se dá por turnos. Explico de que maneira. No dia em que os habitantes de Ilsa se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova. Ali,** onde o tempo é claro como a fonte e na fábula. Ali, onde nada sobrou da noite como ervas entre pedras. Ali, onde a terra é uma terra branca e ávida como a cal¹⁶⁰. **Assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si. Uma vez que a sua sociedade é organizada sem grandes diferenças de riqueza ou de autoridade,** sua mudez está assegurada, se a flauta seca será de mudo cimento, não será um búzio, a concha que é o resto de dia de seu dia: exato, passará pelo relógio como de uma faca o fio¹⁶¹. **Deste modo a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Arejadas salas, de nítidos enigmas povoadas, cuja noite guardada à lua e ao ar livre persiste, sem se dissolver**¹⁶². **Única entre todas as cidades, Ilsa permanece idêntica a si mesma. Liso muro branco, puro sol em si**¹⁶³.

¹⁵⁸ MELO NETO, 2020, p. 74.

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Ibid., p. 83.

¹⁶¹ Ibid., p. 85.

¹⁶² Ibid., p. 86.

¹⁶³ Ibid., p. 87.



Não sei ao certo quem sou Eu, ou quem são os Outros dessa história. *Ideia, quando começa a amolar, é como caruncho. A gente pode fingir que não vê o caruncho. Mas não é por isso que ele vai deixar de estar na madeira, comendo, comendo...*¹⁶⁴.

Tudo é novo para mim, Cada movimento na direção do Outro, me empurra mais e mais em minha própria direção. E isso, em princípio, é assustador. Tenho receio de não dar conta. O fardo pesa muito. Bem mais que minhas forças físicas podem suportar em determinados momentos. Mas como esperei tanto tempo para que esta viagem acontecesse, não tenho mais saída que não seja... prosseguir.

Afinal, tudo que busco como uma vigem de formação é um encontro comigo e com os Outros. Busco o diálogo fundamentalmente com esses Outros, moradores nativos de Jericoacoara e a partir das histórias narradas por eles, procuro reconstruir um campo narrativo de resistência, através de fragmentos, por exemplo, como este: *Foi um camarada que estava com a gente, interessado. Ele falava muito que a gente não vendesse o seu pedacinho. Aguentasse a mão, não vendam o que é de vocês. Cansou de avisar. Ele dizia: ‘Se vendeu, pronto’. Aí foi o tempo que pegaram a vender, ele comprou um bocado também que ele não é besta, não é? Muita gente vendeu terreno aqui, e quem comprou, tá aí... porque o sol nasce para quem compra e se põe para quem vende*¹⁶⁵.

A praia de Jericoacoara atrai os “amantes” da natureza, pelo seu isolamento e pelo seu recorte paisagístico. Já foi colocada no ranking de uma das dez praias mais bonitas do mundo *segundo o The Washington Post e como a quarta melhor praia da Terra pelo Huffington Post e já foi cenário de um filme internacionalmente premiado, A Ostra e o Vento*¹⁶⁶.

¹⁶⁴ GUIMARÃES, R. **Água Funda**. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 111.

¹⁶⁵ Depoimento de um morador nativo, em fevereiro de 1997. In: FONTELES, J. **Jericoacoara e a Invasão do Turismo**. Alterações nas Formas de trabalho e no Estilo de Vida. 1989. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) - UVA/UFC, Sobral - CE, 1989.

¹⁶⁶ Disponível em: PORTAL GUARA. Dica de Férias: Jericoacoara, eleita uma das praias mais bonitas do mundo! **Portal Guara**, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://portalguara.com/dica-de-ferias-jericoacoara-eleita-uma-das-praias-mais-bonitas-do-mundo/>. Acesso em: 1 abr. 2021.

Neste cenário, busquei dialogar com os Outros que ainda não tiveram oportunidade de contar a sua história a partir da sua perspectiva ou da sua condição de opressão. Tarefa nada fácil, visto que, conforme Paulo Freire já alertou, o processo de opressão consiste no fato de que o oprimido necessita afastar de si a imagem e o sentido da opressão. Caso contrário, não conseguirá se libertar a si e aos seus companheiros. *A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. A consciência oprimida se libertará pelas revoluções que transformam a situação concreta de opressão em uma nova, em que a libertação se instaura como processo, enfrentam esta manifestação da consciência oprimida*¹⁶⁷.

Compreendo que recuperar, ou fortalecer a capacidade narrativa, é também um processo de luta contra a opressão. E para isso faço aliança com os que defendem a necessidade de valorização e construção de outras epistemologias¹⁶⁸. Outras epistemologias que possibilitem o enfrentamento e a ruptura com os pensamentos dominantes que aprofundam os processos de colonialidade percebidos através do percurso narrativo.

Em Jericoacoara esse processo colonizador pode ser observado em vários tempos. Inicia com a expulsão dos índios Tremembé, com suas aldeias no Serrote. Prossegue com o domínio de homens que, morando no lugar, exerciam o poder econômico e político. Eram considerados homens bons, “acudiam” os nativos em momentos mais difíceis. Com o turismo outros donos chegaram, instalaram-se e dão as cartas no jogo. Podem ser até menos populistas, mas controlam o capital político, econômico e socioambiental. São os donos das novas formas de produção, materializadas nos meios de hospedagem e em outros serviços. A promessa da geração de emprego e renda atrai moradores nativos e adventícios. Mas, com quem fica o usufruto do trabalho? Os moradores nativos, antes do turismo podiam jogar, mesmo com cartas marcadas. Hoje, cuidam dos espaços para que os jogadores não se atrapalhem nas suas partidas.

A maioria dos pescadores abandonou a profissão acreditando que o turismo traria melhores oportunidades de sobrevivência. Para muitos, não trouxe os resultados

¹⁶⁷ FREIRE, 2019, p. 45.

¹⁶⁸ *Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. [...] Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. [...] diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias.* SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15.

*esperados*¹⁶⁹. Do ponto de vista econômico, até que sim, para alguns. No aspecto da inclusão socioambiental, as expectativas não correspondem às promessas e esperanças. Embora o patrimônio ambiental seja preservado, prevalece os interesses da unidade de conservação. A população perdeu o seu meio natural como fonte de sobrevivência.

No entanto, fico a me perguntar: estes moradores sentem-se colonizados? Sabem o que é colonização? Não busco uma única e precisa resposta a indagações como esta. Mas, procuro dialogar com os moradores em busca de suas histórias e do encontro do seu testemunho, tal como estes que dizem que: *Turista melhorou é para quem tem comércio, para quem tem pousada [...] mais para nós pescadores, só melhorou quando tá na fração arrojada mesmo, aí eles querem dá de comer o turista, aí vem, os que tem pousada, vem comprar o nosso peixe para dá de comer o turista*¹⁷⁰.

O turismo trouxe condições financeiras para a comunidade. *É um lugar abençoado por Deus. Mas também tem o lado negativo. [...] a gente está à mercê de qualquer tipo de situação grave como já aconteceu na comunidade. Essa parte aí, a gente já sabe mais ou menos qual seria o roteiro*¹⁷¹.

Turismo foi bom por um lado, por outro não. *[...] estragou muito o nosso lugar, explorou muito. E aí, quando chega turista aqui dá alguma coisa, quando não chega o negócio é mais ruim*¹⁷². *[...] é bom dinheiro, mas saber aproveitar... mas, pegar o dinheiro, usar as crianças para fazer esse tipo de coisa, é ruim demais!*¹⁷³

*[...] na época que o turismo chegou aqui, eu conversei com as pessoas, muito experientes, já sabiam o que podia acontecer. Um deles disse para mim: olha, o turismo é muito bom, traz uma venda muito boa, mas também tem um lado que vai... por esse lado tem coisa ruim também que vem. Depois eu fui entender quais são as coisas ruins que tem hoje em Jericoacoara*¹⁷⁴.

Pelos testemunhos acima, é possível acessar a riqueza dos depoimentos e a importância da manutenção da experiência narrativa. Pois, segundo os moradores, *vai-se perdendo a liberdade do diálogo. Antigamente era natural, entre pessoas que dialogavam, ir ao encontro do ponto de vista do outro; hoje pergunta-se logo pelo*

¹⁶⁹ FONTELES, 2004, p. 94.

¹⁷⁰ Testemunho de um grupo de pescadores em junho de 1998.

¹⁷¹ Belisco - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

¹⁷² Durval - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

¹⁷³ Véio - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

¹⁷⁴ Zé do Chico do Meste - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

*preço dos sapatos ou do guarda-chuva. Qualquer conversa cai fatalmente no tema das condições de vida e do dinheiro. Mas não se trata das preocupações dos sofrimentos de cada um, coisa em que talvez se pudessem ajudar uns aos outros – é a observação do todo que ocupa a conversa. É como se estivéssemos presos num teatro e fôssemos obrigados a seguir a peça que se desenrola no palco, quer quiséssemos, quer não, e tivéssemos de fazer dela, quer quiséssemos, quer não, o objeto do nosso pensamento e do nosso discurso*¹⁷⁵.

Os novos donos de Jericoacoara desconsideraram as experiências locais. Tratam a inclusão apenas pelo viés econômico e com padrão de baixa qualidade, com práticas colonialistas. Para os que se ancoram no pensamento dominador, os nativos não são como eles, precisam ser educados, aculturados nos moldes do capitalismo, adaptando-se ao espírito empreendedorista, na condição de peão. Não compreendem que mesmo no colonialismo e na colonialidade existiam experiências de resistências na perspectiva decolonial, inclusive em Jericoacoara¹⁷⁶.

A comunidade ao começar a sentir-se estrangeira na sua própria terra, reagiu, à sua maneira, ora sozinha, ora apoiada por moradores adventícios, às alterações advindas com o turismo e com o poder público representado por três instâncias governamentais – federal (gestão da unidade de conservação), estadual (através da Superintendência Estadual do Meio Ambiente – SEMACE) e municipal (através da prefeitura local).

Uma das primeiras ações foi a criação do Conselho Comunitário, em 1984, para representar os moradores nativos. Várias ações de confronto com o poder público e a iniciativa privada foram desencadeadas. Destaco a requalificação da Vila, adaptando-a à gestão do turismo, culminando com a retirada de um equipamento construído pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA; o plantio de coqueiros na Praia da Malhada¹⁷⁷; a demolição de cercas de propriedades invadidas por empresários; e a retirada de ocupações irregulares no entorno da Vila.

Estas e outras ações levantam a autoestima da população, mas o enfrentamento é constante e nem todos da comunidade participam efetivamente.

¹⁷⁵ BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**: infância berlinense: 1900. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 21.

¹⁷⁶ A criação do Conselho Comunitário é um exemplo de resistência que os moradores nativos encontraram para contraporem-se ao projeto turístico implantado na sua comunidade.

¹⁷⁷ Praia à esquerda da Vila de Jericoacoara, com pedras em diversas formas e espessuras. Compõe uma paisagem atraente para moradores e visitantes que buscam ambientes mais tranquilos. Um bom lugar para banho de mar quando a maré baixa e oferece faixa de areia

Começa a haver dissidência, próprio das relações criadas com as diversas categorias ocupacionais e a gestão pública. A comunidade perde forças e estímulos para continuar com a chama da fogueira acesa, embora as cinzas não tenham perdido o seu aquecimento.

Sabemos que os povos colonizados nem sempre aceitam pacificamente a dominação imposta nas suas diversas formas. Sinais e até movimentos de resistência são visibilizados, embora sejam reprimidos. No entanto, a luz não apaga e clarões são possíveis ser vistos e se espalham ao longo do tempo. *Essas populações e vozes já estão aqui faz algum tempo, graças ao processo globalizado desencadeado pelo imperialismo moderno; ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais, a interdependência de terrenos culturais, onde colonizador e colonizado coexistiram e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como de geografias, narrativas e histórias rivais, é perder de vista o que há de essencial no mundo dos últimos cem anos*¹⁷⁸. Percebemos sinais de enfrentamento ao pensamento abissal. [...] *Sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que o 'outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente*¹⁷⁹.

Na mesma linha reflexiva sobre o reconhecimento de Outros saberes e da necessidade de descolonizar as epistemologias dominantes, eurocêntricas e ocidentais que enaltecem o Norte, outros autores¹⁸⁰, como Leef, também contribuem com conceitos, como o de saber ambiental, que aponta para a necessidade de desbancar o pensamento totalitário, global e unificado. *Essa é a vocação do saber ambiental que une as diferentes órbitas de seu pensamento epistemológico. [...] A renúncia ao pensamento dogmático, ao conformismo do pensamento e à finalização do saber é o fio condutor desta epistemologia ambiental, o que permite extraditar o pensado em cada momento e abrir as portas do pensamento para novos horizontes do saber, para o que ainda falta pensar em sua tarefa questionadora, sabendo que*

¹⁷⁸ SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 22.

¹⁷⁹ SANTOS; MENESES, 2010, p. 31-32.

¹⁸⁰ LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 11.

não existe retorno para o porto originário e que nunca terminará de sulcar os mares do conhecimento.

Enfim, reafirmo e defendo a força narrativa que se verifica no ininterrupto diálogo com esses e com os tantos Outros que ao longo do trabalho procurei e procuro identificar como companheiros da mesma luta contra o empobrecimento da experiência narrativa e contra as desigualdades e atrocidades de histórias ainda não suficientemente contadas.



As cidades ocultas 1

Quem vai a Penha com uma lente de aumento e procura com atenção pode encontrar em algum lugar um ponto não maior do que a cabeça de um alfinete que um pouco ampliado mostra em seu interior a luz de três sóis que ilumina três luas¹⁸¹. Aquele ponto não permanece imóvel: depois de um ano, já está grande como um limão; depois, como um cogumelo; depois, como um prato de sopa. E eis que se torna uma cidade de tamanho natural, contida na primeira cidade: uma nova cidade que abre espaço em meio à primeira cidade e impele-a para fora. E a cidade fala com o que falo: com as mesmas vinte palavras girando ao redor do sol que as limpa do que não é faca¹⁸².

Sem dúvida Penha não é a única cidade a crescer em círculos concêntricos como os troncos das árvores que a cada ano aumentam uma circunferência e que falam do que falo: do seco e de suas paisagens¹⁸³. **Mas, nas outras cidades, permanece no centro o velho cinturão de muralhas estreitas, que reduz tudo ao espinhaço¹⁸⁴. Não em Penha: as velhas muralhas se dilatam levando consigo nordestes, debaixo de um sol ali do mais quente vinagre¹⁸⁵. E a cidade fala por quem falo: por quem existe nesses climas, condicionados pelo sol, pelo gavião e outras rapinas¹⁸⁶. Uma Penha inteiramente nova que em suas dimensões reduzidas conserva os traços da primeira Penha e de todas as Penhas que despontaram uma de dentro da outra; e no meio desse cercado mais interno já despontam — mas é difícil distingui-las — as Penhas vindouras e aquelas que crescerão posteriormente,** pois a cidade fala somente para quem falo: quem padece sono de morto e precisa de um despertador acre, como o sol sobre o olho: que é quando o sol é estridente, a contrapelo, imperioso, e bate nas pálpebras como se bate numa porta a socos¹⁸⁷.

¹⁸¹ MELO NETO, 2020, p. 61.

¹⁸² Ibid., p. 319.

¹⁸³ Ibid., p. 320.

¹⁸⁴ Ibid..

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Ibid.

¹⁸⁷ Ibid.



Era manhã. O sono teimava, mas eu precisava acordar. Tinha uma tese a escrever. E não queria que fosse apenas para tentar um título doutoral. Era, principalmente, para narrar histórias de moradores nativos impactados pelo turismo, em uma comunidade litorânea. Uma tentativa de rememorar a história local e a minha história também. No limiar do dormir e acordar, sonhei e parecia estar acordado. Era sonho e devaneio. Viajei por um longo período da minha vida. Visualizei imagens no tempo e no espaço. Um filme de longa metragem passou pela imaginação.

Em fração de segundos, no fechar e abrir dos olhos, reencontrei parte do meu passado. Visualizei cenários por mim vivenciados na infância.

Pássaros já percebiam que alguém estava à sua espera e, gratuitamente, cantavam para alegrar o dia. Parece que percebiam que o seu cantar me ajudaria a recompor o pensamento, retocá-lo, iluminá-lo para a narrativa que estava por vir.

No sonho, pude reconstituir minha casa, relações educativas e familiares, emoções, utopias, meu jeito de ser e viver... Esta reconstituição era feita na dialética do esquecer e do lembrar, do racional e do emocional, da realidade e da fantasia, como complementos de uma experiência de vida. Quero explorar esse universo, rememorando espaços habitados e amados.

Vi uma casa construída com imagens de devaneios surgidas no porão. Guardo comigo os sabores e os cheiros que, para alcançá-los, é preciso mergulhar nas ondas da imaginação. *A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens*¹⁸⁸. Pela casa, pude retornar à comunidade do Serrote, depois de décadas, no entanto, sem sair dela.

A casa tinha andar superior, térreo e porão, construída no início do século passado, com paredes de pedra. Era a casa onde vivi com meus avós, por poucos anos, no final da década de 1950 e início de 1960. A casa não era deles. Cuidavam dela. Seu proprietário havia se mudado para outra cidade. A casa, embora com jeito de abandonada, tinha algo de atraente. Uma escadaria que dava acesso à praia, possibilitava a visão do pôr do sol como não se via de outro lugar.

¹⁸⁸ BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 196.

Vi este espaço habitado. Associei imagem e memória, *a comunhão da lembrança e da imagem*¹⁸⁹.

Compreendi que é na casa que o homem se protege das *tempestades do céu e das tempestades da vida*¹⁹⁰. Pela imagem da casa, pude acessar grande parte das minhas lembranças guardadas no andar superior, no térreo e no sótão. Lembranças sempre recorrentes em meus sonhos e devaneios e que se constituem como um elo afetivo com o lugar. Pude, em *devaneio repousar no meu passado*¹⁹¹. Identifiquei a casa como um corpo de imagens que me levaram a aventuras no porão, com emoções de prazer e medo. O medo do porão não me atormentava, mas me assustava.

Relaciono o porão com o tempo em uma racionalidade mais lenta. E nisso vejo as *verdadeiras imagens*, como se fossem *gravuras*. *A imaginação grava-se em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam recordações vividas, para se tornarem lembranças da imaginação*¹⁹².

No sonho pude ver também outras casas. Casas de moradores nativos - pescadores. Casas onde morei. Todas bem mais simples: paredes de taipa e cobertura com palhas de coqueiro. Nem se comparam com o casarão de pedra onde morei com meu avô.

No sonho a casa era minha. O espaço onde eu podia sonhar, rememorar o passado, trazê-lo para o presente. Agora vejo que, *pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o imemorial. [...] É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis*¹⁹³.

Nunca deixei de pensar nas minhas antigas moradias. Elas rememoram experiências da minha infância, no Serrote e em outros lugares do seu entorno. E pelo sonho fui reconduzido à minha casa natal. Uma casa com centros de intimidade e simplicidade. Compreendi que *o sonho é mais poderoso que o pensamento. São os poderes do inconsciente que fixam as lembranças mais distantes. [...] É no plano do devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva em nós e*

¹⁸⁹ BACHELARD, 1993, p. 200.

¹⁹⁰ Ibid., p. 201.

¹⁹¹ Ibid., p. 205.

¹⁹² Ibid., p. 217.

¹⁹³ Ibid., p. 201.

*praticamente útil. Por essa infância permanente, mantemos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos*¹⁹⁴.

Vi também, com forte emoção, outra casa – choupana - onde vivi alguns meses. Esta era do meu avô. Não era a casa que eu imaginava ter, mas ela oferecia um conforto mínimo e era a casa possível, naquele momento. A emoção deixou o tempo mais à vontade e fez-me rememorar com mais detalhes a minha infância.

Lembrei-me do que ocorria nos anos finais da década de 1950, numa Croa¹⁹⁵ próxima ao Serrote. No Serrote mora uma princesa encantada que se protege da ação dos que estão no mundo real, pelo encantamento¹⁹⁶.

A Croa tinha uma área de terra minúscula. Ali existiam algumas casas de pescadores, dentre elas a do meu avô, que eram utilizadas como moradia, por um período de seis meses, enfrentando situações adversas com o fluxo das marés que, por vezes, assustavam os moradores e os pegavam desprevenidos.

Quase não se ouvia o silêncio. O barulho do mar, dos ventos, o canto dos pássaros... era mais forte. *Todas as gargantas do vento se escancaram*¹⁹⁷. *Os barulhos emprestam colorido à extensão e lhe dão uma espécie de corpo sonoro. Quando, entretanto, a ausência deles a abandona em toda a sua pureza, a sensação do vasto, do profundo, do ilimitado, toma conta de nós no silêncio*¹⁹⁸.

A casa da Croa lutava para continuar existindo. Resistia ao tempo. Tempo que hoje não é mais o seu tempo. As emoções daquela gente são outras.

Havia poucos moradores, dentre eles algumas crianças. A relação homem natureza era centrada no respeito à diversidade socioambiental, em uma ambiência de reciprocidade, longe do antropocentrismo e do capitalismo selvagem.

Os homens pescavam e as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos. Esperavam que os seus maridos retornassem do mar com vida e com peixes que alimentassem a família, com sobra para trocar por outros produtos alimentícios. O escambo era a moeda principal. Trocava-se peixe por farinha, feijão e frutas,

¹⁹⁴ BACHELARD, 1993, p. 207.

¹⁹⁵ Banco de areia situado na praia entre Jericoacoara e Mangue Seco, formado pelo movimento das dunas.

¹⁹⁶ Contarei essa estória em outro movimento.

¹⁹⁷ BACHELARD, op. cit., p. 226.

¹⁹⁸ Ibid., p. 225.

principalmente, entre pescador e mateiro¹⁹⁹ das comunidades vizinhas: Mangue Seco, Lagoa Grande, Córrego do Urubu, Borges, Lagoa das Pedras, Córrego da Forquilha.... Meu pai - Geraldo (*in memoriam*), era um dos mateiros que levava frutas e gêneros alimentícios para os pescadores e trocava-os por peixe à beira mar, quando as canoas chegavam. Parte do gênero que levava deixava nas bodegas e mercearias. Ao chegar à praia, abordava o pescador e dizia: - *rapaz, deixei mercadoria para você*. O pescador retribuía com peixe. Como Geraldo fazia comércio com este produto, comprava uns quilos a mais e vendia na sua comunidade, onde as famílias esperavam para comprar e fazer, muitas vezes, a primeira e única refeição do dia.

Acompanhei este mateiro em várias viagens, ajudando a conduzir os jegues que faziam o percurso pelo menos três vezes por semana, da comunidade de Borges ao Serrote. Geraldo era generoso comigo. Deixava subir nas dunas e mergulhar nas lagoas, além de querer pegar os pássaros que me enganavam o tempo todo. Esperavam que eu ficasse bem perto, depois saíam correndo como quem dissesse: - *vem, me pega, que eu quero ver...* são chamados, popularmente de maçaricos²⁰⁰.

As crianças, sem saber o que era educação escolar, eram educadas com outros referenciais e outros modos de vida. Brincavam nos arredores das choupanas e encantavam-se com a liberdade de andar na areia, descalças, entrar no mar, nos mangues, nas lagoas, exercitar a prática da pesca em barcos feitos com capemba de coqueiro²⁰¹.

Em certo dia, um final de tarde, com sinais de chuvas, o mar elevava as suas ondas que quebravam além da linha de preamar normal esperada para o período.

Os pescadores já tinham retornado do mar, neste dia, com poucos peixes. Cuidavam dos seus instrumentos de pesca, inclusive das canoas. Faziam os reparos necessários para a próxima pescaria, se o mar oferecesse a calmaria necessária para essa tarefa. Compreendiam muito bem o tempo e o espaço da pesca. A relação harmoniosa com a natureza permitia esse conhecimento. Sabiam o tempo de entrar no mar, onde ancorar a canoa, onde encontrar cardumes mais desavisados...

¹⁹⁹ Era assim que os moradores de Jericoacoara chamavam os moradores do seu entorno, por morarem na “mata”, ou seja, fora da área litorânea.

²⁰⁰ “**Maçarico, batuíra, otuituí, ituituí, tarambola e pesca-em-pé** são os nomes vulgares de várias espécies de aves pertencentes à família Scolopacidae. A designação agrupa aves de médio porte, de patas altas e bico longo, com plumagem geralmente acastanhada e branca. Os maçaricos vivem em regiões costeiras e muitas espécies são migratórias”. Disponível em WIKIPÉDIA. Maçarico. **Wikipédia**, 9 jul. 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maçarico>. Acesso em: 26 jul. 2022.

²⁰¹ Espata do cacho de coqueiro.

Associando a relação homem natureza lembrei do pescador Santiago, personagem principal de o “Velho e o Mar”, um clássico de Ernest Remingway. [...] *o velho pescador pensava sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores; mas se o mar praticasse selvagerias ou crueldades era só porque não podia evitá-lo. ‘A lua afeta o mar tal como afeta as mulheres’, refletiu o velho*²⁰².

O saber dos pescadores propiciava uma certa segurança para o entendimento sobre e com o mar. O mestre da canoa era escutado pelos demais tripulantes. A sua experiência era transmitida, por via oral, para outros mestres e assim se garantia a existência da pesca artesanal.

E as crianças?

Neste dia, pelo sonho, elas estavam brincando mais distantes da praia, com o olhar atento dos adultos que se preparavam para a noite que enfrentariam com a alta da maré. Os homens transportavam as suas canoas para o mais distante possível e amarravam-nas em mastros já existentes para estas ocasiões.

De repente, uma das crianças, correndo, desesperada, põe a mão no rosto e grita:

- *Oh pê Deus! Cadê a cacimba do bobô!?*

A criança disse aquilo apavorada com a enxurrada que inundara a cacimba, fonte de água potável para aquela gente. Estava preocupada com a cacimba do vovô, pois certamente imaginou o que fariam para beber, cozinhar, lavar e satisfazer a tantas outras necessidades, através da água que vertia do solo arenoso existente na Croa.

Os adultos, naquele momento, trataram de acalmar as crianças e as prepararam para a longa noite que tiveram que enfrentar. Cuidaram em retirar as coisas que estavam no chão da choupana. Acomodaram-nas o mais elevado possível, nas paredes de pau a pique e no teto com cobertura de palhas de coqueiro.

As famílias ficaram vigilantes durante toda a noite e se emocionaram com a maré que inundava tudo: as choupanas, as cacimbas, os animais de estimação, o corpo e a alma daquela gente, já encharcados pelas condições de existência e resistência em um lugar tão inóspito para se viver.

²⁰² HEMINGWAY, E. **O Velho e o Mar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012, p. 30.

*A casa se apertou contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o coração. Ela foi realmente a minha mãe, naquela noite*²⁰³.

No dia seguinte o sol voltou a brilhar. As mulheres cuidaram da faxina da casa e os pescadores trataram de ver o estado das canoas. Havia possibilidade de entrarem no mar? O mar já estava para peixe, outra vez?

O cotidiano daquela gente restabeleceu-se. O susto foi posto entre parênteses... Afinal outras tempestades viriam, como já tinham vindo em outros momentos... Todos sabiam disso.

Os moradores continuaram contando as suas experiências, em conversas nos dias de folga, no percurso da pescaria, nos afazeres domésticos, longe da linguagem escrita. A experiência encontrava ambiência para se enriquecer. Bem diferente dos lugares onde a modernidade já tinha se instalado e trazido *a pobreza de experiência*, como diz Walter Benjamin. Não havia, portanto, pobreza de experiência. Havia pobreza material – ou será que para eles não havia? Os modos de vida ali existentes não davam lugar para comunicações apressadas, objetivadas, explicadas... ouvia-se o som da natureza.

Mas a bem da verdade, as emoções eram o que mais se ouvia ali: um misto de medo, dor, tristeza, desprazer, ódio, enfado, mas também emoções que diziam de vontades, desejos, contentamentos, prazeres, alegrias, deleites, amores, gozos, orgulhos, satisfações, enfim, sentimentos característicos do grupo social ali existente e das suas diferentes circunstâncias. *As emoções não são expressões selvagens que vêm quebrar as condutas razoáveis, elas obedecem a lógicas pessoais e sociais, elas têm também sua razão, da mesma forma que a razão não se concebe uma inteligência pétrea ou máquina*²⁰⁴.

Na lógica da sociedade contemporânea, as emoções se reconstroem, não só na Croa mas em tantos outros lugares onde o seu sentido do mal: enfado, desprazer..., sobrepõe-se ao sentido do bem: prazer, deleite...²⁰⁵, dando lugar à barbárie.

A barbárie que aterroriza a sociedade global, com força na sociedade brasileira, tem nome, endereço, objetivos e metas para atingir resultados. Metas que atendam aos interesses do capital traduzidos na exclusão de todos os matizes, no

²⁰³ BACHELARD, 1993, p. 226.

²⁰⁴ BRETON, D. L. **Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 144.

²⁰⁵ ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

negacionismo, no nepotismo, no patriarcado, na homofobia, no racismo, na degradação ambiental e em tudo o mais que compunha o plano desenvolvimentista do governo anterior em âmbito nacional, pactuado por muitos gestores regionais e locais.

São tempos sombrios! Tempos que necessitam ser compreendidos, individual e coletivamente; ressignificados em um contexto de reconhecimento de existência e resistência; reconstruídos pelos que acreditam na redenção, na libertação que está na ordem do sagrado e do profano.

Rememorando a infância na Croa, pus-me a pensar: A casa era casa? Eu era eu? Como sobrevivia em um abrigo inseguro como aquele? Um abrigo que não impedia e nem suportava tempestades, sem grandes transtornos?

Mas o verão na Croa era divertido. Aproveitávamos bem a praia que naquele momento era só nossa...

Minha casa, erguida à beira mar, é frágil e forte. Frágil na sua precariedade física, como abrigo para o corpo, na sua impotência diante dos ventos, das dunas e do mar. Forte pela sua relação com a natureza. É valente como abrigo para a alma. Toma as energias físicas. *Ela se curva sob a chuvarada, mas se torna inflexível. Sob as rajadas, ela se encolhe quando é preciso encolher, segura de se esticar de novo e de negar sempre as derrotas passageiras. Tal casa chama o homem a um heroísmo do cosmos. É um instrumento que serve para enfrentar o cosmos. [...] O espaço habitado transcende o espaço geométrico. [...] o cosmos forma o homem, transforma um homem das colinas em homem da ilha e do rio. Verifica então que a casa remodela o homem*²⁰⁶.

A natureza, mesmo enfurecida na enchente da maré que inundou as choupanas, reconhecia o cuidado que os seus moradores tinham com ela, por meio das suas práticas e usos comuns. Sabiam que era dela que tiravam o seu sustento, sem cobiça. O uso que faziam dela era fundamentado na conservação e preservação. Daquilo que depois, também, por Walter Benjamin, eu fui compreender: *Dos mais antigos usos dos povos parece chegar até nós a advertência que nos diz que devemos abster-nos do gesto da cobiça ao acolhermos aquilo que tão generosamente recebemos da natureza. Porque nada podemos oferecer de nosso à terra-mãe. Por*

²⁰⁶ BACHELARD, 1993, p. 227-228.

*isso, é preciso mostrar respeito ao receber, devolvendo-lhe de novo uma parte de tudo o que ela nos vai oferecendo, antes mesmo de nos apossarmos do que é nosso*²⁰⁷.

Minha casa se situa no limite do real e do imaginário. É uma choupana... Mas, tenho nela minhas horas de palácio. Assentada sobre a terra arenosa, está sujeita às intempéries dos ventos. Alaga-se e enfrenta as suas energias vibrantes que desfazem a cobertura em momentos de maior bravura, como nos lembra o poeta:

*Tudo o que faz os bosques, os rios ou o ar
Tem lugar entre as paredes que crêem fechar um quarto
Venham, cavaleiros que atravessam os mares,
Só tenho o teto do céu, vocês terão lugar*²⁰⁸.

A minha casa da Croa tinha o céu como teto. Era atravessada por cavaleiros do mar, surfando em ondas que, por vezes, a praia não tinha força para contê-las.

Naquele tempo, os moradores compreendiam esse movimento. Conviviam com ele no espaço onde habitavam. Como o tempo não é mais o seu tempo e o espaço também não o é, a resistência vai fugindo, das casas e dos seus habitantes. As histórias e estórias não são mais as mesmas. Estórias de pescadores, causos... quase não se houve mais. Restam as lendas, os mitos, um imaginário que a fantasmagoria capitalista não conseguiu ainda destruir. A natureza foi saqueada como produto mercadológico infinito, presa da sociedade de consumo. E, *se a sociedade, presa da necessidade e da cobiça, degenera a ponto de já só ser capaz de receber os dons da natureza saqueando-a, se colhe os frutos verdes para poder vendê-los a bom preço no mercado e se tem de esvaziar todas as travessas só para se saciar, a sua terra empobrecerá e o campo terá mas colheitas*²⁰⁹.

Rememorando a casa da Croa hoje ressalto o lado de dentro e o lado de fora – quase só lado de fora, embora existissem intimidades no lado de dentro, vistas facilmente pelo lado de fora.

²⁰⁷ BENJAMIN, 2017, p. 23.

²⁰⁸ Fragmento do poema Les Amis Incoryus, de Jules Supervielle. In: BACHELARD, 1993, p. 239.

²⁰⁹ BENJAMIN, 2017, p. 23.

E nesse momento o sonho parecia tão real que eu conseguia identificar, pelos meus sentidos, muitas emoções. Via as duas perspectivas. *Uma externa, de extensão. Uma interna, de profundidade. A primeira no espaço. A segunda no tempo*²¹⁰.

Via a praia, desde a Vila da Tatajuba, com seus atrativos turísticos, até a Pedra Furada, no Parque Nacional, passando pela Vila de Jericoacoara com uma arquitetura modificada, atraindo visitantes do mundo inteiro. A paisagem foi emoldurada para se enquadrar no destino Sol e Praia, um dos 65 destinos indutores do turismo brasileiro, inserido na Rota das Emoções. Este é o *ângulo exterior*²¹¹.

O ângulo interior são as memórias: a antiga colônia de pescadores, conhecida como Serrote, enseada do Guriú, passando pelos manguezais, casa das tartarugas, gamboas, dunas fixas e móveis, baixas, choupanas de palha, coqueirais, canoas, pescadores se preparando para entrar no mar, pesqueiras, currais, malhada, cemitério, serrote, grutas, Pedra Furada, Pedra do Frade, Pedra do Jacaré, Casa e Piscina da Princesa, Pedra do Encante, aquários naturais, o mar dançando no vai e vem das suas ondas, jovens e adultos jogando bola de meia e de gude, na praia. Alguns com barcos de brinquedo artesanais, enfrentando as ondas brandas do mar. Outros, com pranchas de madeira, carreteando nas ondas mais altas e nas dunas, praticando esquibunda²¹².

As dunas eram os espaços preferidos para as crianças. Amarildo, no sonho falava da relação das crianças com a duna à beira mar, hoje conhecida como duna do pôr do sol. *A gente, quando era pequeno, não tinha onde brincar, todo mundo tinha a duna, que era como se fosse uma pracinha para nós. Tomava um banho, se arrumava, trocava de roupa, a melhor roupa que tinha, ia para as dunas passear; dia de domingo e sábado, o dia que a gente podia sair de casa. [...] tirava o short e descia na duna, esquiando. [...] Aí, começou a chegar o turista, e o pessoal começou a afastar, acompanhar mais o turista. [...] com uns três anos não tinha mais esquibunda na duna. [...] Aí comecei a fazer tabuinhas e dava algumas para os meninos. Depois de um tempo estava na duna 20, 30 pessoas comigo. Até hoje os meninos brincam, esquam*

²¹⁰ CASCUDO, L. da C. **Prelúdio e Fuga do Real**. 2. ed. São Paulo: Global, 2014, p. 77.

²¹¹ Ibid., p. 77.

²¹² Esporte praticado por moradores nativos, nas dunas, principalmente na Duna do Pôr do Sol. O equipamento para esta prática é feito com talo da palha de coqueiro, chamado casco. Os praticantes desciam as dunas, no seu ritmo. Alguns com muita velocidade e saltos ornamentais. Os turistas se encantavam. Alguns aventuravam-se com o esporte. Hoje quase não se vê mais.

*em pé, dão salto, fazem tudo. [...] Empresta, às vezes aluga, mais é uma brincadeira boa*²¹³.

Com o Amarildo, sigo em sonho e devaneio. Percebo que o desenho da praia e as suas cores estão modificadas pela ação intensa de banhistas e por tráfego de veículos. Mas também pela ocupação irregular dos empresários dos meios de hospedagem e gastronomia e por praticantes de esportes náuticos com suas pranchas e velas colorindo o horizonte, que parece se chocarem com o céu.

Ainda no ângulo interior, visualizando a casa de pedras onde morei com meus avós, lembrei-me do porão onde ninguém podia entrar, com medo de assombrações, pois lá ouviam-se ruídos, às vezes muito fortes e ninguém se atrevia a enfrentar quem poderia habitar aquele ambiente.

A minha casa da Croa também tinha um terraço, formado pelo céu e por tudo que ele nos oferece em um espaço rústico, à beira-mar. Tinha porão e sótão. No porão era armazenada a água potável, em cacimbas com água azul e sempre fresca. No sótão estavam as nuvens nos oferecendo esculturas à ação dos ventos, da lua, das estrelas, do sol, das revoadas de pássaros que parecem fazer a segurança das choupanas. Melhor dizendo, pela poética de Pierre Seghers:

*Uma casa onde sozinha vou chamando
Um nome que o silêncio e as paredes me destinam
Uma estranha casa que se mantém na minha voz
E que o vento habita
Eu a invento, minhas mãos desenham uma nuvem
Um barco aberto ao céu por sobre as florestas
Uma bruma que se dissipa e que desaparece
Como num fogo de imagens*²¹⁴.

A imagem das minhas casas vai além da nostalgia da infância. Eu as invento, pelo vento, pelo mar, pelas nuvens, pelo azul do céu, pelo brilho das estrelas, pela beleza da lua, pelo som dos passarinhos, pelas flores que embelezam e perfumam os campos de dunas fixas... É uma imagem que me leva à uma morada que educa, que é materna, resistente, solidária, dá conselhos... É uma casa que luta.

²¹³ Depoimento de Amarildo das Dunas, mestre de capoeira, nativo, em janeiro de 1997

²¹⁴ Fragmentos do poema *Le Domaine PubVc*, de Pierre Seghers. In: BACHELARD, 1993, p. 235.

A dialética da choupana e do palácio ecoa em mim. As duas realidades *enquadram nossas necessidades de retiro e de expansão, de simplicidade e magnificência. Vivemos aí numa ritmanálise da função de habitar*²¹⁵.

Como na geometria do meu sonho, a casa que também é humana, faz com que eu encontre nela e através dela as minhas intimidades e utopias. É uma casa construída como representação. Mas não é apenas representação. É real, com sua estrutura simples, porém acolhedora. Deixei as paredes da minha casa se expandirem, ocupando outros espaços, como na casa cantada pelo poeta:

A nossa casa

*Na nossa casa amor-perfeito é mato
E o teto estrelado também tem luar
A nossa casa até parece um ninho
Vem um passarinho pra nos acordar
Na nossa casa passa um rio no meio
E o nosso leito pode ser o mar*

*A nossa casa é onde a gente está
A nossa casa é em todo lugar*

*A nossa casa é de carne e osso
Não precisa esforço para namorar
A nossa casa não é sua nem minha
Não tem campainha pra nos visitar
A nossa casa tem varanda dentro
Tem um pé de vento para respirar*²¹⁶.

As casas do sonho são imagens que me “obrigam” a lembrar o tempo, com muitas experiências e vivências guardadas nas memórias involuntárias e voluntárias. Pensei que fossem coisas perdidas, mas sinto que elas estão comigo e são bem reais.

²¹⁵ BACHELARD, 1993, p. 239.

²¹⁶ ARNALDO ANTUNES. **A nossa casa**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91579/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

Encontrei, assim, a minha casa pelo sonho e devaneio. As casas *insistem em reviver, como se esperassem de nós um suplemento de ser*²¹⁷. Desenhei a casa pela dialética do real e do imaginário. Um desenho como criação de uma casa nova, pintada com as cores tropicais. A pintura rememora o passado, meu e da casa. A casa foi acariciada mais pelo meu devaneio que pelo sonho. *Os objetos assim acariciados nascem realmente de uma luz íntima; chegam a um nível de realidade mais elevado que os objetos indiferentes, que os objetos definidos pela realidade geométrica. Propagam uma nova realidade do ser. Tomam lugar não só numa ordem, mas numa comunhão de ordens. De um objeto ao outro, no quarto, os cuidados domésticos tecem ligações que unem um passado muito antigo a um novo dia*²¹⁸.

Minha casa se abriu para mim, de volta, e para o mundo. Um mundo muito diferente do que vivi, mas que guarda, nas ruínas do tempo, lembranças que sempre fizeram parte da minha coleção sobre Jericoacoara, guardadas com cuidado. *Pelos cuidados com a casa é dada à casa não tanto sua originalidade, mas sua origem. [...] Quando um sonhador constrói o mundo a partir do objeto que ele encanta com seus cuidados, convencemo-nos de que tudo é motivo na vida de um poeta*²¹⁹.

Por meio da imagem da casa, das minhas casas da infância, a viagem do sonho me transporta para fora delas e para outras e outras recordações.

²¹⁷ BACHELARD, 1993, p. 233.

²¹⁸ Ibid., p. 241.

²¹⁹ Ibid., p. 242.



As cidades e os encontros 3

3

Em Carmelita, para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas. Esses lúcidos fusos retiram o fio de mel (do dia que abriu também como flor)²²⁰. Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios.

É mineral a linha do horizonte, nossos nomes, essas coisas feitas de palavras²²¹. Reconstroem Carmelita em outro lugar. Tecem com os fios uma gura semelhante, mas gostariam que fosse mais complicada e ao mesmo tempo mais regular do que a outra. Depois a abandonam e transferem-se juntamente com as casas para ainda mais longe.

Deste modo, viajando-se no território de Carmelita, depara-se com as ruínas de cidades abandonadas, sem muralhas que não duram, sem os ossos dos mortos que rolam com o vento: teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma. Não a forma encontrada como uma concha, perdida nos frouxos areais como cabelos; não a forma obtida em lance santo ou raro, tiro nas lebres de vidro do invisível.; mas a forma atingida como a ponta do novelo que a tensão, lenta desenrola, aranha; como mais extremos desse fio frágil, que se rompe ao peso, sempre das mãos enormes²²².

²²⁰ MELO NETO, 2020, p. 91.

²²¹ Ibid., p. 92.

²²² Ibid., p. 91.



As narrativas dos moradores nativos de Jericoacoara são os fios que tornam possível acompanhar a composição de sua história. As pessoas ao rememorar o seu passado vivenciam uma série de experiências e valores que quando confrontados com o seu mundo podem produzir alternativas ao empobrecimento real e simbólico do local.

Isso pode ser percebido em falas como as do Amarildo que ao rememorar os trinta anos de experiência e vivência na Duna diz que. [...] *me emociona quando eu chego lá, que hoje ela praticamente não existe. Ela não tem um canal que tinha antigamente, de receber aquela areia. Como Jeri foi tudo povoado, então acabou essa conexão do Riacho Doce com a ligação na Duna. Aí o mar leva, o vento leva, e o povo sobe. Então ela chegou nesta situação. Eu fico muito emocionado quando eu chego e vejo*²²³.

Acompanhei de perto as movimentações do Amarildo nas areias da Duna do Pôr do Sol. Esse jovem habilidoso executava piruetas com destreza, seja nas hastes flexíveis dos coqueiros ou nas pequenas pranchas de madeira que ele mesmo produzia para deslizar pelas areias. Ele ficou conhecido como "Amarildo das Dunas".

Amarildo revela uma profunda conexão com ambientes naturais em altitudes elevadas. Esses locais o tocam de maneira especial, fazendo-o sentir-se verdadeiramente ligado a eles. Ele menciona, por exemplo, o imponente Pico Alto de Pacoti, uma elevação situada no Ceará. O desejo do Amarildo é, um dia, estabelecer sua casa nesse lugar, dizendo que: *Quando eu chego lá é muita emoção, você está em um dos pontos mais altos do Ceará, vendo toda aquela conexão com a natureza... Pra mim é muita emoção*²²⁴.

Amarildo também expressa uma preocupação muito grande com a preservação do Serrote, um espaço sagrado para ele. Relembra como os habitantes nativos costumavam utilizar essa região e lamenta a mudança no relacionamento atual, que envolve o uso desmedido em vez de reverência.

²²³ Amarildo - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²²⁴ Amarildo - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

Conta Amarildo que se sente emocionado ao reverenciar o seu lugar. *Sinto estar no Serrote e dali me conectar com todas as minhas histórias antigas. De vó, de tios, dos amigos... Então, me emociona saber que estão ainda os nativos ali, mas não tem a mesma ligação como antigamente. As pessoas não estão muito preocupadas... estão preocupadas com o dia a dia, de ganhar o dinheiro, de cuidar da família... Mas, a ligação mesmo como nós dizíamos, de irmão, de parente, não tem mais*²²⁵.

Amarildo se comunica não apenas por meio de suas palavras, mas também através de gestos e olhares carregados de um profundo sentimento. Essa emotividade reflete o reencontro com sua história passada e o profundo mergulho em suas raízes, onde ele se reconecta com sua ancestralidade e espiritualidade. Essa jornada interior é inestimável para Amarildo, e sua dedicação a ela é inegável.

Em seus gestos e olhares, é possível perceber claramente como ele se vincula ao seu passado, tecendo uma ligação profunda com sua herança cultural. Esse elo espiritual o envolve de maneira tangível, destacando a importância desse reencontro consigo mesmo. Amarildo não hesita em expressar sua gratidão às pessoas que desempenharam um papel crucial nessa fase de sua vida.

Dentre aqueles a quem ele dedica seu apreço, sua esposa Surama se destaca, sendo uma presença constante e encorajadora ao seu lado. Sua compreensão e apoio são como um pilar sólido, permitindo que Amarildo se aprofunde em sua jornada de redescoberta. Além disso, o Cacique João Venâncio, um líder da tribo indígena Tremembé, também é mencionado com destaque. A sabedoria ancestral e a orientação de João Venâncio têm sido fundamentais para Amarildo nessa jornada de autoconhecimento e conexão espiritual.

Amarildo conta, também daquilo que ele gostaria de deixar com a sua história. *Eu gostaria de deixar na minha história essa mudança, esse presente de Deus, de hoje me tornar uma pessoa melhor. E de me preocupar com o outro, com o planeta. Trabalho com minha esposa também ajudando. Então, tem muitos itens que fazem a gente ser forte, ser feliz e ter uma ligação maior com Deus. E eu venho sendo preparado pra esse movimento. De conexão espiritual ao planeta. Com outras conexões. E isso para mim tem sido muito enriquecedor, no que eu quero ser. Porque a palavra eu sou, ela é muito difícil. Às vezes a pessoa chega, ah, eu sou, por exemplo, eu sou luz. Mas para você dizer eu sou e for lá para Deus, para a*

²²⁵ Amarildo - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

*espiritualidade, para você alcançar, é uma das mais difíceis de ser analisada porque você tem que ser bom. Você tem que ter um coração bom. Você tem que ser caridoso. Você tem que ter amor ao outro*²²⁶.

Baíca conta sua história permeada por eventos dolorosos que marcaram profundamente sua vida, a de sua família e de sua comunidade. Ela começa sua narrativa definindo sua compreensão do sentimento de emoção, refletindo sobre como as coisas se tornaram mais claras para ela hoje, enquanto outras permanecem sombrias, especialmente para aqueles que envelheceram ao seu lado. Baíca acredita que emoção é o que brota no coração em resposta a qualquer aspecto da vida.

Um dos momentos mais angustiantes que Baíca relata é a morte prematura e inesperada de um jovem que sua filha criava. A tragédia é narrada com gestos carregados de profunda emotividade. Ela recorda vividamente o instante em que soube da tragédia dizendo: *Quando foi um dia, eu dei fé, um rapaz entrou lá em casa e perguntou: - tia, cadê o Otávio? Eu digo: está na cozinha. Aí ele corre, vai para a cozinha. Quando chega lá, ele está é morrendo. Aí ele disse: - tia Baíca, o Otávio está morrendo enforcado! Eu tive uma emoção aí, eu creio que foi uma emoção tão grande, que o meu coração cresceu*²²⁷.

A intensa emoção que Baíca sentiu naquele momento foi tão avassaladora que ela descreve que seu coração pareceu crescer em resposta.

Além disso, Baíca compartilha suas experiências emocionais ao auxiliar partos, muitas vezes sem assistência médica ou de enfermeiras. Ela relembra suas próprias alegrias e tristezas durante esses momentos desafiadores, enquanto trazia novas vidas ao mundo. Sua sabedoria e coragem a guiaram através de mais de duzentos partos, desde os dias em que as moças não podiam sequer discutir o assunto com seus pais. Sobre estes momentos ela conta que: *Agora das crianças, quando nasciam, eu, ah, ficava feliz, porque a mãe tinha tido, estava normal, estava bem, a criança bem. Eu estava feliz*²²⁸.

Baíca conta, também, da dor da perda de seu irmão pescador, que desapareceu no mar junto com outros homens, e como essa tragédia afetou sua família. A espera angustiante por notícias e o desaparecimento das vítimas são descritos com um suspiro profundo de tristeza e uma memória que permanece viva

²²⁶ Amarildo - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²²⁷ D. Baíca - moradora nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²²⁸ D. Baíca - moradora nativa – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

até hoje dizendo que: *Meu irmão! Ele desapareceu no mar, com nove pessoas, e minha mãe morreu esperando que ele aparecesse. Até hoje ele nunca apareceu. Aí foi uma emoção que nós choramos mais de um ano. Nem os outros apareceram. Nunca, nenhuma panela do navio apareceu. E ele, diz-se que ele se perdeu no mar da Melancieira para Camocim. O navio se perdeu com nove homens dentro. E até hoje nós nunca tivemos notícia*²²⁹.

Detentora de todas essas experiências, Baíca é uma rezadeira procurada por muitos para cura e orientação. Ela expressa, assim, a sua gratidão quando testemunha a melhora das pessoas que buscam seu auxílio, destacando a satisfação de ver os outros encontrarem conforto e felicidade: *Eu dou graças a Deus quando a pessoa se acha aliviada, que diz: - Baíca, eu estava sentindo isso, mas agora eu estou bem, estou bom. Fiquei bom disso que você me curou... Eu fico satisfeita porque a pessoa sai feliz. Fico emocionada mais pelo lado daquela pessoa que se sente feliz*²³⁰.

Baíca deseja que alguém de sua família ou comunidade continue sua missão quando sua própria força começar a diminuir, enfatizando a importância das orações e rezas em sua jornada e oferecendo um conselho valioso para aqueles que virão depois dela.

As narrativas de Belisco encontram raízes na família, nos encantos da natureza e nos traços arquitetônicos presentes na comunidade. Ele também explora a dinâmica entre a arquitetura moderna e a tradicional, destacando o contraste entre o antigo e o contemporâneo. A pesca, uma paixão constante em sua vida, permaneceu mesmo enquanto desempenhava diferentes papéis no setor público, privado e terceiro setor, incluindo a presidência do Conselho Comunitário.

Belisco se enche de orgulho e emoção quando menciona sua mãe, compartilhando memórias de sua convivência e as relações que ela estabelecia com a comunidade e as pessoas da região. Ele recorda como ela acolhia os que chegavam em busca de peixe ou alimentos, demonstrando sua generosidade e compaixão. A imagem da casa repleta de gente e o aroma de peixe cozido evocam lembranças marcantes desse período, assim, relatado por ele. *Não tenho palavra para dizer alguma coisa sobre a minha mãe, porque também era uma pessoa querida. Chegava um monte de gente lá em casa, na época que meu pai botava esses currais*

²²⁹ D. Baíca- moradora nativa – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³⁰ D. Baíca- moradora nativa – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

*pesqueiros, e minha mãe botava duas, três paneladas de peixe no fogo, para o pessoal comer cozido*²³¹.

Além de sua ligação com a pesca, Belisco viveu várias experiências ao conviver com diversas pessoas em momentos conflitivos. Enfrentou desafios ao lidar com os impactos negativos do turismo em seu território e as mudanças impostas pela criação de uma unidade de conservação. Essas mudanças trouxeram à tona confrontos culturais e modos de vida desconhecidos até então pela comunidade local, gerando um desassossego compreensível.

Essa dificuldade em expressar seus sentimentos relacionados ao patrimônio natural e cultural sem associá-los ao turismo parece derivar das complexidades e tensões que surgiram com as mudanças impostas pela presença turística. Belisco parece estar enfrentando um desafio em separar as mudanças em seu ambiente natural e cultural da influência turística que as acompanhou.

Seu relato oferece uma perspectiva envolvente sobre as interações humanas, as mudanças sociais e as conexões com a terra e o passado, tudo isso enquadrado em um contexto onde o impacto do turismo é palpável e complexo. *No meu entendimento, uma das coisas que chama atenção, inclusive da minha pessoa, como filho da terra, nascido na comunidade, é eu chegar de frente à praia de Jeri, e ver aquela praia... Para mim, é um dos encantos, ver várias grutas que nós temos, cavernas, que nem divulgadas foram até hoje, dentro do meu conhecimento. Nós temos algumas cavernas que não foram divulgadas, em nível mundial, por Jericoacoara ser um lugar conhecido, em nível de mundo. Então, você chega hoje ali, pegando da Praia da Malhada, e vai até a Pedra Furada, você vê que coisa mais linda! Para mim, é um dos maiores encantos em termos de natureza, é você chegar nas grutas de Jeri, nas pedras, e ver o que elas oferecem, em termo de cavernas. São cavernas muito lindas, como tem a pedra do encante, que é uma, que existe até em uns textos do seu Joaquim Canuto – poeta popular, nativo de Jericoacoara*²³².

As cavernas, caro Belisco, são verdadeiros tesouros que não encontram espaço na Rota das Emoções, pelo menos por enquanto. Elas pertencem à sua própria rota, à rota dos moradores nativos. Elas se entrelaçam com as nuances de suas vidas, refletindo seus desafios, suas resistências e a essência de sua existência.

²³¹ Belisco - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³² Belisco - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

No que diz respeito à arquitetura, Belisco compartilha sua emoção com um brilho nos olhos: *O que me emociona é, eu, por exemplo, uma das coisas também que eu vejo, muito bonito, na nossa comunidade, é o que o pessoal construiu. Tem muitas construções dentro da Vila, dentro do foco mesmo da Vila, como as lojas... uma das coisas que me chama muita atenção, por ser morador de Jeri, eu sei que loja se faz em todo canto, bonitinha, e tudo mais, mas são coisas muito bem feitas, com muito bom gosto, pelos moradores. É um encanto à noite em Jeri!*²³³.

A emoção de Belisco também é evocada quando ele fala sobre a pesca, uma paixão que está profundamente entrelaçada com sua vida e sua casa. Cada canto carrega vestígios dessa atividade - redes estendidas, tarrafas abertas e outros apetrechos de pescadores. A essência da pesca permeia o ar, e seu lar exala o aroma do mar. Ele expressa como um de seus sentimentos mais profundos é sair para o mar, *sair para pescar. Pegar meus adereços aqui, que a gente chama adereços, e sair para o mar, para pescar. E você chegar, e trazer o peixe para a família, para comer e dar aos outros*²³⁴.

A jornada de Belisco culmina com a recompensa de trazer o peixe para casa, compartilhando-o com a família e distribuindo entre os outros.

Cada aspecto da história de vida contada por Belisco, desde as cavernas locais até a arquitetura encantadora e a conexão com a pesca, é carregado de sentimentos genuínos e profundamente pessoais. Suas palavras capturam o espírito e a essência dessas experiências, permitindo que todos nós compartilhemos um vislumbre das emoções que ele vivencia ao imergir nessas facetas da vida em Jericoacoara.

Ao ouvir a narrativa de Durval, é possível identificar uma gama de emoções profundamente vinculadas à sua saúde, à juventude e à pesca. *Senti a morte me matar.* Conta ele que ao chegar do mar, em uma das suas pescarias, desmaiou após se alimentar. Precisou ser encaminhado ao hospital do coração, em Sobral. *O coração parou, na hora!* Acha que era uma veia entupida, segundo informações de quem lhe acompanhou neste estado. *Eu sei que foi uma emoção ruim que eu senti. Uma emoção!*²³⁵.

Por outro lado, Durval rememora também aquilo que ele chama de *emoção boa*, dizendo que: *Emoção boa que eu arrumei é que quando eu era mais novo, eu*

²³³ Belisco - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³⁴ Belisco - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³⁵ Durval - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

tinha, como se diz, gás para trabalhar. Eu fui trabalhador, e sempre por lá eu tinha as minhas namoradas. Era a emoção que eu tinha, emoção boa. Eu, com dinheiro no bolso. A pessoa com dinheiro no bolso, ter o seu trocadinho e ter a sua esposa boa, para que melhor do que isso? Só mandado de Jesus²³⁶.

Além disso, Durval conta que o ato de pescar já lhe traz emoção. Consiga ou não capturar peixes. *Emoção assim, boa, também coisa boa, quando pegava muito peixe. No dia que eu pegava muito peixe, a emoção... é uma alegria! Mas, também no dia que não pegasse, a cara que ia era a mesma cara que vinha. Não tinha esse negócio de peguei hoje, não peguei, zangado, não. Sentia emoção²³⁷.*

A narrativa de Durval revela uma rede articulada de emoções que permeiam diferentes aspectos de sua vida, desde os momentos de perigo à reflexão sobre sua juventude, e até mesmo suas aventuras de pesca. Suas palavras mergulham na profundidade dos sentimentos que moldaram suas experiências, proporcionando uma visão autêntica e rica das emoções que têm acompanhado sua vida.

A conversa com o Véio evocou uma profunda carga emocional. Seria possível dedicar várias páginas para ouvir suas palavras. Sua trajetória de vida, repleta de encontros e desencontros familiares, laços afetivos e experiências de trabalho, assim como seu afeto pelos animais e a desilusão com a gestão da unidade de conservação, emerge como os aspectos mais destacados de suas lembranças. Ele também oferece sua própria definição de emoção. Para ele emoção é quando no passeio turístico os veículos sobem dunas e descem no ponto mais alto, emocionando os turistas. Não concorda com estas práticas. *Porque é o seguinte: o povo que faz essa rota, eles podiam, eles mesmos, os donos dos transportes, podiam falar logo: eu não vou, você vai de motorista, mas **esse negócio de emoção não, porque às vezes dá muito problema**, aconteceram muitos casos, por via de emoção. É descer duna, fazer pirueta que não deve fazer, isso é que é emoção. Então, isso era para ser proibido. Para mim, a única coisa proibida em Jericoacoara. O cara desce, acontece, às vezes mata uma mulher, ou adocece, ela vai para Fortaleza, até que morre... Não aconteceu só uma coisa não, muitas coisas, mas muitas mesmo. Isso aí podia acabar. Acabar com esse negócio de emoção. Não existir isso. Ah, seu fulano, ah, uma emoção, não*

²³⁶ Durval - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³⁷ Durval - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

*sei o que... não fazer, não! É isso aí que prejudica o povo, não pode fazer emoção... esse negócio era uma coisa que devia ser cancelado*²³⁸.

Outro episódio marcante na vida do Véio foi um evento no mar, uma situação angustiante que o fez enfrentar a perspectiva de morte. E que ele, assim conta: *Mas, eu vi o negócio, é uma emoção mesmo! Porque achei, naquele momento, que eu não ia sobreviver, eu ia morrer. O que acontece: quando foi meia-noite, eu estava jogando baralho, ou era dominó, lá no barco. No barco a gente brinca, para se divertir, à noite. Quando foi uma das horas, o cara disse: - ei, o barco está descendo. O barco está afundando! O ferro do barco estava encostando na água. O frigorífico cheio d'água, o barco estava cheio d'água. Aí eu me apavorei, dizia assim: - dessa vez não tem volta não. Se o barco chega a afundar ali, se eu subisse ele me pegava, se eu descesse, na volta pegava também porque tinha muito tubarão lá e no aperreio, o mestre do barco disse assim: - compadre, vá fazer balsa! Eu ia para o convés, enfincava o isopor numa vara e botava debaixo do estrado – um lastro que põe no convés do barco -, está entendendo? E nós não corremos como daqui aquela porta, o motorzão estancou, dentro d'água. Ele funciona dentro d'água. Um tambor de óleo lubrificante estourou. O motorista desceu e achou que era uma válvula que ele tinha deixado aberta e a água tinha entrado para dentro do barco. E ele foi lá e fechou. E aí, o mestre disse assim: - compadre, largue o ferro n'água! Cadê o ferro? E o povo todo apavorado. Jogou ferro, jogou corrente, jogou sal... que por sorte, não jogaram o bujão na água. Achavam que com aquilo ali, o barco não ia afundar. Pensaram isso, diminuir o peso. Mais não precisava, tinha jeito não. O jeito mesmo era secar o barco, tirar a água de dentro, botar tudo para fora, enquanto o cara achava um jeito de isolar a válvula para não entrar água para dentro do barco. E ele conseguiu. O mestre do barco era um cara muito inteligente. Segurou o barco. Passamos quatro dias lá, ancorados, porque não tinha sal. Botava o de comer no fogo, mas era temperado com água do mar. Isso foi o que aconteceu. Foi uma emoção grande!*²³⁹.

Ressalta o Véio que a sua melhor emoção, o momento mais importante da sua história, é o que está vivendo agora, em sua propriedade a cerca de 20 quilômetros de Jericoacoara. A rotina diária, compartilhada com seu filho Puçá, traz uma sensação de realização, e ele justifica dizendo: *Porque estou aqui, é meu, estou pagando*

²³⁸ Véio - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²³⁹ Véio - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

*minhas coisas, ajeitando minhas coisas, é a graça daquele pai do céu. Isso aqui é que é a emoção boa*²⁴⁰.

Narra, ainda, o Véio, com tristeza, uma ação de despejo, na sua propriedade, dentro da unidade de conservação. *Ali foi uma emoção que fizeram com a gente... Porque, ninguém esperava aquilo que aconteceu, nunca, nunca, nunca, ninguém esperava isso aí. O cara tirar os bichos da gente, assim, sem ver de quê...deram um prazo e aviso, mas pouco tempo. O prazo deles foi inferior, achei muito pouco. Um prazo de 20 dias porra, para tirar um monte de terra daquele. Não é a terra... a cerca, arame, casa, tirar um monte de coisa dos bichos, para eu trazer para cá, ainda hoje eu estou carregando coisa de lá. Se eu não tivesse condição de pagar, como é que eu ia fazer? Eu pagava um, pagava dois carros, fora o meu, para trazer gado, de lá para cá. Para trazer porco, porque eu tenho esses porcos, esse gado, esses animais, tudo foi no carro. Não veio, a gente tangendo o rebanho, não... Eles foram tentar, não deu certo. Se eles dissessem pelo menos assim: para isso, ó, eu vou pagar as despesas e vocês tiram os animais. Pelo menos eu vou pagar isso aí. Tudo foi do bolso da gente e mais multa. Isso é um absurdo! Pois foi...! Isso aí foi uma emoção, também, porque eu não esperava, não*²⁴¹.

Véio, expressa um sentimento de mágoa com relação à gestão do Parque Nacional, pois a unidade de conservação foi criada sem a comunidade ter conhecimento dos seus impactos positivos e negativos. Para ele a população dormiu, e ao acordar o seu lugar tinha se transformado em Área de Proteção Ambiental – APA Federal, mais tarde em Parque Nacional, restringindo ainda mais as práticas até então existentes entre os moradores. Para Véio, essa transformação repentina e não consentida abalou suas relações sociais e o equilíbrio entre o mundo natural e cultural ao qual ele estava ligado.

A trajetória de Véio é repleta de altos e baixos, cada um carregado de emoções distintas. Suas palavras nos guiam por um tsunami emocional, revelando a riqueza das múltiplas faces e a complexidade da vida na comunidade de Jericoacoara.

As emoções do Zé do Chico do Meste, reveladas pela sua narrativa, também estão entrelaçadas com o mar, os cenários naturais da comunidade e as pessoas. Através da sua história emerge um sentimento de apreensão, perda e saudade

²⁴⁰ Véio - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²⁴¹ Véio - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

daqueles que partiram com a morte e daqueles que, embora vivos, se ausentam. A sensação de pertencimento ao seu mundo escapa por entre seus dedos a cada dia.

Viveu momentos no mar que prefere não reviver. Conta que é *daquelas coisas que você já passou que quando você lembra daquilo você tira do sentido. Foi o pior momento que eu já passei, no mar... me alaguei três vezes, naufraguei três vezes, mas nem eu naufragado eu passei um momento daquele. Me naufraguei uma vez na risca, e me naufraguei outra vez de lá para cá, quando a gente vinha, aqui mais perto. Na risca, eu passei três horas nadando. Nessa época eu fiz até uma promessa com São Francisco, nós fizemos... Para poder ele salvar a gente, justamente nós fomos salvos... Nós éramos quatro. Desses quatro só quem está vivo são três. Um já morreu que era o finado Estaraca. Agora está vivo eu, meu irmão e um primo meu que mora lá no Preá. Mas eu vou lhe dizer uma coisa! É triste, viu? Você se ver naufragado no mar, numa distância daquela sem nenhum barco perto, sem olhar, não ver serrote, nem nada, é muito difícil. A gente se salvou porque fizemos uma promessa para São Francisco, um santo muito milagroso. E umas três horas que a gente estava à deriva no mar, aí apareceu um barco, com a canoa e salvou a gente. Era de dia. Essa canoa ainda ficou mais ou menos, talvez uns dois mil metros de distância da gente. Mas como era a favor da maré, a favor da corrente d'água, deixamos o barco lá e eu saí na tranca com o primo meu, e meu irmão saiu com outro, remando no rumo da navegação. E chegamos até na canoa, lá onde ela afundiu, porque ela vinha, foi para fora, na direção da gente. E nós tivemos que vir de lá, até a canoa para poder ser salvo. Foi, foi difícil, não foi fácil não²⁴².*

Zé também se emociona ao evocar as amizades que cultivou ao se estabelecer no Serrote. As brincadeiras eram distintas, o vínculo com toda a comunidade era firme. *Pra você vê, que hoje em dia eu ainda sinto falta dessa época. As pessoas se respeitavam. Havia muita consideração de uns para com os outros. Lamenta as alterações ocorridas. Hoje em dia mesmo, está aí, no dia que o meu cunhado faleceu, eu, fui um cara que chorei muito. Por que que chorei muito? Porque eu disse para a mulher lá em casa: - daqui a uma época, eu vou sair, e não vou encontrar nenhum dos meus amigos para mim tomar minha cerveja, conversar, sobre tudo... aquela pessoa, que de coração, que a gente tem, que sai, brinca, conversa. A gente sai, daqui um dia a gente vai chegar numa beira de praia dessa, você vai ver pessoas que a*

²⁴² Zé do Chico do Meste - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

gente não tem intimidade, pessoas que não dá certo com a gente. Então, são pessoas de outras, essa legião nova aí... Então, emoção...E isso foi muito difícil. Porque cada dia que passa eu estou sentindo que meus amigos estão indo embora. E eu sinto muita falta disso. Está certo, que ainda tem alguns, mas eu já estou enxergando isso aí mais adiante, isso pode acontecer²⁴³.

Um dos instantes mais tocantes na narração do Zé foi a sua conexão com os cenários naturais. Paisagens que agora são convertidas em atrações turísticas, emocionando os visitantes, para ele sempre foram emocionantes. Fala do seu prazer em percorrer a praia, desde a Duna do Pôr do Sol até a Pedra do Frade. Na *Semana Santa* faço essa caminhada. Quarta-feira de cinza. Quando eu não faço com a minha filha, faço sozinho, sozinho não, que eu não ando sozinho, Deus anda comigo. Mas eu faço essa caminhada. Subo lá no pé do serrote de baixo. Passo pelo de cima, passo na repartição ali onde tem o caminho para a Pedra Furada, vou, desço lá para o lado do Frade, venho pela Pedra Furada, e chego aqui a uma hora da tarde. Toda *Semana Santa* eu faço isso. Para mim é como se eu tivesse fazendo uma coisa que me serve muito bem, para isso aí. Eu me sinto muito bem²⁴⁴.

Narra também seu amor pelo mar. Por isso escolheu o Serrote para morar por toda sua vida. Ali, ele se encontra consigo, com a sua família, com a sua comunidade e, agora, se encontra também e se desencontra com os novos moradores. Para ele, toda a sua vida se encontra com o mar. Emociona-se ao ver o mar. Seus olhos brilham e as lágrimas banham o seu rosto neste encontro de todos os dias. *Um dia, até na televisão tem, tinha uma propaganda que dizia assim, olha aí, é o marzão de meu Deus! Então é isso, o mar me traz muita energia boa, muita coisa boa. Graças a Deus, só tenho a agradecer...*²⁴⁵.

A trajetória de Zé do Chico do Meste é uma canoa rica de experiências, emoções e lições de vida. Sua conexão profunda com o mar, a comunidade e as memórias revelam um homem de resiliência e coragem, que muito aprendeu através das marés da vida.

Hoje, Zé contempla o horizonte do Serrote com um olhar enriquecido pelo tempo. Ele se encontra entrelaçado em suas raízes, no mesmo solo onde suas histórias foram sendo construídas. O tempo trouxe mudanças, algumas das quais ele

²⁴³ Zé do Chico do Meste - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²⁴⁴ Zé do Chico do Meste - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²⁴⁵ Zé do Chico do Meste - morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

lamenta, mas sua paixão pelo mar e a força das amizades antigas permanecem com ele.

E hoje, como amanhã, enquanto Zé caminha pela praia ele carrega consigo não apenas a sua própria jornada, mas a história viva daqueles que vieram antes dele e dos que seguirão depois. Cada passo que ele dá é uma celebração da vida e um tributo às suas raízes alimentadas pelo mar e pela areia daquele lugar.

E assim, com os ventos salgados do oceano soprando suavemente em seu rosto e o som das ondas como uma canção de fundo, Zé do Chico do Meste continua a escrever com palavras e gestos a sua história, uma história de amor, conexão e resistência. Uma história que ousamos crer que permanecerá nas marés do tempo e através das ondas do mar para sempre, ***esse fio frágil, que se rompe ao peso, sempre das mãos enormes.***



As cidades ocultas 2

2

A vida em Ruth não é feliz. Nas praias do Nordeste, tudo padece com a ponta de finíssimas agulhas: primeiro, com a das agulhas da luz (ácidas para os olhos e a carne nua), fundidas nesse metal azulado e duro do céu dali, fundido em duralumínio, e amoladas na pedra de um mar duro, de brilho peixe também duro, de zinco. Depois, com a ponta das agulhas do ar, vaporizadas no alíseo do mar cítrico, desinfetante, fumigando agulhas tais que lavam a areia do lixo e do vivo²⁴⁶.

Todavia, em Ruth, sempre há uma criança que da janela sorri, que é quando se descobre que ali a terra produz e exhibe um amarelo rico (se não o dos metais): o amarelo do maracujá e os da manga, do oiti-da-praia, do caju e do cajá; amarelo vegetal, alegre de sol livre, beirando o estridente, de tão alegre, e que o sol eleva de vegetal a mineral, polindo-o, até um aceso metal de pele²⁴⁷. **'Em Ruth cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas guras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe'.** Em Ruth o mar é movimento, ensina o avançar em linha rasteira da onda, o espraia-se minucioso de líquido e o viajante aprende a elocução horizontal de seu verso; a geórgica de cordel ininterrupta, narrada em voz, silêncio e paralelos²⁴⁸.

²⁴⁶ MELO NETO, 2020, p. 400.

²⁴⁷ Ibid., p. 418.

²⁴⁸ Ibid., p. 366.

A rememoração, pelo sonho e devaneio, em viagem, está intimamente conectada com a Vila de Jericoacoara. Parte da minha infância carrega memórias do lugar, das pessoas, das paisagens, do mar, dos pescadores, das mulheres vendendo tapioca na praia, dos mateiros trocando peixe por farinha. Memória das brincadeiras na praia, nas dunas, no serrote e do jeito de ser daquela gente que vivia distante da complexidade imposta pela pós-modernidade, pela globalização e pelo capitalismo dependente e selvagem. Ouvia narrativas dos moradores, muito nítidas, agora, na minha memória. Narrativas que são revisitadas por moradores nativos, narrando as suas histórias de vida. Elas me aproximam da comunidade. Constroem relações de afetividade.

Na década de 1960 retornei à Vila, oportunidade em que vivenciei duas experiências escolares. Uma com a professora Maria Chaves, na sua própria casa. Ela era escolarizada com nível de 3ª ou 4ª série primária, hoje Ensino Fundamental I. Os estudantes pagavam como podiam. Não existia escola pública no lugar. A outra, com aulas do cabo Domingo, um policial militar que prestava serviços na comunidade e resolveu ministrar aulas para os moradores.

Naquele momento já tinha uma relação muito próxima com os moradores locais, principalmente com os da minha faixa etária. Além da aprendizagem e ensinamentos letrados, ocorreram outras trocas de saberes entre pescadores, artesãos, pastores²⁴⁹ e agricultores de subsistência. Aprendi muito com a dinâmica local, traduzida em experiências de vida em vários campos. Destaco aqui o educativo, religioso e o sociocultural, mas também outras estratégias de sobrevivência na relação com o mar e com as lagoas existentes no entorno da comunidade. Com o poeta aprendo a cada dia a admirar e respeitar o mar.

*O mar se estende pela terra
em ondas que se revezam
e se vão desdobrando até
ondas secas de outras marés:*

*as da areia, que mais adiante
se vão desdobrando nos mangues,*

²⁴⁹ Havia muita criação de ovinos e umas poucas cabeças de bovino.

*que se desdobram (quase palha)
num capim-lucas, de limalha,*

...

*como se tudo fosse o mar
em mais ondas a desdobrar
a mesma natureza rente
de um verde ácido e higiene:*

*tudo debaixo do alumínio
de um sol de cima e nordestino,
sem que nada, ou coisa interponha
o domingo de alguma sombra,*

*tudo sob um céu mineral
que preside em pedra, imparcial,
e que devassa tudo ali:
mesmo os grotões onde parir²⁵⁰.*

Nesse mar que se estende pela terra, adentra os mangues, as lagoas, engolem as dunas móveis e seguem até o sertão. Assim como eu sigo em viagem pelo sonho. Agora, vejo lagoas. Elas também me acompanham nas minhas viagens, imaginárias e reais. Suas águas banham o meu corpo e o meu espírito.

Nas lagoas do Serrote as mulheres lavavam a roupa, as crianças brincavam e tomavam banho e os pescadores tiravam o sal do corpo, ao chegarem do mar. As águas das lagoas são limpas, transparentes, filtradas pelas dunas, e desde muito atraem os moradores tanto para atividades de sobrevivência como para as de lazer. Nas águas das lagoas ainda se escuta o eco das conversas cotidianas, revelando as preocupações, as emoções, as utopias, as esperanças daquele povo.

A religiosidade sempre foi um dos temas recorrentes nas conversas. Falavam e falam das novenas, dos terços, das encomendações dos enfermos, seja no seu leito

²⁵⁰ MELO NETO, Fragmentos do poema Litoral de Pernambuco. In: MELO NETO, J. C. **A Educação pela Pedra e Outros Poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 55-56.

da morte, ou em casa, através das sentinelas e dos velórios com *incelências*, ou excelências como alguns assim o preferem²⁵¹. O cortejo para o cemitério, poderia ser em rede ou em caixão. Presenciei e acompanhei várias vezes esses rituais, destacando na lembrança a morte de um amigo, da minha idade, que morreu em casa, como os demais moribundos daquela localidade. Era filho do Sr. João Belo (*in memoriam*). Lembro da imagem do corpo de meu amigo, deitado em um caixão azul, coberto com flores naturais, seguindo, numa tarde triste, com pingos de chuva através de um cortejo que entoava cânticos até o Cemitério da Malhada, onde foi enterrado. Lembro disso até hoje, parece que foi ontem.

Naquele lugar na época, não havia templo religioso para as práticas dos fiéis. Só depois de algum tempo a população começou a erguer a sua capela, cujas pedras para a sua construção foram retiradas do serrote e carregadas em lombos de animais. Este trabalho levou vários anos. Hoje a capela está erguida e serve, também, como ponto de visitação para turistas.

O processo de construção da Igreja hoje faz parte da história jericoacoarense e cujo início se deu há mais de quatro séculos após terem chegado os primeiros europeus à cidade. Em meados da década de 1950, a comunidade, por iniciativa da professora apelidada pelo povo como Dona Longa, iniciou a construção da Igreja. A professora recebeu tal apelido *por ter sido a primeira pessoa a pronunciar a palavra longa entre os jericoacoarenses*²⁵². A iniciativa foi ousada, a estrutura da obra foi monumental, possuindo paredes de *4 metros de altura e metro e meio de largura*. Passaram-se mais de três décadas e só então a construção foi retomada. Contam que, *quando a obra fosse terminada, as águas invadiriam a Vila. Por ironia do destino, a igreja teve sua construção retomada por um espanhol, dono da maior pousada da região. Tal ato foi por mim percebido como um símbolo da apropriação de*

²⁵¹ As Incelências, também conhecidas como Incelências, Cantigas de Guarda ou Benditos de defuntos, são expressões musicais típicas de várias regiões do Brasil, incluindo o Ceará, Sertão Nordestino e Vale do Paraíba. Elas consistem em pequenos cânticos executados em ocasiões como falecimentos ou enfermidades terminais, com o propósito de proporcionar conforto espiritual. Essas cantigas possuem uma estrutura rítmica simples, sempre composta por doze estrofes, e são transmitidas oralmente, passando de geração para geração. Elas são executadas sem acompanhamento instrumental, frequentemente começando com vozes femininas e seguidas por um coro uníssono. Além de serem associadas a rituais fúnebres, as Incelências também foram usadas em preces contra doenças e desastres naturais, como inundações e estiagens. No entanto, o uso fora desse contexto pode ser considerado negativo. Apesar de terem sido parte dos velórios sertanejos no passado, as Incelências foram restringidas a áreas rurais isoladas devido a repressão policial e desinteresse das autoridades religiosas. Recentemente, esforços estão sendo feitos para revitalizar essa tradição em certos contextos.

²⁵² GALVÃO, A. G. **Jericoacoara Sonhada**. São Paulo: Annablume, 1995, p. 35.

*Jericoacoara pelos 'de fora'. Quanto aos nativos, creio que a lenda, inconscientemente, para eles significa algo parecido: a construção da igreja como monumento turístico tropical é símbolo da apropriação do espaço jericoacoarense pelos 'de fora', pelo 'mar de gente' que invadirá Jericoacoara*²⁵³.

Rememorado, ainda pelo sonho, chego à minha inserção na comunidade, como pesquisador, a partir dos últimos anos da década de 1980, com o tema do turismo e do meio ambiente. Reaproximei-me, na época, dos moradores nativos e fui recebido em suas casas, em rodas de conversas, tendo já naquele momento a permissão de gravá-las.

Numa dessas conversas o Durval convidou-me para jantar na sua casa. Chegando lá, encontrei a sua família. Na ocasião a mesa foi posta na sala, na entrada da casa. Uma esteira tecida com palha de carnaúba estendida no chão, representava a mesa e recebia os pratos e a comida para o jantar. O cardápio era peixe assado com farinha e café. Todos da família e eu, como convidado, sentamo-nos no chão, em torno da mesa e jantamos, enquanto conversávamos. Eu considero hoje que foi na profunda beleza daquele ritual que percebi ter sido aceito não somente pela família, mas também pela comunidade.

Participei da comunidade como gestor público, chefiando o Parque Nacional, de 2002 a 2011. Também nessa época tive a oportunidade de dialogar mais efetivamente com os vários segmentos locais, nativos e adventícios, envolvidos ou não com o turismo.

A experiência da gestão foi significativa e enriquecedora para mim, com vários desafios e aprendizagens. Deixou marcas que ajudaram a construir a minha identidade como professor, gestor, pesquisador e cidadão. Um Outro em várias dimensões. Porém, os conflitos entre as diversas categorias ocupacionais e sociais eram constantes e enfrentados com processos dialógicos, nem sempre consensuais, mas no limite dos esforços, tornados transparentes para todos os envolvidos.

Percebi, pelo sonho e pelo devaneio, o quanto são fortes as minhas relações familiares e afetivas com a comunidade de Jeri. Interajo com ela de várias formas e em vários tempos, em viagem contínua, mas não linear. [...] *o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova*

²⁵³ Ibid., p. 36.

*cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava de existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos*²⁵⁴.

O reencontro com Jericoacoara, hoje, possibilita-me ver o que os olhos não alcançavam no tempo em que eu me relacionava mais frequentemente com a comunidade. A passagem por outros lugares, os processos educativos, abriram clarões para enxergar com maior nitidez o passado, a partir do presente. Nisso reconheço, através de Jeri, que os *Outros lugares são espelhos em negativo*. O viajante reconhece o pouco que é seu, descobrindo o muito que não teve e o que não terá²⁵⁵.

Por espelhos em negativo, sigo rememorando parte da minha trajetória. A memória voluntária e involuntária viaja comigo, escavando fragmentos e compondo constelações, como um narrador e autor que rememora. *Pois o principal, para o autor que rememora, não é absolutamente o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. [...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento rememorado é sem limites, pois é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois*²⁵⁶.

E foi repetindo a leitura deste fragmento de Walter Benjamin que eu vi o dia amanhecer. O sonho acabou e eu precisei retomar a labuta que nos tempos de pandemia ficou ainda mais intensa.

Ao despertar, de vez, tive vontade de escrever para contar, para reviver cada dia, cada momento que de outra forma eu não conseguia antes plenamente rememorar. Ao pegar a caneta e o papel, lembrei-me da canção e pus-me a cantar:

*Presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque, apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado: Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado*

²⁵⁴ CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 28.

²⁵⁵ CALVINO, 1990, p. 29.

²⁵⁶ BENJAMIN, 2012, p. 38-39

*Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro²⁵⁷.*

E ao cantar, compreendi, que em Jericoacoara os sonhos são os **fios invisíveis** da memória. E a memória deste lugar é como o *mar em movimento* **narrada em voz, silêncios e paralelos**.

²⁵⁷ BELQUIOR. **Sujeito de Sorte**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/344922/>. Acesso em: 8 jul. 2021.



As cidades ocultas 3

3

Uma cigana, questionada sobre o destino de Rísia disse:— Vejo duas cidades: uma que nasce e assovia, que é passarinho e outra que só se verá em fotografia.

A cigana foi interpretada da seguinte maneira: atualmente Rísia é uma cidade de espaços que corrompem e diluem a humanidade, uma cidade que só vive, quem se debate, uma cidade que sonha qual num galho, um passarinho; alegria de dentro e fora, de voar e de ter um ninho²⁵⁸; mas está para começar um novo tempo em que todos os habitantes de Rísia voarão como andorinhas no céu de verão, uma vida que não terá, uma foto como exceção²⁵⁹.

Retornei a Rísia anos depois; considerava-se que a profecia da vidente a havia tempos se tornara realidade; o velho tempo está enterrado, o novo está em seu ápice. A cidade certamente mudou, talvez para melhor. Mas as asas que vi são as de guarda-chuvas desconfiados sob os quais pesadas pálpebras se abaixam se olhadas; existem pessoas que acreditam poder voar, mas já fazem muito se levantam do solo abanando balandras de morcego.

Ocorre também que, margeando os sólidos muros de Rísia, quando menos se espera se vislumbra uma cidade diferente, que desaparece um instante depois. Em Rísia num jardim público: que superou, eu descubro, o passado familiar em que cada um se via único²⁶⁰. Talvez toda a questão seja saber quais palavras pronunciar, quais gestos executar, e em que ordem e ritmo, ou então basta o olhar a resposta. No jardim público, o segredo de viver nele e de estar, mundo, no mundo²⁶¹. O aceno de alguém, basta que alguém faça alguma coisa pelo simples prazer de fazê-la, e para que o seu prazer se torne um prazer para os outros; naquele momento todos os espaços se alteram, as alturas, as distâncias, a cidade se transfigura, torna-se cristalina, transparente como uma libélula. Mas é necessário que tudo aconteça como se por acaso, sem dar muita importância, sem a pretensão de estar cumprindo uma operação decisiva, tendo

²⁵⁸ MELO NETO, 2020, p. 770.

²⁵⁹ Ibid.

²⁶⁰ Ibid., p. 772.

²⁶¹ Ibid., p. 772.

em mente que de um momento para o outro a Rísia anterior voltará a soldar sobre as cabeças o seu teto de pedra, teias de aranha e mofo.

*A vidente estava enganada? Não necessariamente. Eu a interpreto da seguinte maneira: Rísia teu ar insolente de quem se deixa condescendente, fotografar revela a gente²⁶². Rísia **consiste em duas cidades — a da fotografia e a do passarinho; ambas mudam com o tempo; mas não muda a relação entre elas: a segunda é a que está para se libertar da primeira**, para que Rísia siga assoviando, coisa que nasceu sabendo, que o canto-alento desse assovio, será canto crítico com o tempo²⁶³.*

²⁶² MELO NETO, 2020.

²⁶³ Ibid.



Na vila de Jericoacoara, os habitantes são reconhecidos por seus nomes ou apelidos, enquanto no Serrote, os nativos são predominantemente identificados por seus apelidos. As relações de compadrio e solidariedade são proeminentes nessa comunidade, embora sejam influenciadas pelo contexto capitalista. No entanto, um grupo dominante controla a economia local, sustentando um sistema baseado no patriarcalismo, na colonialidade e na exclusão, tanto em termos de recursos materiais quanto simbólicos.

Nesse ambiente, por exemplo, a virgindade das jovens é considerada crucial para a honra da família e o seu futuro. Caso a virgindade seja perdida, as moças têm apenas duas opções: casamento ou prostituição, como maneiras de restaurar a honra familiar.

Percorro hoje as ruas de Jeri, impregnado pelas lembranças e pelos registros do meu trabalho realizado entre os anos de 1989, 1997 e 2022. Para dar conta desse percurso imagino a existência de uma rua ficcional, a Rua Involuntários da Pátria²⁶⁴.

A Rua Involuntários da Pátria é mais uma das ruas que surgiu na periferia da Vila, ocupada por moradores nativos que saíram do seu lugar de origem por conta de venda de terreno e da própria casa. Uma ação voluntária - ou involuntária? Para alguns que não conhecem o contexto local, a dança é ritmada pela música da venda, de forma espontânea; para os que conhecem o contexto e o vivenciam, a dança tem outro ritmo. Os corpos têm outro gingado...

Viajo pela rua e revisito a Vila, do presente, do passado, habitada por gente daqui, dali e de mais além, flanando, conversando com pessoas, vendo, escutando e imaginando.

Sou guiado por um morador nativo que compartilha comigo sua rua expropriada. Embarco em um trajeto. Enquanto o sol mergulha no horizonte, destacando o encontro com o mar a oeste, e a lua surge na Rua dos Involuntários ao leste, relembro da leitura recente do poema de João Cabral de Melo Neto. Nesse

²⁶⁴ Esta escrita é uma parte do resultado das discussões e do exercício proposto como avaliação da disciplina "Narrativas Populares" sob responsabilidade da professora Denise Bussoletti, do PPGE-UFPEl e que foi realizada de forma virtual no ano pandêmico de 2020.

momento, pela ‘confluência de todos estes elementos, uma centelha de esperança me atingiu, fazendo tudo brilhar. Ali, naquele lugar, foi que eu fui aprendendo que

*A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glâce
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra²⁶⁵.*

O Contraste entre o pôr do sol e o nascer da lua, naqueles cenários à margem da comunidade da Vila de Jericoacoara, evocava lembranças, e eu me permitia ser guiado também por outros contadores de histórias, que comigo compartilharam suas narrativas. Lembrei-me de uma fala de um morador que um dia me disse que: *O uso aqui é assim: aqui quem usa mais é quem tem dinheiro. Aqui quem tem dinheiro batiza e é padrinho, sabe? E quem não tem dinheiro, nem é padrinho e nem é pagão (risos). [...] Aqui, é o que eu lhe digo, a classe baixa aqui em Jericoacoara, como nós pescadores, a maioria é pescador, de uma classe baixa... Em Jericoacoara, eu acho, com licença da palavra, não tem valor de nada²⁶⁶.*

*Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho²⁶⁷.*

²⁶⁵ MELO NETO, 2020, p. 348.

²⁶⁶ Depoimento de um morador nativo de Jericoacoara, em fev/1997.

²⁶⁷ MELO NETO, 2020, p. 349.

O reencontro com as lembranças deste morador nativo desencadeou uma sucessão de fragmentos de memórias e experiências, algumas das quais foram compartilhadas por mim enquanto eu as ouvia, procurando entendê-las e integrá-las à minha vida diária. Hoje, as vivências se sobrepõem às experiências. O tempo não permanece o mesmo; ele se tornou mais veloz e ultrapassa aqueles que não conseguem acompanhá-lo. Os espaços também evoluíram; fecham-se para os moradores nativos, que agora se agrupam em becos, esquinas e na criação de novas ruas.

Refletindo sobre a experiência (*Erfahrung*), é caminhando que compreendo melhor a fala dos moradores nativos. Com relação às novas gerações, embora variável, acabam por refletir o que Walter Benjamin expressa na sua análise sobre a relação entre a experiência e a pobreza. O jovem almejará aquilo que percebe no início desse ciclo, tomando como exemplo aqueles que, sendo jovens no passado e agora adultos idosos, já viveram essa trajetória. Ele tende a buscar a mesma trajetória, não adotando um pensamento divergente. Esse jovem não seguirá exatamente o comportamento que seu pai desejaria. Pelo contrário, ele buscará se expressar e se aproximar da geração anterior, que esteve mais próxima de seu passado. Em resumo, a cada nova geração, o desejo é semelhante e contínuo, alinhando-se com essa mesma aspiração²⁶⁸.

A continuação das reflexões de Walter Benjamin leva-me a considerar que certos moradores acreditam que a sua história e as suas práticas não serão engolidas pelas ondas do mar. Embora possam enfrentar naufrágios, estão determinados a superar as tempestades. Eles persistem em compartilhar suas narrativas e manter vivas suas memórias.

Em Jericoacoara, também, *a experiência sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contada aos filhos e netos*²⁶⁹.

A viagem que faço agora pelas ruas de Jericoacoara recupera os passos do que venho fazendo, ao longo dos anos. E isto foi me proporcionando insights sobre a evolução da comunidade antes e após a chegada do turismo. Inicialmente conhecida

²⁶⁸ Depoimento de um morador nativo, em uma roda de conversa com outros moradores, adultos, com este pesquisador, em jun/1989.

²⁶⁹ BENJAMIN, 2012, p. 123.

por suas três ruas - Principal, São Francisco e Forró - logo se acrescentou a rua das Dunas. Arrisco dizer que a discrepância entre o lugar e a sua população é evidente, às vezes camuflada por seus próprios residentes, mas frequentemente exposta aos olhos de quem observa, ouve e sente. A percepção dessas imagens dialéticas entrelaça passado, presente e futuro. E a isso relaciono com o que Benjamin quis dizer quando faz referência ao fato de que *uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava frágil e minúsculo corpo humano*²⁷⁰.

Por entre leituras prossigo a viagem através da rua Involuntários da Pátria perguntando: esta rua permanecerá por muito tempo com os seus moradores? Estes moradores não serão expulsos outra vez, com a expansão da Vila?

E nisso percebo que os primeiros raios de sol despontam no horizonte, gradualmente ofuscando as estrelas que brilharam intensamente durante a noite. A lua, quase tocando o mar a oeste, despede-se com gratidão por ter sido observada e apreciada naquela noite, não apenas pela comunidade local, mas também pela fauna, pela flora e pelos visitantes que se uniram como **pássaros** entoando seu **canto-alento** e contribuindo para a **fotografia** deste momento.

²⁷⁰ BENJAMIN, 2012, p. 124.



TRECHO 4

A Rota: das Emoções?



271

²⁷¹ Pedra do Frade – Jericoacoara, CE. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/39126040@N03/5912942555>. Acesso em: 10 jun. 2023.

*No centro da sala, diante da mesa
 No fundo do prato, comida e tristeza
 A gente se olha, se toca e se cala
 E se desentende no instante em que fala*

Medo, medo, medo, medo, medo, medo

*Cada um guarda mais o seu segredo
 A sua mão fechada, a sua boca aberta
 O seu peito deserto, sua mão parada
 Lacrada e selada
 E molhada de medo*

*Pai na cabeceira: É hora do almoço
 Minha mãe me chama: É hora do almoço
 Minha irmã mais nova, negra cabeleira
 Minha avó me reclama: É hora do almoço!*

*Ei, moço!
 E eu inda sou bem moço pra tanta tristeza
 Deixemos de coisas, cuidemos da vida
 Senão chega a morte ou coisa parecida
 E nos arrasta moço sem ter visto a vida*

*Ou coisa parecida, ou coisa parecida
 Ou coisa parecida, aparecida
 Ou coisa parecida, ou coisa parecida
 Ou coisa parecida, aparecida²⁷².*

²⁷² BELCHIOR. **No centro da Sala**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44457/>. Para ouvir acesse: <https://youtu.be/w2fld0psDmg>. Acesso em: 8 jul. 2021.



Uma Rota que é um espetáculo

A Rota das Emoções, como já dito, foi formada a partir de uma lógica de mercado, com a espetacularização do cotidiano dos moradores nativos do território, centrada no patrimônio natural e cultural ali existente. Esta lógica abarca os dois mundos de Jericoacoara, o mundo presente e o mundo ausente. O mundo presente ora dialoga com o ausente, o mundo dos moradores nativos, ora se afasta dele, num jogo de inclusão e exclusão. É construído para atrair turistas. O mundo ausente, que também ainda está no presente, é relegado a segundo plano pelas personagens principais do espetáculo turístico. Mas, é rememorado pelos moradores nativos que querem continuar existindo. Estes moradores têm consciência da nova realidade e resistem, à sua maneira, mesmo sabendo que agora o que prevalece é o mercado. *O mundo presente e ausente que o espetáculo **faz ver** (grifo do autor) é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido. E o mundo da mercadoria é mostrado **como ele é** (grifo do autor), pois seu movimento é idêntico ao **afastamento** (grifo do autor) dos homens entre si e em relação a tudo que produzem*²⁷³.

Hoje, mais do que nunca, é necessário denunciar os *fabricantes de belas mercadorias, pretensamente artísticas, cuja venda cresce à medida que as mesmas reconciliam o leitor ou o espectador com o desastre da sociedade capitalista. Esses fabricantes de imposturas (pouco importa se sinceros ou não) contarão ainda por muito tempo suas histórias repletas de consolo e de soluções privadas, e fotografarão muitos jovens casais bronzeados em praias paradisíacas para nos fazer acreditar que é possível comprar a felicidade*²⁷⁴. Profissionais do turismo que vendem a felicidade com imagens construídas e veiculadas em circuitos mercadológicos que buscam encontrar o paraíso natural em lugares onde as relações sociedade natureza são menos degradantes.

A Rota das Emoções representa um desses paraísos oferecidos à felicidade. *[...] permite abrir um espaço de experimentação possível, tal qual o espaço de um palco teatral antes que ele seja ocupado pelos atores, pelo cenário e pelos acessórios de uma nova encenação*²⁷⁵. Neste território edifica-se a sociedade do espetáculo, de Guy Debord.

²⁷³ DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 28.

²⁷⁴ GAGNEBIN, J. M. **Limiar, Aura e Rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. 1. reimp. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 161.

²⁷⁵ Ibid., p. 162.

Jericoacoara, como já sabemos, compõe a Rota das Emoções. É um dos cenários do espetáculo montado com imagens que atraem o visitante. [...] *‘nessas imagens, a cidade foi esvaziada, como uma casa que ainda não encontrou locatários. Nessas obras, a fotografia surrealista prepara uma saudável alienação do ser humano com relação a seu mundo ambiente’*²⁷⁶.

A comunidade, antes da chegada do turismo, passava por uma crise econômica oriunda da perda do mercado de peixe ali existente. Embora o poder estivesse nas mãos de uma ou poucas famílias, em ciclos, a população nativa pescava e fazia outras atividades de subsistência. Era uma época de abundância. Abundância maior para os detentores do poder econômico que utilizavam mão de obra barata e eram vistos e respeitados como homens bons. Mas havia abundância também para os trabalhadores da pesca, autônomos ou empregados, que tinham a liberdade de saírem para outras atividades de pesca à beira-mar, no tempo em que não estavam a serviço do patrão.

A pesca mantinha a população ali existente e de outras comunidades do entorno. Prevalencia a pesca de curral. Os currais, ao serem despescados, enchiam as pesqueiras²⁷⁷. Mulheres, homens, crianças e jovens encarregavam-se de cuidar dos peixes e armazená-los para serem transportados aos mercados consumidores. Alguns moradores falam deste tempo com brilho nos olhos e com emoção. *Muita fatura de peixe! Daquelas pesqueiras...Naquele tempo tinha muito peixe, muito peixe! E aí, foi diminuindo, e também com as redes de pesca, foi diminuindo o peixe... antes era só de linha. E matava peixe demais. Muito peixe! Eu acho que você conheceu a pescada cruvina... Tá entendendo? Tirava a linha de cima, da pescada pequena, para pegar a grande. Peguei. Saí do lugar que tinha pema*²⁷⁸ *para ir pegar camarupim maior, lá mais para perto. Tudo isso o pessoal ainda escolhia. Hoje não tem mais escolha. Isso aí, hoje o pessoal quer é pegar, e mais é de rede. [...] Chapado! O derradeiro curral, que eu me lembro, que era do Edivá, foi tirado seis canoadas só de xaréu. Seis ou mais. O finado Antônio Afonso disse que foi a maresada maior que ele já teve de ver na vida dele, foi essa maresada de curral do finado Edivá. Ia meio dia*

²⁷⁶ BENJAMIN, 2012, p. 109.

²⁷⁷ Lugar onde o peixe capturado era limpo, retirando suas escamas e vísceras. Em seguida, eram armazenados para o deslocamento a mercados consumidores.

²⁷⁸ Filhote de camarupim (*megalops Atlanticus*).

*despescar, ia de tarde despescar, no outro dia tava cheio. [...] Era peixe demais! E hoje em dia, o peixe diminuiu demais...*²⁷⁹.

A fala do Véio testemunha a abundância de peixe e a alegria de ter vivido neste tempo, compartilhando experiências. Mas, lamenta a substituição da pesca de linha pela pesca de arrasto.

Jericoacoara tinha o necessário, naquele contexto, para sobreviver. A ausência desses senhores deixou a comunidade em crise. Muita gente saiu para outros lugares. Os que não puderam nem mesmo sair, continuam à espera de outras oportunidades ou dos “desígnios de Deus”.

A chegada do turismo, de uma certa forma, manteve a população na comunidade, na sua fase inicial, quando ainda conseguia receber os visitantes e hospedá-los em suas residências. Os atrativos naturais que o turista quer ver ainda não haviam se transformado em espetáculo. Aos poucos esta realidade é alterada. Meios de hospedagens são construídos por pessoas com maior poder aquisitivo. Moradores começam a vender parte do seu lote de terra. Alguns para acolher melhor o visitante, readaptam a sua casa para este fim. Outros, vendem as suas casas e sua terra e procuram lugares diferentes. Já se sentem incomodados com as alterações nos seus modos de vida. O valor de troca começa a prevalecer e sufocar o valor de uso no seio da comunidade, com suas formas econômicas e societárias. *O âmbito mercantil constituiu, no interior de uma economia natural, um excedente em relação à sobrevivência. A produção de mercadorias, que implica a troca de produtos diferentes entre produtores independentes, permaneceu por muito tempo artesanal, contida numa atividade econômica marginal, na qual sua verdade quantitativa ainda está dissimulada. Entretanto, nas situações em que encontrou as condições sociais do grande comércio e da acumulação de capitais, ela assumiu o domínio total da economia*²⁸⁰.

Jericoacoara, com o seu patrimônio natural e sociocultural vira *mercadoria espetacular*, cobiçada por viajantes que buscam ambientes naturais. O Parque Nacional, como unidade de conservação de proteção integral garante, até certo ponto, o selo de qualidade dessa mercadoria no mercado valorizado pela sociedade do espetáculo. Pois, *mesmo nesses momentos concedidos à vida, ainda é o espetáculo que se mostra e se reproduz, atingindo um grau mais intenso. O que foi representado*

²⁷⁹ Véio – morador nativo – entrevista em fevereiro de 2022, na sua residência.

²⁸⁰ DEBORD, 1997, p. 29.

como a vida real revela-se apenas como a vida mais **realmente espetacular** (grifo do autor)²⁸¹.

O turismo reacende a chama dos sobreviventes do lugar, com promessa de crescimento econômico, agora sob o domínio de outros padrões, como ocorre em outros territórios ocupados pelo turismo. *O crescimento econômico libera as sociedades da pressão natural, que exige sua luta imediata pela sobrevivência; mas, agora, é do libertador que elas não conseguem se libertar*²⁸². Um libertador que se transfigura em um novo modelo econômico fundamentado no turismo. *Subproduto da circulação das mercadorias, o turismo, circulação humana considerada como consumo, resume-se fundamentalmente no lazer de ir e ver o que se tornou banal. O planejamento econômico da frequência de lugares diferentes já é em si a garantia de sua equivalência. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço*²⁸³. [...] *o tempo espetacular é o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente*²⁸⁴.

O que era vivido intensamente, no contexto de existência dos moradores nativos de Jericoacoara, passa a ser representado pela imagem turística especializada e fetichizada. *A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo*²⁸⁵.

Ao autonomizar a imagem de Jericoacoara em espetáculo para turista ver, contemplar e se encantar, a população local também é autonomizada. Faz parte da paisagem. As suas relações de sociabilidade são alteradas e recontextualizadas para atender aos interesses do novo modelo que passa a existir na comunidade. O espetáculo vai além da construção de imagens para emocionar os visitantes. Constrói *uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o **modelo** (grifo do autor) atual da vida dominante na sociedade. [...] O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela*

²⁸¹ DEBORD, 1997, p. 106.

²⁸² Ibid., p. 29.

²⁸³ Ibid., p. 112.

²⁸⁴ Ibid., p. 107.

²⁸⁵ Ibid., p. 13.

*contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. [...] a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente*²⁸⁶.

O espetáculo é real em Jericoacoara, mas nem toda população nativa o aplaude. Tem consciência da sua existência, mas não faz parte do seu mundo real. O espetáculo para atrair o visitante também não é o espetáculo que os moradores querem ver. Sabem que ele existe, mas têm outros espetáculos que lhe emocionam. O espetáculo da caminhada da praia principal à Pedra do Frade, por exemplo. Nesta caminhada é possível contracenar com os peixes no aquário natural, com o Ananias (*in memoriam*) no seu poço, com a Princesa encantada na sua gruta e no seu banho de piscina, com o frade que celebrava para os primeiros habitantes do Serrote, com o homem que está deitado na Pedra do Encante, com o príncipe bagre que vem de Camocim ver as mulheres seminuas na praia, e também com a fauna identificada nas pedras, com destaque para a Pedra do Jacaré. Outro espetáculo que agrada aos moradores nativos de Jericoacoara é observar uma cadeia de dunas entrelaçando-se com o mar, banhando-se com as suas ondas; é ver o serrote com a sua formação rochosa, numa tarde de inverno, coberto de arbustos que o embelezam; é contemplar o pôr do sol, numa tarde de verão, do alto da duna, à beira-mar. São imagens para rememorar o passado, mas também para registro do presente que agora é compartilhado com outros moradores e visitantes. É um lugar construído como uma Rota, a Rota das Emoções. A imagem do assoviador que convive com a população nativa também faz parte do cenário onde o espetáculo de Jericoacoara antiga pode se apresentar.

Pode-se ver que o espetáculo que a população nativa de Jericoacoara reconhece não é apenas a **afirmação** (*grifo do autor*) da *aparência* e a *afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência*²⁸⁷. É um espetáculo real no seu imaginário. Arrisco afirmar que é um espetáculo que mantém viva a sua ancestralidade, os seus mitos, as suas utopias. Uma experiência que não pode ser perdida. *Ao perder a comunidade da sociedade do mito, a sociedade deve perder todas as referências de uma linguagem efetivamente comum, até o momento em que*

²⁸⁶ DEBORD, 1997, p. 14-15.

²⁸⁷ Ibid., p. 16.

a cisão da comunidade inativa possa ser superada pelo acesso à real comunidade histórica²⁸⁸.

Este espetáculo que toda a população nativa reconhece e, de alguma forma participa dele, é assimilado pelos novos habitantes de Jericoacoara e por visitantes como potência para a rota turística. É parte do espetáculo da Rota das Emoções que invade o território da antiga Jericoacoara, como *uma atividade especializada que responde por todas as outras*, sem respeito às tradições locais²⁸⁹.

Os moradores nativos sentem-se excluídos da nova forma de ser e de viver que adentra a comunidade, como as ondas do mar em maré alta. O meio em que esta população vive atualmente, dificulta as relações sociais existentes no passado. Elas continuam existindo, de forma diferenciada entre moradores nativos e moradores adventícios, mas em alguns momentos é feita pelo silêncio. A linguagem do silêncio que os moradores entrevistados para esta tese me ensinaram, comunicam muito do que eles gostariam de ter na nova Jericoacoara, na verdade nas duas Jericoacoaras. Dizem como gostariam que fosse a gestão pública - um deles chama de *gestão à altura* – e as relações entre as suas famílias... Querem um lugar onde os jovens e até adolescentes não se envolvam com as drogas que, na sua, visão impedem que tenham melhor qualidade de vida. O que eles me disseram pelo “não dito”, pelo olhar, pelos movimentos corporais... testemunham formas de esquecer para não lembrar que [...] *existem também outras formas de esquecimento duvidosas: não saber, saber mas não querer saber, fazer de conta que não se sabe, denegar, recalcar*²⁹⁰.

Como venho reafirmando ao longo deste trabalho, parte da população nativa de Jericoacoara percebe as mudanças ocorridas na sua comunidade e como é afetada por elas. Sabe que o seu lugar e a sua gente é espetacularizada e não é para incluí-los no espetáculo enquanto atores principais. No entanto, são necessários como coadjuvantes. A dialética da inclusão e exclusão compõe o cenário do espetáculo da Rota das Emoções. Neste espetáculo prevalece *a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência. Ele é seu próprio produto, e foi ele quem determinou as regras: é um pseudossagrado*²⁹¹.

²⁸⁸ DEBORD, 1997, p. 122.

²⁸⁹ Ibid., p. 21.

²⁹⁰ GAGNEBIN, 2009, p. 101.

²⁹¹ DEBORD, 1997, p. 21.

Este segmento da população sabe também que as duas Jericoacoaras reúnem pessoas de lugares diferentes, com experiências e vivências pouco compartilhadas. Os da Jericoacoara antiga sentem-se superiores por serem nativos. Expressam o sentimento de pertencerem ao seu lugar. Os da nova Jericoacoara reivindicam uma superioridade por suas vivências e conexões com a cultura letrada. Querem assumir e aos poucos assumem o espaço dos antigos “donos” do lugar, protagonistas do espetáculo turístico. Neste *espetáculo, uma parte do mundo se (grifo do autor) representa diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado (grifo do autor)*²⁹². Esta reunião é necessária no novo modelo que sustenta as Jericoacoaras. Faz parte da lógica desenvolvimentista que se instala ali.

Em alguns momentos a população nativa, mesmo se sentindo excluída na nova Jericoacoara, interfere nas relações socioculturais, de forma explícita. É uma forma de resistir. A criação do Conselho Comunitário é um exemplo dessa interferência. A experiência, iniciada em 1984, continua existindo. Há outras formas de interferência, já mencionadas nesta escritura. Exemplifico com a retirada de cercas em áreas demarcadas por empresários, sem a documentação de posse, e a demolição do “Redondo do Ibama”²⁹³, edificado na Rua Principal. Em outros momentos, interfere pelo silêncio, mas resiste.

Outra forma de resistência é percebida por meio da associação dos pescadores, como relata Durval. *Mas, graças a Deus, estamos continuando aí... [...] Tem uma associação dos pescadores. Então, por isso que todos os meses, todo fim de mês, a gente tem uma reunião com ele – presidente da associação - e quem puder ajudar ajuda. Então tem um lugar lá, você chegar, numa reunião, olha, vou botar esses dez reais aqui. Fica lá. Amanhã, eu vou chegar, vou botar esses dez reais aqui, aí eu vou botando. Quer dizer, quando tiver muito, se eu precisar algum dia, ou eles, ou qualquer outro, tem aquelas, aquele negocinho lá para....Tem a câmara frigorífica para a gente guardar. [...] e há projeto de aterrar a pesqueira de cimento e botar uma*

²⁹² DEBORD, 1997, p. 23

²⁹³ Edificação na Rua Principal de Jericoacoara, pelo governo do Estado, em parceria com o IBAMA, onde seria a sede da Instituição. Por atrapalhar a visão do mar por quem passava pela rua, a comunidade não concordou com o empreendimento.

*câmara frigorífica para nós não estar comprando gelo no Preá, não está comprando gelo no Guriú...*²⁹⁴.

A fala do Durval testemunha o espírito de cooperação dos pescadores. A valorização da autoajuda e a fraternidade entre eles. A esperança de apoio e acolhimento em caso de necessidades. Como nos tempos do Serrote. Não querem esperar apenas pelo poder público ou talvez pelos novos donos do lugar. Querem mais autonomia para andarem com as suas próprias pernas.

A relação dos moradores nativos com a natureza e a cultura rememora os tempos em que a comunidade era controlada pelos homens “bons e justos” que queriam o bem-estar de todos. As suas narrativas espelham este fato, *uma apologia histórica por ser a celebração da própria tradição dos vencedores*²⁹⁵. Nas palavras de Michael Löwy, uma vitória da luta de classes²⁹⁶. Com a chegada do turismo, a esfera de poder econômico e agora também político e socioambiental transfere-se para outros donos. Vindos de outros lugares, identificaram no patrimônio natural local possibilidades de ganhos reais de capital. Os novos donos instalam a indústria turística. A matéria prima é a própria natureza. As relações sociais de produção são bem diferentes dos tempos do Serrote.

Mas, se há resistência aos novos modos de vida, há também uma parcela da população da antiga Jericoacoara que se rende ao espetáculo que o turista quer ver. Reivindica o seu lugar na nova realidade. Sente orgulho de morar em um lugar que é referência em turismo de sol e praia. Fico a refletir: será que reconhece que o seu lugar foi espetacularizado? Será que se dá conta de que apenas habitar no seu lugar, que agora não é mais só o seu lugar, a faz sujeito do processo de gestão do seu Destino Turístico? *O **sujeito** (grifo do autor) da história só pode ser o ser vivo produzindo a si mesmo, tornando-se mestre e possuidor de seu mundo que é a história, e existindo como **consciência de seu jogo** (grifo do autor)*²⁹⁷. Esta parcela da população não será mais espectadora, alienada na nova Jericoacoara, contemplando os cenários espetaculares construídos e disseminados como produtos mercadológicos? *A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que*

²⁹⁴ Durval – morador nativo – entrevista em fevereiro de 2002, na sua residência.

²⁹⁵ RAMPIM, J. L. **Colecionador, Arte e Materialismo Histórico em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018, p. 85.

²⁹⁶ LÖVY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

²⁹⁷ DEBORD, 1997, p. 50.

resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. [...] O espetáculo é o mapa desse novo mundo, mapa que corresponde exatamente a seu território.

Enquanto imagem, o capital fabrica e vende mercadoria. Neste processo as pessoas, a natureza, os modos de vida, as relações socioculturais são banalizadas. Transformam-se em espetáculo. [...] *é o momento em que a mercadoria **ocupou totalmente** (grifo do autor) a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo*²⁹⁸.

Neste mundo, ou nestes mundos vividos agora pela população da antiga Jericoacoara, a comunicação tem a tarefa de construir, irradiar e regar mentes, corpos e corações para visualizarem e vivenciarem o espetáculo que é montado para o turista ver e se encantar com ele. A experiência até então existente na comunidade dá lugar à vivência. A comunicação, outrora feita com narrativas, pela oralidade, agora tem outras formas. [...] *essa ‘comunicação’ é essencialmente unilateral; sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração*²⁹⁹. Como a comunicação é unilateral, os moradores nativos não têm voz e vez nos novos processos. Nem os conhecem, como identifiquei com os entrevistados. Desconhecem a Rota das Emoções. Assim, *o espetáculo não coincide simplesmente com a esfera das imagens ou com o que chamamos hoje **mídia** (grifo do autor): ele é ‘uma relação social entre pessoas, mediada através das imagens’, a expropriação e a alienação da própria sociabilidade humana. Ou então, com uma forma lapidar: ‘o espetáculo é o capital em um tal grau de acumulação que se torna imagem’. Mas, por isso mesmo, o espetáculo não é senão a pura forma da separação: onde o mundo real se transformou em uma imagem e as imagens tornam-se reais, a potência prática do homem se destaca de si*

²⁹⁸ Ibid., p. 30.

²⁹⁹ Ibid., p. 21.

*mesma e se apresenta como um mundo em si*³⁰⁰. [...] *na sociedade espetacular é essa própria comunicabilidade, essa própria essência genérica (isto é, a linguagem) que é separada em uma esfera autônoma. O que impede a comunicação é a própria comunicabilidade; os homens são separados daquilo que os une. Os jornalistas e os medíocritos são o novo clero dessa alienação da natureza linguística do homem. [...] é a alienação do ser linguístico, o desenraizamento de todo povo da sua morada vital na língua*³⁰¹.

A sociedade do espetáculo produz fantasmagorias e chega ao Serrote. Até encontra ambiência e complexifica-se frente a práticas até então existentes. Debord classifica esta sociedade em espetacular concentrado, espetacular difuso e espetacular integrado. No primeiro modo o centro decisório torna-se oculto: *já não se coloca aí um chefe conhecido, nem uma ideologia clara*. No segundo modo, *a influência espetacular jamais marcara tanto quase todos os comportamentos e objetos produzidos socialmente*. O espetacular integrado agrega o concentrado e o difuso, unificando-os. [...] *o sentido final do espetacular integrado é o fato de ele se ter integrado na própria realidade à medida que falava dela e de tê-la reconstruído ao falar sobre ela. Agora essa realidade não aparece diante dele como coisa estranha. [...] O espetáculo confundiu-se com toda a realidade, ao irradiá-la*³⁰².

Jericoacoara antiga, como cenário e palco para o espetáculo, passa a ter o seu patrimônio e a sua gente transformada em coisa. Reafirmando o que já disse, a população nativa sabe disso. [...] *em consequência dessa representação coisificada da civilização, as formas de vida nova e as novas criações de base econômica e técnica, que devemos ao século XIX, entram no universo de uma fantasmagoria. Tais criações sofrem essa ‘iluminação’ não somente de maneira teórica, por uma transposição ideológica, mas também na imediatez da presença sensível. Manifestam-se enquanto fantasmagorias*³⁰³. A população perde a essência da sua existência como comunidade que se relacionava com a natureza considerando-a ente sagrado. Dela extraíam o necessário para o sustento sem agredi-la. O valor de troca era mais significativo que o valor de uso. As relações sociais não se transformavam em espetáculo. O valor de troca e a sociedade do espetáculo dissolveram a

³⁰⁰ AGAMBEM, G. **A Comunidade que Vem**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 71-72.

³⁰¹ AGAMBEM, 2017, p. 74-75.

³⁰² Ibid., p. 72-73.

³⁰³ BENJAMIN, 2006, p. 53.

*comunidade humana, baseada na experiência direta dos fatos, no verdadeiro diálogo entre os indivíduos e na ação comum para resolver os problemas*³⁰⁴. Por isso, penso eu, os moradores com os quais tenho mais diálogo, medem as palavras antes de pronunciá-las, como os sertanejos de João Cabral de Melo Neto. Falam muito pelo silêncio, até por enigmas.

Com a entrada do turismo em Jericoacoara, o patrimônio natural passa a ser contemplado como imagens expostas em galerias, colecionadas com critérios e padrões que emocionam visitantes de toda parte do planeta, que buscam ambientes naturais. *As exposições universais dão acesso a uma fantasmagoria onde o homem entra para se deixar distrair. No interior das diversões, às quais o indivíduo se entrega, no quadro da indústria de entretenimento, resta constantemente um elemento que compõe uma massa compacta. Essa massa se deleita nos parques de diversões com as montanhas russas, os ‘cavalos mecânicos’ os ‘bichos-da-seda’, numa atitude claramente reacionária. Ela se deixa levar assim a uma submissão com a qual deve poder contar tanto a propaganda industrial quanto a política*³⁰⁵.

Em Jericoacoara empresários identificam na fauna e flora, em ambientes terrestres e marinhos, e até nas formas de vida das populações nativas, imagens e potencialidades que são transformadas em produtos que atraem visitantes seduzidos por emoções que os façam vivê-las no seu tempo ocioso. Neste processo a experiência (*Erfahrung*) fruto do trabalho e das relações societárias em que predomina a narração por via oral, dá lugar à vivência (*Erlebens*). [...] *é a fantasmagoria do ocioso. [...] correlato intencional da vivência*³⁰⁶. [...] *É preciso prestar atenção a esta correlação para se ter uma ideia da força explosiva contida na informação. Esta força explode na sensação. Com ela, arrasa-se tudo que ainda evoca sabedoria, a tradição oral, o lado épico da verdade*³⁰⁷.

A ociosidade pode ser considerada uma forma precursora da distração ou do divertimento. Ela se funda na disposição do indivíduo de saborear sozinho uma sucessão aleatória de sensações. Porém, tão logo o processo de produção começou a mobilizar grandes massas de pessoas, surgiu entre aqueles que ‘tinham tempo livre’ a necessidade de se distinguir da massa dos que trabalhavam. A esta necessidade

³⁰⁴ LÖVY, M. **A Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 66.

³⁰⁵ BENJAMIN, 2009, p. 57.

³⁰⁶ Ibid., p. 840 e 843.

³⁰⁷ Ibid., p. 843.

*respondeu a indústria do entretenimento, que logo passou a confrontar-se com seus próprios problemas*³⁰⁸. O entretenimento, alicerçado nas imagens de Jericoacoara atual, favorece a cultura letrada, o saber eurocêntrico, e empobrece o saber popular, a narração e experiências locais.

As entrevistas recentes, com moradores nativos de Jericoacoara, revelam também pelas suas narrativas, fantasmagorias no *‘tempo-de-Agora’ (Jetztzeit)*. Esse tempo *convoca passado e futuro e tem de se distinguir da mera factualidade e da vivência daquilo que é de hoje na ordem do imediato e se esgota no presente*³⁰⁹. Não é simplesmente o que acontece no presente, requer a dimensão da consciência histórica no presente.

Pela linguagem do esquecimento e do silêncio, os entrevistados demonstram apreensão com a nova realidade, embora reconheçam melhoria na economia local. A população que, com a morte do Olavo, último “dono” do lugar, passou por situação financeira deplorável, começa a reerguer-se com a chegada do turismo. O sol que parecia iluminar menos a esperança daquela gente é aquecido com a promessa de renda, emprego e inclusão socioambiental. O mar, que parecia prender os peixes em lugares mais escuros e profundos, libera as suas águas, as suas ondas, a sua beleza para emocionar os visitantes. A iluminação do sol e a liberação das ondas do mar, porém, não aqueceu nem banhou todos os moradores nativos de Jericoacoara.

Na ordem do imediato, pela vivência, a população nativa de Jericoacoara é atropelada e perde o caminho de volta à sua casa anterior. Os becos, as ruas, as pessoas... não são suficientes para balizar o seu reencontro com o passado. A sinalização é outra. Há um desencontro nos encontros que ainda consegue ter.

Enfim...para encontrar um qualquer espaço que permita concluir esta seção pela inconclusão dessa realidade, mais uma vez a poesia se mostra e se faz como janelas:

1

*Como já não poderá dar-se
a volta a casa do nativo
que acabará num chão sulino
onde muito pouco assistiu*

³⁰⁸ BENJAMIN, 2009, p. 843.

³⁰⁹ BARRENTO, J. **Limiares Sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013, p. 86.

*para fingir a volta a casa
desenrola esse carretel
que sabe é de um fio de estopa
(desenrolando, vira mel*

2

...

*Quando seu discurso é esse espaço
De que fala, de longe e velho
O seu é um discurso arqueológico
Que não está em Mário Melo*

4

*Assim, é impossível de dar-se
a volta a casa do nativo.
Não acha a casa nem a rua
e quem não morreu, dos amigos,*

*amadureceu noutros sóis:
não fala na mesma linguagem
e estranha que ele estranhe a esquina
em que construíram tal desastre³¹⁰.*

³¹⁰ MELO NETO, J. C. de. Fragmentos do poema *The Return of the Native*. In: CABRAL, I. (coord.). **A Literatura Como Turismo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016, p. 114-115.



Uma Rota com nome de emoção.

Será?

A viagem pela Rota das Emoções turísticas, protagonizada sobretudo por empresários deste segmento econômico e poder público, é apresentada a moradores nativos de Jericoacoara e problematizada com relação às suas emoções que formam outra rota. As duas rotas caminham no mesmo espaço geográfico, sem ressentimento e rancor *invejosos, fonte de ação, de revolta ativa, de práxis revolucionária*³¹¹, até onde pude perceber. O que está em jogo, do lado dos empresários, é a conquista de maior fatia no mercado turístico. Do lado dos moradores nativos é a estratégia de sobrevivência.

No encontro com moradores nativos, ouvi as suas histórias, narradas com precisão e emoção. Tanto que pareciam ser arrancadas de túmulos selados pelo tempo que agora encontram brechas para virem à tona e revelar experiências de uma comunidade que viveu, por tempos, livre de interferências espetaculares. Foi um encontro de emoções.

As primeiras indagações pareciam querer afastar o medo instalado no meu interior. Queria identificar e sentir outras emoções. Indaguei a mim mesmo: que emoções são geradas por um encontro – estranho ou familiar? Que alterações podem ocorrer? Que alterações pode sofrer o visitante que chega à Rota das Emoções? Que sentimento pode ter o visitante ao se deparar com ambientes que estão no seu imaginário? E os moradores nativos, que sentimentos têm no encontro com pessoas de diferentes lugares, com diferentes percepções, com diferentes desejos...?

Comecei com um café da manhã, na casa do Belisco, preparado por ele, para o nosso encontro. Ali, sentados em uma mesa, tivemos o cachorro e o som do balanço das árvores como testemunhas. Foram momentos descontraídos. Um reencontro com as nossas relações sociais e políticas que, em alguns momentos foram amistosas, em outros conflitivas, mas respeitosas. Belisco abriu a sua casa, o seu coração e a sua memória para este encontro. Sempre foi pescador. Exerceu outras atividades – políticas, administrativas – mas continua pescando. *Para mim, eu terminarei meus dias de vida pescando.* Questiona a forma como o turismo chegou na comunidade. *[...] as coisas em Jericoacoara, muitas coisas aconteceram, em termos de criações de leis, de cima para baixo. A comunidade não foi ouvida. Porque eles aproveitaram da fragilidade de uma comunidade, naquele momento, que não estava preparada para receber o turismo.* Esta fala do Belisco é reiterada por várias pessoas da comunidade,

³¹¹ LÖVY, 2005, p. 111.

por diversas vezes que dialoguei com elas ao longo da minha convivência nas Jericoacoaras.

Na casa do Zé do Chico do Mestre fui recebido na sala, acompanhado da sua mulher que escutava a narrativa do marido e cuidava dos afazeres domésticos. Zé, sentado em sua rede, viajou pelo passado, ora verbalizando, ora em silêncio. É um morador que continua pescando. O nosso encontro inicial, para esta conversa, foi à beira-mar em companhia de outros pescadores. Dalí iniciamos o diálogo que em outro dia seria intensificado na sua casa. Foi uma conversa descontraída. Narrou, com emoção, a sua relação e amor pelo mar. *Para mim, tudo na minha vida pertence ao mar. Eu não daria para morar no sertão. Para mim, é a beira da praia, é, eu chegando no mar, quando eu olho para o mar, chega sai água dos olhos. [...] o mar me traz muita energia boa, muita coisa boa. Graças a Deus, só tenho a agradecer...* Senti, pelo dito e pelo não dito, a importância do momento para ele. Poder abrir o seu coração e reencontrar parte da sua história.

O encontro com Durval também foi na sua casa. Já havia me recebido outra vez, nos anos de 1990, tempo em que falamos sobre o Serrote e sobre a Jericoacoara turística. Naquele tempo parecia mais à vontade para expor o seu pensamento, os seus sentimentos com relação ao encontro e desencontro entre moradores nativos, adventícios e empresários. Desta vez, com toda a sua gentileza, revisitou páginas da sua história, enquanto limpava o peixe para o almoço, sentado no chão. Sua mulher testemunhou a nossa conversa. Cuidava das panelas que aguardavam o peixe preparado pelo seu marido, para o almoço. Durval tem apego pelo seu lugar, como os demais entrevistados narraram. *[...] deixar aqui para morar no lugar dos outros, nunca é como no lugar da gente. Então, eu quero, eu prefiro morrer aqui.* Este desejo do Durval é compartilhado por outras pessoas que estão comigo nesta viagem, pelas suas narrativas.

Amarildo me recebeu na sua casa, fora de Jericoacoara. Um assentamento da Reforma Agrária que sua família conquistou, com outros posseiros. Ali vive a maior parte do seu tempo. Cuida da terra, dos animais e do templo onde sua mulher recebe pessoas para cura. É um espaço sagrado para eles. Reverenciam os ancestrais, os encantados, como eles chamam. Os sons da mata e dos pássaros, como uma sinfonia, irradiaram a mente do Amarildo e ele narrou a sua história, com a história de moradores da antiga Jericoacoara. O sentimento e cuidado com a sua ancestralidade marcaram o tom da conversa. A relação com o sagrado está nele como as ondas

estão no mar. Mexe e remexe consigo e com o seu povo. *Eu tenho essa honra, de hoje vivenciar e viver como os meus ancestrais. [...] eu gostava muito desse movimento dos antigos. Dos mais antigos. Era muito ligado. Eu, já criança, vivenciava esse movimento.* A sua fala reflete, com maior potência, o pensamento do Zé do Chico do Meste que também reverencia os mais velhos e sofre pela ausência de parte deles.

Fui ao sítio do Véio. Lá ele me recebeu, acompanhado da sua mulher, de um filho e trabalhadores que estavam na lida. Naquele lugar, o som principal era dos animais – cachorros, gatos, galinhas, ovelhas, cabras e vacas -, intercalados com o balanço das árvores, pela ação do vento. Véio estava também muito à vontade. Rememorou os tempos de infância e juventude. Abriu o baú das lembranças e encontrou o tempo da pesca. Mas, destaca o prazer de lidar com os seus bichos. *Eu não tenho um amor a uma coisa, o amor que eu tenho é dos meus bichos, tá entendendo? Eu tenho amor aos meus bichos.* Ainda em Jericoacoara morava afastado das ruas principais e cuidava dos seus animais. Agora, com um sítio mais distante, utiliza quase todo o seu tempo de trabalho na propriedade. Continua em Jericoacoara, como cidade dormitório. Vai ao sítio pela manhã e retorna no final da tarde, todos os dias.

Com Baíca, o encontro também foi na sua casa. Duas netas acompanharam a conversa, mas cuidando de seus afazeres. Sentada em um sofá, com um rosário por perto, parecia à vontade e curiosa para narrar a sua história. É parteira e rezadeira. Lembrou momentos difíceis da sua vida em âmbito familiar e comunitário. Tem uma relação forte com a mitologia. Narrou a existência de um príncipe que acompanha o seu dia a dia. O seu príncipe. É muito centrada nas suas curas e no encantamento do Serrote. Tem consciência da importância e do poder da sua sabedoria. *[...] aí eu disse assim: o negócio não é saber, o negócio é entender como é a vida, e olhar as coisas. [...] eu não sei ler. Não sei nem fazer meu nome. Mas do que eu sei, eu sei. [...] meu filho, a vida não é só para aquele que sabe ler. Deus dá a quem merece.* A sabedoria da Baíca potencializa o conhecimento popular e nos desafia a reconhecê-lo como estratégico para o diálogo de saberes. Não se deixa ofuscar pelo conhecimento científico compartimentalizado, dominador e eurocêntrico.

Os seis encontros revelam o não conhecimento da Rota das Emoções, o roteiro integrado, construído e divulgado pelo MTur, a partir do Programa de Regionalização do Turismo. Não estão preocupados e nem ocupados com ela. Mas todos sabem o que é uma emoção e narram algumas delas que veremos logo mais.

As emoções dos moradores, pelas suas narrativas, encontraram-se com as minhas. Lembranças de fatos e imagens que também se levantaram e vieram ao meu encontro. O estar em lugares diferentes, em Jericoacoara, na casa de moradores que abriram suas portas para me receber, fez recordar não só momentos similares da infância remota, como todo o período do meu passado. *Naquele instante dava-se o reencontro do Tempo e o passado se recuperava. [...] processo da memória involuntária para a recuperação do tempo perdido. Tempo que não existe mais em nós, mas continua a viver oculto num sabor, numa flor, numa árvore, num calçamento irregular ou nas torres de uma igreja, etc.*³¹².

Pelas memórias involuntárias, pela inspiração de Proust e pela receptividade dos moradores nativos, por ocasião das entrevistas, reencontro-me com o Serrote e com a Jericoacoara de hoje. As recordações emergem, extravasam, explodem, quebram o silêncio das imagens que chegam em sonhos, devaneios, leituras, experiências, fotografias, ambientes naturais e culturais que configuram uma paisagem para emocionar moradores locais e visitantes. São emoções que chegam com espanto e me desmontam em outras perguntas, saqueadas de Didi-Huberman: *o que se entende por emoção? Que tipo de emoção? Por que a emoção? [...] como a emoção acontece, se desenvolve, desaparece, recomeça?*³¹³

Há vários tipos de emoções: raiva, amor, ciúme, alegria, medo, dor... Expressam momentos agradáveis e desagradáveis. [...] *nascem de uma avaliação mais ou menos lúcida de um acontecimento presenciado por um ator provido de sensibilidade própria. Elas são pensamentos em ação dispostas num sentido de sentidos e valores*³¹⁴. [...] *têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exerce de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais*³¹⁵. São alterações na presteza

³¹² PROUST, M. **Em Busca do Tempo Perdido**. v. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 13.

³¹³ DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 11.

³¹⁴ BRETON, 2019, p. 12.

³¹⁵ Ibid., p. 145.

da ação³¹⁶, ou seja, alterações que denotam uma preparação para a ação ou para a cognição, ou para estabelecer relacionamentos, ou para o prazer³¹⁷.

A rememoração pelos diálogos com os moradores nativos me faz pensar onde está a verdade que busco pelas narrativas sobre a história destes moradores e sobre a Rota das Emoções. Estará na bebida, no café, na água e na forma carinhosa com que os moradores me receberam por ocasião dos encontros, nas suas casas? *É claro que a verdade que busco não está nela, mas em mim. Ela despertou, mas não a conhece, podendo só repetir indefinidamente, cada vez com menos força, o mesmo testemunho que não sei interpretar e que desejo ao menos poder lhe pedir novamente e reencontrar intacto, à minha disposição, daqui a pouco, para um esclarecimento decisivo.* Continua Proust: *Deponho a xícara e me dirijo ao meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Mas de que modo? Incerteza grave, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo; quando ele, o pesquisador, é ao mesmo tempo a região obscura que deve pesquisar e onde toda a sua bagagem não lhes servirá para nada. Procurar? Não apenas: criar. Está diante de algo que ainda não existe e que só ele pode tornar real, e depois fazer entrar na sua luz*³¹⁸.

O sabor dos biscoitos *madeleines* e do chá saboreados por Proust, o levam ao seu espírito. Foi contagiado pela emoção. Um prazer delicioso toma conta de si. Uma *essência preciosa* que se confunde com o seu próprio ser. Uma alegria poderosa o convidava para outros goles de chá e, em pensamento, reencontra a comuna francesa Combray, pela memória involuntária.

Assim como Proust, Walter Benjamin evoca a rememoração, em várias ocasiões. Destaco aqui as suas lembranças pelo amor. *A sensação esvoaça como um bando de pássaros, ofuscada pelo esplendor da mulher. E, do mesmo modo que os pássaros procuram abrigo nos esconderijos da folhagem da árvore, assim também as sensações se refugiam na sombra das rugas, nos gestos sem graça em insignificantes máculas do corpo amado, a cujos esconderijos se acolhem em segurança. E ninguém que passe apercebe de que é aqui, nos defeitos e nas falhas, que se aninha a emoção amorosa fulminante do adorador*³¹⁹. Neste fragmento, a

³¹⁶ FRIJDA, N. H. **The Emotions**. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986.

³¹⁷ MANGUEL, A. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 135.

³¹⁸ PROUST, 2016, p. 55.

³¹⁹ BENJAMIN, 2017, p. 16.

pessoa amada é rememorada por sinais do corpo. A imagem dela é percebida em sons, cores e cheiros que inundam o seu ser de emoções. Para o pensador, *não há vontade plena sem a percepção precisa da imagem. Não há percepção sem ativação nervosa. E a respiração é o seu fator de regulação mais precisa. A sonoridade das fórmulas é um cânone dessa respiração*³²⁰. Quem de nós nunca passou por experiências como esta?

O medo, essa forma de emoção, continua comigo na travessia. Vai ampliando-se em espantos, incertezas, buscas, desejos... Suscita novas reflexões, problematizações e também desafios em enfrentá-lo. As emoções nos libertam? Nos enquadram? Nos aprisionam? Nos conduzem a outros lugares? São sentimentos que nos fazem menores e, por vezes, nos fazem chorar? Por que só as mulheres podem chorar, sem o olhar de censura da sociedade? Por que homens não devem chorar? As imagens literárias revelam o choro, em maior recorrência, das mulheres. *A imagem clássica da dor feminina, comum na escultura helenística, é a de Níobe, que chorou nove dias e noites pelos filhos mortos (doze, segundo Homero, catorze, segundo Ovídeo) massacrados por Apolo e Ártemis para vingar a mãe, Leto, de quem Níobe zombara por ter apenas um filho e uma filha*³²¹. No entanto, homens também choram. Sempre choraram. Derramam lágrimas. O derramamento de lágrimas dos homens dava-se pela “dor privada”, no âmbito familiar e entre amigos. Essas lágrimas selavam uma união e uma camaradagem entre eles. O choro de Adão ao ser expulso do Paraíso; de São João, ao lado da Cruz; de El Cid, ao ser acusado de fraude, banido da companhia do rei; de Dante, pelo castigo eterno dos colegas florentinos; de John Bunyan, indagando o que deve fazer; e de Ulisses, pelos seus camaradas [...] *exemplificam as formas permissíveis da dor masculina. [...] mas em geral o choro nos homens era considerado indecoroso e a ‘agonia contida’ consistia convencionalmente em emoção masculina própria para ser representada*³²². Nossas sociedades caracterizam-se pela moderação de sentimentos. Para muitas pessoas, *‘Liberar as próprias emoções’ é nocivo aos olhos do indivíduo, seja na dor, na alegria, na tristeza, no ciúme, na raiva, etc. O controle das emoções impõe-se àquele que não deseja expor-se a um julgamento desfavorável*³²³. Por outro lado, as emoções ganham

³²⁰ BENJAMIN, 2017, p. 37.

³²¹ MANGUEL, 2001, p. 214.

³²² Ibid., p. 216.

³²³ BRETON, 2019, p. 182-183.

dimensões no tempo e no espaço, conforme as relações sociais e as regras de convivência em um determinado contexto. Hoje, há menos censura às suas manifestações, de qualquer natureza. É permitido liberar as emoções.

O questionamento pulsa em mim, ora com desconfiança, ora confiante, *mesmo que essa confiança seja provisória, condicional. Optemos pela confiança*³²⁴. Confiança em transformar o medo em pontes para atravessar rios, riachos e lagoas que cruzam a minha rota, com todas as curvas que ela contém, na certeza que chegarei ao porto, horizonte desejado para esta viagem.

Sinto, em viagem, que é preciso me expor diante dos outros, mostrar a emoção, desnudar-me. Desempacotar a minha biblioteca de imagens que passará a ser também de outras pessoas, além de mim, que contribuíram com acervos ao longo de décadas. [...] *esse ser exposto à emoção se compromete também com um ato de honestidade: ele se nega a mentir sobre o que sente, se nega a fazer de conta. Em certas circunstâncias, há mesmo muita coragem nesse ato de mostrar sua emoção*³²⁵.

Se a emoção me empurra para a exposição significa que ela não é apenas um eu. Ela é, sobretudo, um Outro. É ela que recolhe e assimila, ou não, os meus sentimentos. Está relacionada ao coletivo. É maior do que eu. Toma conta de mim. Ora, [...] *se a emoção é maior do que eu mesmo – porque é tão profunda que não consigo reconhecê-la, ou então porque ela também diz respeito aos outros -, não é possível fazer com que minha emoção seja de fato minha, ela me possui e eu não a possuo*³²⁶.

Neste diálogo do eu com o Outro, do encontro e desencontro das minhas experiências e vivências com os moradores nativos de Jericoacoara, em tempos distintos, pude chegar a esta constatação: antes de me envolver com esta viagem pela Rota das Emoções e pelas emoções minhas e dos moradores, não me dava conta do movimento que faço desde o início dos anos de 1980, quando o Serrote virou Jericoacoara, com a chegada dos turistas. Identifico em cada fotografia, recorte de jornal, gravações, vídeos, palavras ouvidas e escritas, relatórios técnicos e de pesquisas, a relação destas imagens com o que sempre penso sobre a antiga colônia de pescadores, hoje Vila conectada com o mundo. Não sabia ao certo porque trago comigo o que não está apenas em mim, mas em um coletivo que é impactado por

³²⁴ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 17-18.

³²⁵ Ibid., p. 19.

³²⁶ Ibid., p. 52.

ideias, sentimentos, ações e emoções dos que chegam e ocupam o seu lugar. Percebi, como afirma Didi-Huberman que emoção *‘é um movimento para fora de si’: ao mesmo tempo ‘em mim’ (mas sendo algo tão profundo que foge à razão) e ‘fora de mim’ (sendo algo que me atravessa completamente para, depois, se perder de novo). É um movimento afetivo que nos ‘possui’ mas que nós não ‘possuímos’ por inteiro, uma vez que ele é em grande parte desconhecido para nós*³²⁷.

Por esta afetividade, que se traduz em lembranças de tempos vividos, desconhecidos em grande parte por mim, começo a ter coragem para enfrentar o medo que, ao tempo em que me aprisiona interiormente, me liberta e se exterioriza. Extrapola para além do meu ser.

Sinto que a emoção que me move nesta viagem está relacionada a outrem, a alguém. Está em ação e movimento. A participação do Outro faz com que ela seja percebida e compreendida. É um sentimento e uma ação que não se confunde com fingimento. [...] *uma emoção que não se dirija a absolutamente ninguém, uma emoção totalmente solitária e incompreendida, não será sequer uma moção – um movimento -, será somente uma espécie de cisto morto dentro de nós mesmos. Não seria mais uma emoção, portanto*³²⁸.

Com Didi-Huberman, Walter Benjamin e tantos outros tripulantes da canoa, nesta viagem, compreendo ainda mais as emoções que sempre me empurram de volta às Jericoacoaras para dialogar com as pessoas, sentir alegria, tristeza, revolta... mas, sempre na esperança de que alguma coisa acontece entre mim e os Outros daquele território.

David Le Breton contribui comigo nesta compreensão ao afirmar: *As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. Essas duas dimensões alimentam conjuntamente a sociabilidade e assinalam ao sujeito o que ele deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas*³²⁹.

³²⁷ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 28.

³²⁸ Ibid., p. 33.

³²⁹ BRETON, 2019, p. 145.

Assumi e assumo nesta viagem, o sentimento emotivo como fortaleza, virtude e potência e não como um impasse, *como uma noção negativa*³³⁰, a exemplo do que pensam Kant e Darwin. Quero senti-la como passagem como pensam Hegel, Nietzsche, Sartre, Merleau-Ponty. *Essa ‘vulnerabilidade’, essa eventual dor que Hegel havia nomeado ‘privilégio’, Nietzsche nomeia ‘fonte original’, cuja força e importância se manifestam na arte ou na poesia. [...] A partir de Nietzsche, os filósofos são um pouco mais emotivos e um pouco menos professorais; a partir de agora, podemos escutar os poetas e dizer: ‘eu queimo’ ou ‘eu ardo’ – de amor, de paixão – sem precisar distinguir uma voz unicamente ativa de uma voz unicamente passiva*³³¹.

As narrativas do passado que se conservaram em cada entrevistado agora vieram à tona com toda a simplicidade e potência que possuem. Foram rememoradas. *Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturado com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência*³³².

As entrevistas foram para mim um momento de reencontro. Um reencontro dos entrevistados comigo e com o nosso passado. Nas palavras de Mortada, *[...] a entrevista em si é uma intervenção, espaço de elaboração e resistência*³³³.

Os tesouros guardados pelo tempo, por cada entrevistado, foram confiados a mim. Houve a partilha entre narrador e ouvinte, numa atitude respeitosa e acolhedora. Estava ansioso pela preciosidade do que seria narrado, com a sutileza e estilo de cada narrador, revelando pérola desconhecida até hoje por mim e por leitores de escritos sobre Jericoacoara. Queria ouvir a narrativa dos “vencidos” na disputa de espaço social e territorial na Rota das Emoções. Lembrei que *[...] a memória precisa devolver não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia. A memória, quando devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu, vinga os vencidos!*³³⁴.

A narração das experiências de vida de cada entrevistado ganhou feixes de luz. Resplandeceu sobre a vivência, sobre a rapidez da informação que o turismo e a Rota

³³⁰ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 21.

³³¹ Ibid., p. 23-24.

³³² BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 36.

³³³ MORTADA, S. P. Tempo e Resistência: Eclea e o método em psicologia social. **Psicologia USP**, v. 33, p. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/s4G56ZdXyFDcjKQX3yhtkrh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

³³⁴ GONÇALVES FILHO, J. M. A Letra Viva de Ecléia Bosi. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 43-50, 2008, p. 44.

das Emoções trazem para os moradores da Vila de Jericoacoara. A vivência produz o esquecimento como estratégia de dominação das populações nativas. O seu tempo circular é transformado em tempo linear. As experiências narradas, de forma oral, são tingidas por informações apressadas, interpretadas por quem detém o capital econômico, político e socioambiental.

Se assumo a emoção como passagem, nesta travessia, reafirmo a potência da palavra, da narração: *uma emoção não seria uma e-moção, quer dizer, uma moção, um movimento que consiste em nos pôr para fora (e-, ex) de nós mesmos? Mas se a emoção é um movimento, ela é, portanto, uma ação: algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos*³³⁵.

Percebi a potência da palavra e gestos dos moradores que narraram a sua história de vida. Movimentos interiores e exteriores atravessaram a sua alma e encontraram experiências que necessitavam ser conhecidas, ser exteriorizadas para outros. Eram muito relevantes para ficarem retidas no seu interior. Talvez nem imaginassem que pudessem vir à tona com tanta espontaneidade. Vi no brilho dos seus olhos a alegria de poderem compartilhar estas experiências que, aos poucos são invisibilizadas. A emoção acompanhou a cada um deles. Manifestou-se de diversas formas. Abriu uma relação de confiança frente a mim que representava, naquele momento, o Outro que necessitava para, a partir das suas memórias, revelarem os momentos marcantes na sua vida e na sua relação com as Jericoacoaras.

Em alguns momentos do nosso encontro, os gestos e o silêncio disseram mais que as próprias palavras. Sorrisos, olhares brilhantes, lágrimas, reticências... em um encontro de razão e emoção, desnudaram a sua alma e o seu coração. *As percepções sensoriais, ou a experiência, e a expressão das emoções reveladas nos encontros de narrativas com outras emoções, pareciam emanar da intimidade mais secreta do sujeito; entretanto, elas também são social e culturalmente modeladas*³³⁶. Cada sujeito entrevistado “desempacotou a sua biblioteca” de imagens e sentimentos, limpou o seu acervo, selecionou o mais significativo para ele e resolveu expor para mim e para outras pessoas que possam ler esta tese doutoral. Não por acaso, o TCLE só foi assinado ao constatarem que nada da conversa entre nós traria embaraços para a

³³⁵ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 25-26.

³³⁶ BRETON, 2019, p. 9.

sua vida nas Jericoacoaras. Nada seria divulgado sem a sua autorização. Todos ali sabem que precisam de táticas e estratégias de sobrevivência em um mundo que não é mais só seu.

Reafirmo a percepção de que cada pessoa entrevistada precisava deste momento. No seu coração parecia não caber tanta experiência. Fui surpreendido com alguns deles ao indiciarem outras pessoas para também narrarem as suas histórias. Diziam: - *são histórias bonitas, não podem ficar só com elas... precisam ser contadas. Vá lá, ensino onde ela mora...* Foi prazeroso testemunhar as revelações de razão e emoção, nos encontros e desencontros em uma Vila que não é mais o Serrote. Testemunhei um embate entre razão, emoção e ação, como me ensina Didi-Huberman. *De um lado, a emoção se opõe à razão (que, de Platão a Kant, os filósofos em geral consideram ser o que há de melhor). De outro, opõe-se à ação (quer dizer, à maneira voluntária e livre de conduzir a vida adulta). A emoção seria assim um impasse: impasse da linguagem (emocionado, fico mudo, não consigo achar as palavras); impasse de ação (emocionado, fico de braços moles, incapaz de me mexer, como se uma serpente invisível me imobilizasse)*³³⁷. Foi o que vi e ouvi no encontro dos narradores e narradora das suas histórias de vida.

Na relação com o seu mundo, o mundo vivido no Serrote e o mundo atual, os moradores nativos de Jericoacoara, com os quais conversei agora, mas também com os que conversei em outros tempos, parecem viver em movimentos de tensão. Ora sabem onde estão, quem são, o que podem fazer; outra hora não se reconhecem, temem o seu futuro. Sentem que os novos ventos não servem apenas para proteger o seu lugar da fúria das dunas que percorrem o seu caminho natural como um rio percorre o seu leito. Ainda não encontraram terra firme para desembarcarem da sua canoa que está no mar. Continuam à espera de bons ventos. De lá observam e esperam o momento em que possam, com maior segurança, aportar em terra firme. Alguns se aventuram em enfrentar o mar revolto. Parte deles consegue ancorar. É capaz de identificar o que está havendo consigo, com o seu povo e com a sua antiga comunidade. Encontra alternativas de sobrevivência. Mas continua apreensiva, na terra, mesmo nas suas casas erguidas em lotes mais apertados. Outra parte, como já mencionado, ocupa a periferia da Vila, no limite da cerca que delimita o Parque Nacional. Ali eles constroem a sua rua, a Rua dos Involuntários da Pátria. Os que não

³³⁷ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 21.

encontram terra firme na sua própria casa, migram para outros lugares. A emoção invade o seu ser. Ela [...] *é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Ela consiste num momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza, com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo*³³⁸.

Para os moradores que desembarcaram na terra que lhes parecia firme, a emoção que preenche o seu horizonte não é breve. Pelo menos até onde consigo enxergar pelo dito e pelo não dito nas entrevistas.

As emoções por mim percebidas, por ocasião do encontro na casa dos moradores que narraram a sua história para esta reflexão, estão mais relacionadas a tristezas do que a alegrias. São emoções diferentes das que atraem os turistas para a Rota das Emoções. No entanto, não posso afirmar até que ponto isso é bom ou ruim para eles. [...] *é um falso problema dizer que existem emoções ruins*³³⁹. *Há emoções como há sabores e cores, existem as extremas e também as nuances, as emoções insípidas, misturadas, difusas, cambiantes, pulverizadas... Do ponto de vista da descrição fenomenológica, há uma infinidade de emoções*³⁴⁰.

Como atributos significativos na modelação de mercados, as emoções estão além do biológico sensorial. [...] *resultam tanto de processos cognitivos complexos quanto de outros elementos, tais como a religião, a arte ou a ciência*³⁴¹, que alicerçam a percepção de imagens e sentimentos. Tal percepção transforma o mundo real em fantasmagoria, espetáculo para ser desejado, visto, contemplado e registrado, sobretudo pelos que querem e podem usufruir do seu tempo livre em ambientes fora do seu cotidiano. Nesta espetacularização do mundo real, potencialidades naturais e culturais são transformadas em atrativos turísticos que, por sua vez, alcançam a emotividade, com significados que refletem nos desejos, também construídos com tendências mercadológicas. Nas palavras de Le Breton, as emoções *se inscrevem sobre uma teia de significados e de atitudes que prescreve aos indivíduos tanto a forma de descrevê-las quanto as maneiras de exprimi-las fisicamente. As emoções são, portanto, emanções sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade*

³³⁸ BRETON, 2019, p. 140.

³³⁹ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 58.

³⁴⁰ Ibid., p. 60.

³⁴¹ AVERILL, J. R. Emotion and Anxiety – Sociocultural, biological and psychological determinants. In: PORTY, A. O. (org.). **Explaining emotions**. Berkeley: University of California Press, 1980, p. 67.

*particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam um vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social. [...] são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade*³⁴². São socialmente construídas. O viés antropológico lembra o caráter socialmente construído dos estados afetivos, mesmo dos mais fervorosos, assim como de suas manifestações baseadas no fundo filogenético sobre o qual se bordam as sociedades³⁴³.

Após ouvir atentamente as narrativas dos entrevistados, manifesto as minhas emoções em palavras e imagens que possam ser compreendidas por outras pessoas. Não que a compreensão de quem ler essa escritura seja a minha, mas é preciso que a comunicação se estabeleça entre autor/narrador e leitor. Estas manifestações têm um poder de ligar os tempos e espaços guardados e agora, mais do que nunca, rememorados com energia dos moradores que dialogaram comigo, permitiram que eu adentrasse o seu universo até então distante para mim. São emoções que *têm um poder – ou são um poder – transformação. Transformação da memória em desejo, do passado em futuro ou então da tristeza em alegria*³⁴⁴.

Com Didi-Huberman, vejo que a esfera pública e a iniciativa privada compreendem o poder que têm as emoções. Transformam a memória de um povo, de uma comunidade, de experiências, em desejos dignos de atrair visitantes para vivenciarem uma rota turística. Transformam ou tentam transformar o passado desta mesma comunidade em futuro. Passado que, aos poucos, vai fugindo da memória dos moradores mais jovens das Jericoacoaras. A modernidade que se instala na Vila não privilegia as narrativas por via oral. A experiência se empobrece. O futuro parece ser o que importa. Para os mais jovens, pode ser, mas, para os mais velhos, posso confirmar, pelas entrevistas e histórias narradas, que o passado importa sim. E importa com um desassossego, com um sentimento de perda e de tristeza. É como se as pedras banhadas pelo mar do Serrote, o mesmo mar que banha as cavernas, a gruta da Princesa, que enche a piscina da Princesa, o poço do Ananias, o aquário natural... desaparecessem de vez, causando tristeza e desconfigurando a paisagem encantadora que faz os moradores nativos, adventícios e turistas se emocionarem.

³⁴² BRETON, 2019, p. 149.

³⁴³ Ibid., p. 139.

³⁴⁴ DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 44.

Fico a pensar: esta transformação interessa a quem? Ao transformarem tristeza em alegria, cabe a pergunta: para quem? Para os moradores nativos esta transformação é real ou imaginária? Para os visitantes, não há dúvidas de que seja real, embora o seu imaginário, regado pelas águas da emoção, às vezes também encontre tristeza.

O mundo real dos moradores do Serrote, agora duas Jericoacoaras, é transformado sem que eles se deem conta da velocidade desta transformação. É como se tivessem dormido no Serrote e acordado em Jericoacoaras. Agora o seu lugar se transformou em unidade de conservação. Primeiro de uso sustentável, depois de proteção integral. São impedidos de realizarem atividades que antes eram rotina na vida deles. O mundo tornou-se urgente demais para a velocidade que eles tinham. O tempo cíclico foi substituído integralmente pelo tempo do relógio. Emocionados, perguntam-se: o que aconteceu por aqui? E agora, o que podemos fazer? Sartre nos ensina que emoção é *uma transformação do mundo. Quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais permanecer num mundo tão urgente e tão difícil. Todos os caminhos estão barrados, no entanto é preciso agir*³⁴⁵.

Os moradores das Jericoacoaras agem. Ao seu modo e ao seu tempo, mas agem. Ora se encolhendo para caber nos espaços físicos existentes na Vila e nos espaços sociais que lhes são reservados; ora, deixando o seu habitat natural e criando outras ruas na periferia da Vila ou migrando para comunidades do entorno como fizeram o Amarildo e o Véio. Muitos outros fizeram o mesmo. Mudaram-se para o entorno e para lugares mais distantes. Resistem, também ao seu modo. Têm nos encantos, na potência de ser nativo e no que sobra da ancestralidade e das relações com os que continuam no lugar, as suas principais formas de resistência. Sabem que precisam estar juntos. A comunicação entre eles necessita ter continuidade. A única forma de continuarem narrando as suas experiências é estarem sintonizados uns com os outros. É um desafio grande. Os tempos são outros. As interferências externas e internas também são outras. Mas as luzes que irradiam o sentimento ancestral e solidário podem ser um alento para a travessia da ponte entre a Jericoacoara antiga e a Jericoacoara nova.

As emoções reprimidas pelo apelo fantasmagórico das emoções turísticas continuam em algum lugar, nos escombros que se formam com o novo jeito de ser e

³⁴⁵ SARTRE, J. P. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L & PM, 2008, p. 63.

de viver em Jericoacoara. Escavando, como arqueólogos, podem ser encontrados sinais de vida nesses escombros. Sinais que abram caminhos para os moradores da rua que se forma para os amantes do seu lugar: a Rua dos Involuntários da Pátria.

Mas é preciso cuidado. A escavação não se faz sozinho. Pode ter camadas difíceis de reconhecimento. Ou, quem sabe, informações indecifráveis sem o coletivo.

João Cabral de Melo Neto pode ajudar nessa tarefa.

1

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

2

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão³⁴⁶.*

Emocionado, em viagem pelas Rotas das Emoções, embriago-me em pensamentos que flutuam pelas ondas do mar, acompanhado pela tripulação da canoa que nos leva a portos e mais portos, não mais em uma Rota, rota turística, mas em muitas Rotas. As rotas que são feitas pelos moradores nativos de Jericoacoara, ao longo da sua história, nos seus tempos presente, passado e futuro. As rotas que

³⁴⁶ MELO NETO, J. C. *Tecendo a Manhã*. In: MELO NETO, J. C. **Poemas para Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010b, p. 149-150.

margeiam, mas também adentram o Serrote, a Jericoacoara e as cidades encantadas, visitadas nesta narrativa: Adelaide, Luciana, Analice, Nema, Julieta, Odete, Libânia, Ilsa, Penha, Carmelita, Ruth e Risia.

Estas rotas, com as suas mais diversas curvas, aguçam a minha memória – voluntária e involuntária – e me aproximam da tese que busco defender nesta escritura. Existem Rotas das Emoções distintas. Não cabe nelas a polarização. Existe um fundo por trás (ou ao lado) da forma. Não encontraremos o particular de uma história. E se existe, ora se cruza e ora margeia com outras histórias.



TRECHO FINAL:
Por uma educação pela pedra



347

³⁴⁷ Pedra do Encante (Pedra solta) – Jericoacoara, CE. Registro de Leandro Souza – morador nativo.

*Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso
E eu vos direi, no entanto
Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer
não, eu canto³⁴⁸.*

³⁴⁸ BELCHIOR. **Divina Comédia Humana**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44454/>. Para ouvir acesse: https://www.youtube.com/watch?v=qXrc5_06ll8. Acesso em: 8 jul. 2021.



A primeira lição pela pedra

Lembrei-me do tempo em que morava na comunidade de Borges, cerca de 18 quilômetros do Serrote. Um lugar com poucas pessoas, todas da mesma família. Herdaram do seu pai uma propriedade rural, dividida com todos os filhos. Nela construíam sua casa em um espaço que não dava para plantar um roçado, mas se podia cultivar frutas e verduras, apesar das poucas chuvas que caíam na região. No local havia muitos cajueiros e umas poucas mangueiras, bananeiras, coqueiros, goiabeiras, laranjeiras, limoeiros, dentre outras espécies frutíferas. Em cada casa havia uma pequena horta e algumas plantas de jardim. Todas as casas eram construídas de tijolos e cobertas de telhas. Compunham uma paisagem arquitetônica entrelaçada com a vegetação ali existente. Os pássaros e outros animais que viviam no aconchego da comunidade não se sentiam ameaçados. Faziam parte da simplicidade da vida que predominava naquele lugar. Os filhos iam se casando, quase todos com pessoas da mesma família. A comunidade ia crescendo em população, menos em termos econômicos. Quase todos os homens eram agricultores. Não havia a prática das mulheres irem para a roça. Ficavam cuidando da casa, da comida, enfim, dos afazeres que possibilitassem o mínimo de conforto ao marido e filhos que enfrentavam a lida fora do ambiente doméstico. Muitas faziam crochê, com fios que elas mesmas extraíam do algodão cultivado na comunidade. E não precisavam tecer e desmanchar diariamente, como fazia Penélope. Como não tinham terra suficiente para o plantio necessário à manutenção da sua família, os agricultores trabalhavam em terra arrendada, pagando parte do que produziam aos proprietários.

Aos domingos, lia romances – cordéis -, embaixo dos cajueiros, para os moradores da comunidade. Também ajudava na celebração das novenas por ocasião das festas juninas e em outros momentos quando a população pagava promessas a santos dos quais era devota. Lembro das promessas a São José, pedindo chuvas, em tempos que elas demoravam a chegar. “Roubava-se” a imagem do Santo de uma residência e a mantinha consigo até o dia 19 de março. Se as chuvas caíssem em abundância, era celebrada uma novena, com a participação da comunidade. Fazia-se uma procissão da casa onde estava a imagem roubada até o seu lugar de origem. Era uma louvação ao Santo pela graça alcançada. Quando não chovia o esperado, a imagem também era devolvida, mas sem os festejos.

Revisitei também parte da minha trajetória escolar, no Borges e no Serrote, como aluno e como professor. Trajetória que produziu suas marcas através de um contexto social, característico do nordeste brasileiro, extremamente marcado, àquela

época, pela ausência de políticas, programas e projetos públicos que dessem conta de atender aos mínimos direitos de cidadania.

As pedras foram, inicialmente, minhas professoras. Pedras que, no Serrote estavam na praia, formando esculturas. Davam asas à imaginação, desenhando cenários que mais tarde penetrariam na subjetividade de muitos outros, também viajantes, mas principalmente turistas. Os turistas descobrem ali atrativos que buscam nos seus sonhos embalados por emoções, em uma rota traçada cuidadosamente para vender expectativas, desejos, prazer... como uma mercadoria embalada com todo o cuidado possível para ser vendida e consumida, com prazo de validade, inclusive.

Mas havia pedras também que eram retiradas do fundo de cacimbas, de onde se recolhia água para o consumo familiar, para regar as plantas e matar a sede dos animais domésticos.

Essas pedras, com as suas especificidades, dão-me lições, às vezes de fora para dentro, outras vezes de dentro para fora, com sintaxes, sentidos e significados que me fazem perceber a importância dos seus ensinamentos. Foi com as pedras e pelas pedras que tive as primeiras experiências de ensino aprendizagem. E com elas prossigo em viagem, com o poeta, repetindo:

Educação pela Pedra

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

*Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,*

*e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascerça, entranha a alma*³⁴⁹.

Nesse caminho de pedra, pelas pedras que me educam, vejo com clareza que naquele momento desviava-me da rota previamente estabelecida pelo meu pai, em um processo de sucessão rural. A rota que eu estava traçando para a minha viagem, tinha outros tempos e outros espaços, não lineares. Hoje percebo que subverti uma lógica familiar, fazendo curvas, driblando situações adversas características de uma comunidade rural com poucas condições de vida digna, brigando pela sobrevivência. A rota que começava a ser traçada para a minha viagem não tinha um porto determinado com indicação previamente anunciada. Tinha e tem outros pontos de chegada.

Mas lembro, também, que nem todos os meus irmãos, que já iam à roça, pensavam da mesma maneira que eu. Um deles tinha pavor à escola, o que de certo modo era até compreensível. Certo dia ele disse ao nosso pai algo mais ou menos assim: *pai, me tire da escola que dou conta de todos os seus matos, pode deixar na escola os que quiserem, faço a parte deles!* Eu fazia parte dos que desejavam a escola e assim segui, entendendo que ela, a escola, me possibilitaria uma melhor forma de vida.

Naquela época não dava conta de pensar o caráter político da educação. Mas, parecia compreender que ela não era para todos, nem oferecia o mesmo nível de oportunidades.

Talvez, por isso também, tenha chegado a este doutoramento em educação, em uma linha de pesquisa que inclui, que respeita as diferenças, que reconhece e dialoga com os diversos saberes. Quem sabe, a demora em fazê-lo tem a ver com o que encontro e com quem encontro nesta viagem. O lugar que nem mais imaginava ocupar, mas estava dentro de mim.

Meu pai não acreditava que a escola me possibilitaria melhores condições de vida. Achava que não valeria à pena investir - nem sei se ele sabia o que era investimento -, mas certamente pensava em um futuro, o melhor possível, para os seus filhos. As suas lições, aprendidas e ensinadas, por via oral, como experiência,

³⁴⁹ MELO NETO, J. C. **A Educação pela Pedra e Outros Poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 207.

com a dureza da vida, constituíam-se elas mesmas, hoje percebo, em pedras. Mas eu lembro que na época, acima de qualquer coisa, acreditava que as minhas utopias me levariam a um mundo melhor, mais igualitário, plural e solidário.



Outra lição pela pedra

Uma outra lição da educação pela pedra por João Cabral de Melo Neto no *Sertão é de (dentro para fora, e pré-didática)*. No *Sertão a pedra não sabe lecionar. E se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascente, entranha a alma*³⁵⁰.

Buscando a lição pré-didática, apontada pelo poeta, e um sentido inverso em que a educação (e esta história possa ser contada) é que a imagem da pedra foi se impondo como algo que fez e faz parte das entranhas da alma desta narrativa.

Mas como mostrar também pelas imagens estas pedras, foi um desafio que acompanhou por muito o corpo (e a alma) das indagações de pesquisa. Relaciono e retomo a discussão, denunciada por Benjamin, da perda da aura pela ascensão da modernidade e das técnicas de reprodução capitalista. A consequente perda da atmosfera de unicidade e transcendência de tudo aquilo que fazendo parte da criação acabou desvinculando-se, cada vez mais, da vida das próprias pessoas. Quem sabe, uma outra história também possa ser contada, uma outra rota possa ser traçada pelas páginas aqui percorridas.

Parti, assim da ideia de que as imagens *da pedra de nascente, da alma*, da história que me foi, era e estava sendo contada, pudessem ser mostradas como imagens que buscam sobreviver a perda da aura, ou seja, de forma que resguardassem a vida dos viajantes e dos moradores que compõem o texto narrativo em seu conjunto.

Ainda com Benjamin, o que interessava era ser capaz de constelar as imagens através das páginas deste trabalho como parte fundamental do processo de composição e que preservasse a capacidade requerida. E, literalmente, as imagens foram se desenhando, com uma força narrativa tal que faz suspeitar da sua força única, uma força explosiva, capaz de fazer com que o ocorrido possa ser reencontrado, no agora como um lampejo. De dentro para fora, pré-didáticas, como entranhas, surgiram, assim, as Imagens de Pedra,

Imagens de pedra que contam de uma e de muitas outras histórias. Contam também de uma possível história que pelo texto pode ser acessada através das fotografias da Casa ou da Gruta da Princesa de Jericoacoara. Fotografias que após serem coletadas em sua oralidade, pelo pesquisador, tentaram ser reproduzidas através da virtualidade e sua posterior composição com o texto, de forma que

³⁵⁰ MELO NETO, 2020, p. 359.

ocupassem um espaço não de acréscimo, mas sim de pulsação, através dos vãos das seções propostas.

Imagens da Caverna, Gruta, e/ou Casa da Princesa, saltam, assim, por entre as páginas como uma coleção de cópias e figuras que se repetem (as tais figurinhas repetidas da infância) mas que ao se repetir, trazem ao mesmo tempo, algo de novo. Talvez, acima de tudo pela convicção do pesquisador, de que a investigação para ter alma, também pelas imagens, necessita se manter aberta. Aberta, inclusive, para ver o que permanece no discreto e ou no propositadamente ignorado, naquilo que permanece oculto nas reproduções espontâneas, mais ou menos anônimas, de um mundo que, se perdido pela virtualidade acabará também por somente empobrecer mais ainda a experiência narrativa e a humanidade.

Afinal, se alguma moral à história faltasse, talvez fosse a de que só poderá conhecer a Princesa Encantada de Jericoacoara quem se atrever a viajar pelas muitas cidades invisíveis que se escondem nas suas Pedras. Uma viagem que para os que já conhecem, ou buscam conhecer, se dá como passagem, como sonho, pelo território em que a memória insiste e resiste como pura revelação. Uma outra educação pelas Pedras... e por que não?

E é através das imagens da Pedra que chegamos ao final deste trabalho apontando para alguns dos elementos que podem se constituir como uma das respostas possíveis à questão de pesquisa. Repeti ao longo desta jornada a pergunta inicial deste trabalho: **Como contar as histórias dos moradores nativos de Jericoacoara sobre a sua vida e sobre a Rota das Emoções?**

O encontro com os moradores me faz mais ver um caminho sustentado pela força poética e política que um chamado a uma educação pela pedra evoca, provoca e mantém...

E sim, uma educação pela pedra se dá por lições!



Lição 1

A dicção da Memória

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).*

Pelo poema e pela pedra, por necessidade, mas também por puro prazer de aprendiz, tive que aprender a frequentar e a frequentá-la. Conduzindo pelas narrativas dos moradores procurei desesperadamente superar o obstáculo das coisas que são visíveis e que não se estampam de imediato, e para isso tive que aprender com os moradores a ouvir o que as pedras diziam, *captar sua voz inenfática, impessoal*, tive que re/aprender a dizer, a re/encontrar nomes, mas principalmente tive que aprender que a memória possui uma dicção própria.

Foi pela lição de dicção que eu aprendi que é importante enfrentar o poder das palavras reconhecendo a responsabilidade e a autoria ao pronunciá-las. Foram os moradores que me fizeram ver, que pela educação da pedra, sempre atrás de uma palavra, principalmente através de uma palavra longa como longo é o nome da palavra JERICOACOARA pode se esconder um outro nome e obviamente saudar a estratégia brilhante de dicionarizar um outro sentido para a palavra “longa”. Longa pode ser também nome de pessoa, um nome de professora, Dona Longa. Foi através da estratégia comunitária com a professora Dona Longa que eu pude reconhecer, a primeira lição, que a comunidade desde antes já sabia: Em Jericoacoara a história tem nome e pelos caminhos da memória é fundamental aprender a dizer sobre esta, pois é pela dicção, que a educação da pedra começa suas aulas.



Lição 2

A sutileza da Moral

*A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada.*

Pela educação da pedra e pela comunidade é que fui jogado a compreender que por trás da aparente resistência fria da pedra, e a história da comunidade, reside um convite permanente *ao que flui e a fluir*.

E para fluir é necessário alcançar a musicalidade da pedra. Caetano Veloso, auxilia a dizer disso na canção *If you hold a stone*, lançada por ele quando estava no exílio em Londres sugerindo o quanto uma pedra pode gerar conhecimento.

*Hold it in your hand
If you feel the weight
You'll never be late
To understand*

A música em tradução livre diz que: *Se segurar uma pedra / Segure-a nas mãos / Se sentir o seu peso / Nunca será tarde / Para compreender*. Talvez por ela possamos compreender que a musicalidade da educação da pedra é esse convite constante ao que flui e ao *fluir*.

Caetano, nos versos de abertura da canção “Outro Retrato”, do disco *O Estrangeiro* de 1989 diz que *a minha música vem da música da poesia de um poeta João que não gosta de música*. Caetano, se referia ali, a poesia de João Cabral de Melo Neto.

Tentando ouvir o quanto de resistência existe na lição de moral daquilo que flui, compreendi que pela educação da pedra, só existe conhecimento através da musicalidade. Da musicalidade sutil da pedra. Retomando Belchior, talvez seja mais possível compreender o desafio maior que a Lição 2, através da sutileza da moral, da educação da pedra sugere empreender:

*E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês*

*E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês³⁵¹.*

³⁵¹ BELCHIOR. **Palo Seco**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44448/> Para ouvir acesse: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44448/>. Acesso em: 8 jul. 2021.



Lição 3

A Poética dos Encontros

O encontro é o lugar, por excelência, onde o conhecimento pela educação da pedra acontece. Os moradores de Jericoacoara, também já sabiam disso, de tal forma que em todas as suas histórias podemos apreender a sua carne, a sua concretude.

Mas para alcançar tal lição temos que instaurar em nós um processo de deseducação, ousando conhecer de novo aquilo que já julgava, inclusive conhecido. E é somente a concretude da destruição das certezas que possibilita o acesso ao conhecimento novo, através justamente daqueles encontros que antes até poderíamos considerar como improváveis.

O encantamento que as histórias como a da Princesa de Jericoacoara parecem dizer justamente disso, da Lição 3, que a poética dos encontros remete, ou seja daquilo que está por vir, que na pedra mora, ainda muito pouco se sabe.

Sabemos tão pouco que nos atrapalhamos com a Rota. Evidencia clara, por exemplo, quando através das histórias percebemos que as emoções que os moradores falam resistentemente aponta para um outro sentido que não o proposto pelo programa governamental e intitulado, ironicamente, por Rota das Emoções. As emoções da comunidade, pelas histórias, possuem uma outra concretude, que não a do turismo de mercado.

A força de resistência das emoções da comunidade é tão concreta que é capaz de encontrar monumentos na natureza que demonstram disso. A Pedra Solta, conhecida pelos moradores nativos com Pedra do Encante, é um exemplo disso. Os moradores mostram o quanto sabem e quanta distância existe entre aquilo que eles conhecem do lugar e o que os olhos da Rota das Emoções promete. O olhar fácil, vendido através da permanência por um minuto, não raras vezes após horas de espera, a foto que comprove ao turista, e a quem mais interessar possa, de que ele esteve realmente em Jericoacoara. Ledo engano, mostram as histórias dos moradores que, para estar em Jericoacoara é necessário saber que todo encontro possui uma poética e para quem ainda não sabe, basta ver melhor, antes da Pedra Furada, existe a Pedra Solta, como pura poesia concreta e magia.

A liberdade de desafiar as leis, inclusive as da natureza, como a gravitacional, fazem da Pedra Solta um monumento aos encontros im/possíveis.

E quem viver, pela educação da pedra, verá!



Lição 4

A da Economia Oculta

a de economia, seu adensar-se compacta:

A lição 4, da educação da pedra, pode até parecer paradoxal, aos menos avisados. Caso sigamos o caminho mais evidente, o paradoxo se instaura, basta olhar. Um bom exemplo, talvez possa ser espelhado através da forma de andar, de transitar e de até trabalhar dos moradores e a forma de chegar, transitar e usar o lugar dos visitantes de Jericoacoara. E para compreender isso, nem é necessário muito discurso, basta ver, o mundo que separa os pés da vendedora de redes na praia e os pés do turista, ou do empresário que chega pelos ares, de helicóptero na comunidade.

Mas também essa economia oculta os moradores sabem, através da educação da pedra, identificar. Caso duvide, procure um dia, acompanhar os diálogos que fazem parte da venda de um produto por um vendedor ambulante na praia. E nisso, por exemplo, quando uma mulher que vende seu trabalho artesanal de crochê na praia ao turista ela sabe que vende horas de trabalho, sabe tanto que justifica rapidinho o lamento do preço alto, feito pelo turista que objetiva diminuí-lo para obter a sua vantagem de comprador. Responde a vendedora nessas horas: sabe quantas horas eu demorei para fazer este trabalho? Dizendo isso ela é imbatível, não existem argumentos capazes de derrubar a solidez dessa estratégia de marketing. No entanto, nem precisamos retornar a Penélope para compreender que por trás dessa estratégia também podemos compreender a lição da economia oculta da pedra. A vendedora, moradora de Jericoacoara, já sabe, já aprendeu com a educação da pedra, que o maior valor, o valor oculto, do seu trabalho, não está nas horas, está no tempo, e este não pode ser quantificado. Permanece oculto, pelo poder de saber e fazer dona de seu tempo, senhora da sua história.

E disso, também sabe toda a comunidade. Tanto sabe que mostra e aponta para o que talvez seja o ícone mais representativo do poder da lição da economia oculta da educação da pedra. Existe sim, uma princesa encantada escondida nas pedras de Jericoacoara, mas não adianta, o tesouro que ela guarda, não virá de uma troca romântica imaginada, pois é necessário compreender que mais importante do que a princesa acordar é a certeza de que ela não vai acordar e com isso o tesouro maior, pelo encanto de sua história, permanecerá, feliz e infeliz, mas em Jericoacoara.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ADORNO, W. T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGAMBEM, G. **A Comunidade que Vem**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu Outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ARAUJO, N. **Jericoacoara**. Acaraú: [S. l.], 1987.
- ARNALDO ANTUNES. **A nossa casa**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/91579/>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 5. reimp. Petrópolis: Vozes, 2020.
- AVERILL, J. R. Emotion and Anxiety – Sociocultural, biological and psychological determinants. In: PORTY, A. O. (org.). **Explaining emotions**. Berkeley: University of California Press, 1980.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARRENTO, J. **Limiares Sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- BELCHIOR. **Alucinação**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/153384/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **Conheço o meu Lugar**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44452/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **Divina Comédia Humana**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44454/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **Não Leve Flores**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/344914/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **No centro da Sala**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44457/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **O Nome da Cidade** (interpretando original de Caetano Veloso). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/o-nome-da-cidade/>. Acesso em: 8 jul. 2021.
- BELCHIOR. **Palo Seco**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44448/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

BELQUIOR. **Sujeito de Sorte.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/344922/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão.** São Paulo: Brasiliense, 1984

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

BENJAMIN, W. **Passagens.** Belo horizonte; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, W. **Passagens.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaio sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Trágico Alemão.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única:** infância berlinense: 1900. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, A. L. R. **O Turismo Convencional e o Contra-hegemônico de Canoa Quebrada e Jijoca de Jericoacoara – CE.** 2015. 157f. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão de Negócios Turísticos) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

BRANDÃO, C. R. **A Pergunta a Várias Mãos:** a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Turismo de Sol e Praia:** orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região Turística do Meio-Norte.** Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009.

BRETON, D. L. **Antropologia das Emoções.** Petrópolis: Vozes, 2019.

BUSSOLETTI, D. M. **Infâncias Monotônicas** – uma rapsódia da esperança: estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – PUC RS, Porto Alegre, 2007.

BUSSOLETTI, D. M. Fisiognomias: Walter Benjamin e a escrita da história através de imagens. **Estudos Históricos – CDHRP**, Uruguay, ano II, nov. 2010.

BUSSOLETTI, D. M.; DUARTE, K.; VARGAS, V. S. Etnografia Surrealista: contribuições para pensar a pesquisa em educação. **Hispanista**, v. XX, n. 76, jan./mar. 2019.

CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, I. As Cidades Invisíveis. **O Globo, Folha de São Paulo**, São Paulo, 2003.

CALVINO, I. **Mundo escrito e mundo não escrito** – artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CASCUDO, L. C. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, L. da C. **Prelúdio e Fuga do Real**. 2. ed. São Paulo: Global, 2014.

CHAVES, C. Manifesto do Surrealismo – André Breton - 1924. **Cultura Brasil**, n./d.

CIAMPA, A. **A Estória de Severino e a História de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COSTA, H. A. **Mosaico da Sustentabilidade em Destinos Turísticos**: cooperação e conflito de micro e pequenas empresas no roteiro integrado Jericoacoara – Delta do Parnaíba – Lençóis Maranhenses. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DEBORD, G. Théorie de la Derive. **Les Lèvres Nues**, n. 9, 1956.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE MASI, D. Turismo e Tempo Livre: uma alternativa para o Terceiro Milênio. In: FARIA, I. F. (coord.). **Turismo**: lazer e políticas de desenvolvimento local. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2021.

FELINTO, M. **As Mulheres de Tijucopapo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FONTELES, J. **Jericoacoara e a Invasão do Turismo**. Alterações nas Formas de trabalho e no Estilo de Vida. 1989. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) - UVA/UFC, Sobral, CE, 1989.

FONTELES, J. **Turismo e Impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.

FONTELES, J. O. Participação dos Moradores Nativos no Destino Turístico Referência em Sol e Praia: Jericoacoara – CE. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, CCH/UVA, Sobral/CE, Ano IX, n. 1, 2015a.

FONTELES, J. Inserção dos atores sociais locais na gestão do turismo em Jericoacoara – CE. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo/AL, v. 5, n. esp., abr. 2015b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRIJDA, N. H. **The Emotions**. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, Aura e Rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. 1. reimp. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALVÃO, A. G. **Jericoacoara Sonhada**. São Paulo: Annablume, 1995.

GIRALDO, A. **A Cidade Encantada de Jericoacoara**. São Paulo: All Print Editora, 2011.

GONÇALVES FILHO, J. M. A Letra Viva de Ecléia Bosi. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 43-50, 2008.

GRISOTTI, M. A Ética em Pesquisa com Seres Humanos: desafios e novas questões. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 3, n. 5. p. 157-174, jan./jun. 2015.

GUARESCHI, P. A Alteridade e Relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, A. (org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho. Pressupostos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. – 14 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 147

GUIMARÃES, R. **Água Funda**. São Paulo: Editora 34, 2018.

HEMINGWAY, E. **O Velho e o Mar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.

INTERNATIONALE LETTRISTE. Le Bruit de la Fureu. **Potlatch**, n. 6, 1954.

KAFKA, F. O Silêncio das Sereias. **Caderno de Leituras**, n. 70, jul. 2017.

KRIPPENDORFF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LÖWY, M. **A Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, M. **A Estrela da Manhã**: surrealismo e marxismo. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

LÖWY, M. **O Cometa Incandescente**: romantismo, surrealismo, subversão. São Paulo: Edições 100/cabeças, 2021.

MANGUEL, A. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATEUS, S. A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. **Revista da Associação Nacional do Programa de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 17, n. 2, maio/ago. 2014.

MEIRA, S. A. Folheto interpretativo como ferramenta de valorização de geossítios da Ponta de Jericoacoara, Ceará, Brasil. **REGNE**, v. 2, n. esp., 2016.

MEIRELES, A. J. A.; DANTAS, E. W. C.; SILVA, E. V. **Parque Nacional de Jericoacoara; trilhas para a sustentabilidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MELO NETO, J. C. **A Educação pela Pedra e Outros Poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MELO NETO, J. C. **Melhores Poemas**. 10. ed. São Paulo: Global, 2010a.

MELO NETO, J. C. Tecendo a Manhã. *In*: MELO NETO, J. C. **Poemas para Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010b.

MELO NETO, J. C. de. Fragmentos do poema The Return of the Native. *In*: CABRAL, I. (coord.). **A Literatura Como Turismo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MELO NETO, J. C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

MORTADA, S. P. Tempo e Resistência: Eclea e o método em psicologia social. **Psicologia USP**, v. 33, p. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/s4G56ZdXyFDcjKQX3yhtkrh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

MURICY, K. **Alegorias da Dialética**: Imagem e Pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: NAU, 2009.

NASCIMENTOS, I. Outras Macabéas: uma nova perspectiva de representação da mulher nordestina na produção de Marilene Felinto. **Scripta Alumni - Uniandrade**, n. 22, 2019. Disponível em: <http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>. Acesso em: 10 fev. 2022.

NUGA/UECE. **Área de Proteção Ambiental** – Jericoacoara. Fortaleza: NUGA/UECE, 1985.

NUNES, J. A. Sobre a ética (e a política) da investigação social em saúde. **Sociologia on line**, Lisboa, n. 3, jun. 2011.

OLIVEIRA, A. Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da etnografia na educação. **Educação em Foco**, ano 16, n. 22, dez. 2013.

OLIVEIRA, M. W. de et al. Pesquisando Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, M. W. de; SOUSA, F. R. de (orgs.). **Processos Educativos em Práticas Sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

PORTAL GUARA. Dica de Férias: Jericoacoara, eleita uma das praias mais bonitas do mundo! **Portal Guara**, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://portalguara.com/dica-de-ferias-jericoacoara-eleita-uma-das-praias-mais-bonitas-do-mundo/>. Acesso em: 1 abr. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JIJOCA DE JERICOACOARA. Farol. **Site Jijoca de Jericoacoara**, n./d. Disponível em: <https://www.jijocadejericoacoara.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=3>. Acesso em: 30 maio 2021.

PROUST, M. **Em Busca do Tempo Perdido**. Vol. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RAMPIM, J. L. **Colecionador, Arte e Materialismo Histórico em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

ROAUNET, S. P. **A Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RONARD, P. **Euvres Complètes**. Vol. II. Paris: Bibliothèque de La Pleiade, 1976.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L & PM, 2008.

SAWYER, E. J.; TASSO, J. P. F.; ASSAD, L. T. (orgs.). **Turismo Sustentável**: Projeto de desenvolvimento do turismo sustentável nas regiões dos Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba, Serra da Capivara e Jericoacoara. Brasília: Editora IABS; Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento; Ministério do Turismo, 2010.

SILVA, C. A. O. **Donde musica hubiere, cosa mala no existiere**: Uma collage do Concerto Vox Chorum do Coral UFPel. 2019. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

TEIXEIRA, E. J. **Pequeno Dicionário de Vocábulos e Expressões Cananeias**. Cananeias: Coletivo Jovem Caiçara, 2005. Disponível em www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

TRIGO, L. G. G. **Turismo e Qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papirus, 1993.

VIEIRA, S. As Mulheres de Tijucopapo: a escrita da dor. **Rev. de Letras**, n. 23, v. 1/2, p. 42-45, jan./dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2194/1664>. Acesso em: 4 jan. 2023.

WIKIPÉDIA. Maçarico. **Wikipédia**, 9 jul. 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maçarico>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Apêndice

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO³⁵²

TÍTULO DA PESQUISA: HISTÓRIAS DE PESCADORES: JERICOACOARA E A ROTA DAS EMOÇÕES

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: José Osmar Fonteles

NOME DO PARTICIPANTE: _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem por objetivo **narrar a história dos pescadores de Jericoacoara sobre a Rota da Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro.**

Esta pesquisa é um dos momentos do doutorado em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Justifica-se pela sua contribuição aos estudos sobre a Rota das Emoções – explicar o que é a Rota das Emoções -, com destaque para a Vila de Jericoacoara, dialogando com moradores nativos sobre a sua história de vida. A partir do tempo presente, visitará o passado e poderá sonhar com um futuro desejado.

A pesquisa em questão respeitará os princípios e cuidados com seres humanos, apresentados na Resolução 466/12 CNS/MS – Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

³⁵² Este Termo só será utilizado, após a sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Terá duas vias. A 1ª via ficará com o pesquisador; a 2ª via com o(a) participante da pesquisa.

A sua participação na pesquisa se dará da seguinte forma: inicialmente você será informado(a) sobre a pesquisa, em todas as suas etapas e os seus modos de fazê-la, ou seja, todos os procedimentos necessários. Em seguida, será entrevistado(a) pelo próprio pesquisador, em local a ser combinado, com a sua participação. Na entrevista você será convidado(a) a contar a sua história de vida e o que essa história tem a ver com a Rota das Emoções. Será indagado(a) também se quer ser identificado na sua história em possíveis publicações e na própria tese. Caso não permita, o pesquisador tomará todos os cuidados possíveis para a narrativa não expor o entrevistado, mesmo que o seu nome seja omitido. Deverá ser gravada, escrita e depois apresentada pelo pesquisador para o seu consentimento e a sua aprovação. Só a partir daí, se você tiver de acordo, as informações serão utilizadas na escrita do texto que resultará numa tese de doutorado.

Lembramos que a sua participação é voluntária. Você tem a liberdade de não querer participar, assim como também poderá desistir, em qualquer momento, mesmo depois de ter iniciado a pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

As formas de fazer a pesquisa, ou seja, como o pesquisador vai proceder com a pesquisa, só serão utilizadas com a sua permissão. Portanto, fique à vontade para aceitar ou não. Caso você aceite, garantimos que qualquer informação só será utilizada, divulgada, com a sua autorização.

Esta pesquisa deverá trazer benefícios a você, à comunidade de Jericoacoara e a Rota das Emoções, por registrar a história de vida de seus moradores, fazer a memória do seu passado, relacionar essas histórias com os estudos sobre a sua comunidade, incluindo-lhe como participante no processo de construção do conhecimento, fundamentado no diálogo de saberes populares, saberes do povo da sua comunidade, e saberes científicos.

Se você precisar de algum acompanhamento ou orientação, por se sentir prejudicado(a) por causa da pesquisa, ou se o pesquisador descobrir, por meio da pesquisa, que você possui alguma condição que necessite de atendimento, você será encaminhado(a) pelo pesquisador (WhatsApp 88 999611613 para a Unidade de Pronto Atendimento – UPA de Jericoacoara para os encaminhamentos necessários.

Todas as informações que o(a) sr.(a) nos der ou que sejam conseguidas por meio das entrevistas serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus dados pessoais, as narrativas das suas histórias, fotografias (se você permitir), ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum, nem quando os resultados

forem apresentados, a não ser que seja do seu interesse e se tivermos a sua autorização para publicações.

Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou das formas por ela utilizadas, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Pesquisador: José Osmar Fonteles

Endereço: Rua Nazaré Vasconcelos, 1772 – Jijoca de Jericoacoara

Telefone para contato: 88 999611613

e-mail: osmarfonteles@yahoo.com.br

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de medicina da UFPel

Av Duque de Caxias, 250 - 96030-000 – Fragata – Pelotas/RS.

Prédio da Direção / Faculdade de Medicina - Telefone: (53) 3310-1800

E-mail: cep.famed@gmail.com)

Caso o(a) sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira. No entanto, se houver alguma despesa com ela, você receberá os valores gastos, pago pelo pesquisador.

Se o(a) sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia do referido Termo.

O **participante da pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – assinando a última página do referido Termo.

O **pesquisador responsável** deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – assinando a última página do referido Termo.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) Sr.(a) _____, declara que, após leitura cuidadosa do TCLE, explicado pelo pesquisador, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente tiradas pelo pesquisador, ciente dos serviços e dos modos em que a pesquisa será realizada e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do que foi lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar, de forma livre e voluntária desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente Termo.

Jijoca de Jericoacoara - Ce., _____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do Pesquisador

Apêndice 2 - Parecer do Comitê de Ética

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Histórias de Pescadores: Jericoacoara e a Rota das Emoções

Pesquisador: JOSE OSMAR FONTELES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55939221.8.0000.5317

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.307.510

Apresentação do Projeto:

Resumo:

Esta pesquisa constitui-se em um projeto de tese em Educação, na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Objetiva narrar a história dos pescadores de Jericoacoara sobre a Rota das Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro. A tese que proponho investigar é a de que existe uma diferença significativa entre as narrativas instituídas pelo poder público e pela iniciativa privada e as dos moradores nativos da região, especificamente de Jericoacoara, sobre o que é a Rota das Emoções e qual o seu verdadeiro papel na vida e na experiência desses moradores. A pesquisa que proponho, de cunho qualitativo, fundamenta-se no método etnográfico surrealista. A proposta metodológica se ampara nas interlocuções entre as concepções benjaminianas de história, memória e narrativa, e os conceitos e construções a essas relacionados e as construções metodológicas realizadas através do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), com a perspectiva cunhada por James Clifford da etnografia surrealista e pelo grupo experimentada e revista. Como produto final, pretendo, a partir das narrativas ouvidas, transcritas e analisadas contribuir com a memória da comunidade, através da tese a ser defendida, fortalecendo a autoestima dos seus moradores e a sua participação enquanto sujeitos integrados aos processos de desenvolvimento local.

Metodologia Proposta:

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03

Bairro: Fragata

CEP: 96.030-001

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3310-1801

Fax: (53)3221-3554

E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.307.510

A pesquisa que proponho, de cunho qualitativo, fundamenta-se no método etnográfico surrealista. A proposta metodológica se ampara nas interlocuções entre as concepções benjaminianas de história, memória e narrativa, e os conceitos e construções a essas relacionados e as construções metodológicas realizadas através do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), com a perspectiva cunhada por James Clifford da etnografia surrealista e pelo grupo experimentada e revista. As narrativas ouvidas, assimiladas e registradas devem mostrar não apenas as imagens bucólicas, exóticas, que o turista espera e quer ver, mas também outras imagens que sejam reveladoras da história de pessoas da comunidade antes e com a entrada do turismo. Na pesquisa de campo, pretendo identificar moradores nativos que tenham acompanhado a chegada do turismo na comunidade e que se disponham a contar a sua história de vida e a história da Rota das Emoções. Além das histórias que ouvirei, registrarei a observação participante, utilizando diário de campo. Procurarei vivenciar a realidade para que seja apreendida e narrada com um texto etnográfico. Buscarei, ainda, informações anteriores em recortes de jornais, entrevistas com moradores nativos feitas na década de 1990 e relatórios de gestão, da qual participei, conforme me referi em páginas anteriores. No primeiro contato com os moradores, explicarei os objetivos da pesquisa e os fundamentos do método utilizado para que haja confiança, possibilitando a troca de saber e para que as informações possam fluir com naturalidade e confiabilidade. Na oportunidade apresentarei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que regulariza a anuência da participação dos sujeitos na pesquisa, devidamente cadastrada tendo como suporte as Normas e Resoluções vigentes. Deve estar fundamentado na ética e focado nos objetivos e procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa. Precisa estar em linguagem clara e acessível, ao ponto de evitar constrangimento, dúvidas e recusa do pesquisado em assiná-lo. Caso o(a) pesquisado(a) não assine o seu nome, será solicitado(a) a gravar a sua autorização para que a entrevista, a narrativa, seja efetivada. Posteriormente, será feita a análise das histórias narradas, enriquecidas com as observações participantes e o diário de campo, no contexto da pesquisa. As narrativas serão criteriosamente transcritas para possibilitar a compreensão e análise da realidade investigada, com vistas à elaboração do relatório final da pesquisa que viabilizará a arquitetura da tese. Antes da elaboração do relatório final as narrativas deverão ser validadas por cada narrador e narradora para que não fuja da veracidade dos fatos e da forma como foram narrados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 Fax: (53)3221-3554 E-mail: oepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.307.510

Narrar a história dos pescadores de Jericoacoara sobre a Rota das Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro.

Objetivo Secundário:

Compreender a história da Vila de Jericoacoara, a partir das narrativas dos moradores nativos na perspectiva de contribuir com a memória da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme pesquisador responsável:

Riscos:

Como tenho bons contatos com os moradores de Jericoacoara e uma certa convivência enquanto morador, pesquisador e gestor da unidade de conservação, penso que a pesquisa não apresenta riscos. No entanto, ressalto que poderá haver constrangimento de alguns entrevistados em exporem as suas histórias, com o maior número de detalhes possíveis para que as narrativas também sejam as mais fiéis possíveis aos propósitos desta pesquisa. Ressalto também que o TCLE será claro e objetivo para que os sujeitos entrevistados fiquem à vontade para participarem ou não da pesquisa.

Benefícios:

Como benefícios, destaco os seguintes:

1. Há muitos trabalhos de pesquisa, publicações sobre a comunidade de Jericoacoara, mas poucas com enfoque na educação e sobretudo na história dos moradores locais, pescadores e outras categorias ocupacionais e sociais. Assim, quase não se tem memória da história de vida da população local. Quero escutar, narrar e analisar experiências que mostrem os moradores como protagonistas da sua história;
2. Ao narrar a história dos moradores de Jericoacoara, quero narrar a minha própria história, enquanto morador (nos anos de 1960), educador, pesquisador e gestor público (chefiei o Parque Nacional de Jericoacoara de 2002 a 2007);
3. Penso que esta pesquisa possa ser relevante no contexto atual, por possibilitar a reflexão sobre a Rota das Emoções, na qual Jericoacoara está inserida, na medida em que conseguir priorizar um outro polo narrativo, tomando como referência as histórias que os moradores de Jericoacoara contam. Pode, também, apontar caminhos possíveis para implantar outras experiências turísticas a

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata CEP: 98.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 Fax: (53)3221-3554 E-mail: oepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.307.510

partir de programas e projetos de formação crítica, quem sabe até empoderando os nativos frente a sua realidade e ao saber construído ao longo da sua história de vida. Pode ser relevante também para a academia, podendo corroborar com a implantação de experiências turísticas e também subsidiar políticas públicas para o turismo, com estímulo ao turismo solidário e de base comunitária, além de outras tipologias que existem na região.

4. Pode contribuir com a inserção dos moradores nativos de Jericoacoara como sujeitos do processo de desenvolvimento turístico local e regional, como protagonistas das suas experiências, e assim possam explicitar o seu sentimento frente aos que chegaram na sua comunidade e se instalaram como morador, empresário ou gestor público.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Solicito ao pesquisador especificar quais os riscos de parcialidade pelo fato do pesquisador estar bastante envolvido com o tema e os participantes bem como sendo morador, gestor da área. Se esta possível parcialidade iria atrapalhar os objetivos de pesquisa.

RESPOSTA DO PESQUISADOR: Riscos de parcialidade, na visão do pesquisador
O pesquisador tem afinidades com a comunidade, inclusive com os(as) entrevistados(as), por conta de ter sido gestor do Parque Nacional de Jericoacoara – 2002 a 2007; pesquisador em vários momentos, desde 1989; morador nos primeiros anos da década de 1960. Este fato desafia o pesquisador na sua imparcialidade, deixando-o atento para não se envolver, subjetivamente com a narrativa. No entanto, compreendo que não trará riscos à pesquisa, nem comprometerá os objetivos e resultados do trabalho. Deixarei o(a) entrevistado(a) livre para narrar a sua história, ressaltando o que considera de maior relevância para si. Interferirei em momentos necessários para solicitar esclarecimentos de alguns termos utilizados por ele(a), bem como para detalhar o máximo possível a sua história. O tempo para a entrevista, dependerá da disponibilidade do(a) entrevistado(a).

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 Fax: (53)3221-3554 E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.307.510

Descrever melhor os riscos e benefícios para o participante.

RESPOSTA DO PESQUISADOR: Riscos

Como tenho bons contatos com os moradores de Jericoacoara e uma certa convivência enquanto morador, pesquisador e gestor da unidade de conservação, penso que a pesquisa não apresentará grandes riscos.

No entanto, ressalto os possíveis riscos que visualizo:

1. Poderá haver constrangimento de alguns entrevistados em exporem as suas histórias, com o maior número de detalhes possíveis para que as narrativas também sejam as mais fiéis possíveis aos propósitos desta pesquisa. Penso que há temas que são delicados aos entrevistados(as), sobretudo com a entrada do turismo, destacando-se o uso de drogas.

1.1. Os moradores nativos sentem-se incomodados com certos hábitos, modos de ser, envolvimento com práticas não aceitas pela comunidade nativa, como o uso de drogas, por exemplo;

1.2. Sentem carência de maiores cuidados com a comunidade por parte da gestão pública, inclusive por não terem sido alertados e preparados para a chegada do turismo que trouxe alterações para a comunidade;

1.3. Sentem-se também incomodados com o distanciamento de alguns moradores nativos, deixando a Vila de Jericoacoara e se estabelecendo em outras comunidades. Percebo que os moradores, na sua maioria, não querem se envolver e/ou se comprometer com questões que consideram polêmicas. Temem retaliações. Ressalto que deixarei o(a) entrevistado(a) livre para falar o que quiser, sem constrangimento, rememorando a sua história de vida com aspectos que considere importante e queira revelar.

Ressalto ainda que o TCLE será claro e objetivo para que os sujeitos entrevistados fiquem à vontade para participarem ou não da pesquisa e se querem que seus nomes sejam divulgados.

Benefícios

Como benefícios, destaco que há muitos trabalhos de pesquisa, publicações sobre a comunidade de Jericoacoara, mas poucas com enfoque nos estudos no campo da educação e sobretudo na história dos moradores locais, pescadores e outras categorias ocupacionais e sociais. Assim, quase não se tem memória da história de vida da população

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03

Bairro: Fragata

CEP: 96.030-001

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3310-1801

Fax: (53)3221-3554

E-mail: oepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.307.510

local. Quero escutar, narrar e analisar experiências que mostrem os moradores como protagonistas da sua história. Neste sentido, destaco os seguintes benefícios desta pesquisa:

1. Ao narrar a história dos moradores de Jericoacoara, quero narrar a minha própria história, enquanto morador (nos anos de 1960), educador, pesquisador (desde 1989) e gestor público (chefiei o Parque Nacional de Jericoacoara de 2002 a 2007 – benefício para o pesquisador, mas também para a comunidade de Jericoacoara;
2. Resgatar a memória local através da história de vida dos seus moradores nativos, fortalecendo os dados identitários entre eles e as gerações futuras;
3. Aumentar a autoestima dos moradores nativos, reconhecendo-os como detentores de um capital cultural e um saber que precisa ser narrado, escrito e divulgado;
4. Possibilitar a reflexão sobre a Rota das Emoções, na qual Jericoacoara está inserida, na medida em que conseguir priorizar outro polo narrativo, tomando como referência as histórias que os moradores de Jericoacoara contam;
5. Apontar caminhos possíveis para implantar outras experiências turísticas a partir de programas e projetos de formação crítica, empoderando os nativos frente a sua realidade e ao saber construído ao longo da sua história de vida;
6. Aproximar a academia da comunidade corroborando com a implantação de experiências turísticas e também subsidiar políticas públicas para o turismo, com estímulo ao turismo solidário e de base comunitária, além de outras tipologias que existem na região;
7. Contribuir com a inserção dos moradores nativos de Jericoacoara como sujeitos do processo de desenvolvimento turístico local e regional, como protagonistas das suas experiências, e assim poderem explicitar o seu sentimento frente aos que chegaram na sua comunidade e se instalaram como morador, empresário ou gestor público.

Como será feito a devolutiva dos resultados da pesquisa? Onde será apresentada?

RESPOSTA DO PESQUISADOR: Devolutiva dos resultados da pesquisa

A devolutiva será feita a pós a defesa da tese, na comunidade de Jericoacoara, com os moradores entrevistados e outras pessoas que tiverem interesse, convidadas pelos(as) entrevistados(as) e pelo pesquisador.

O local a ser apresentado deverá ser público. Proponho apresentar na sede do Conselho Comunitário de Jericoacoara ou no Polo de Atendimento À crianças e Adolescentes da

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
UF: RS Município: PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 Fax: (53)3221-3554 E-mail: oepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.307.510

comunidade.

O local, no entanto, deverá ser definido de acordo com os(as) entrevistado(as).

A data e horário da devolutiva deverá ser também de acordo com os(as) entrevistados(as).

Em sendo uma narrativa, os dados do entrevistado mesmo não descrito o nome no texto poderá ser identificado, seria importante colocar este risco no TCLE. Sugiro questionar se o entrevistado quer ou não ser identificado. Se for negado a identificação deverá ter cuidado em não colocar detalhes que possibilite identificação nesta narrativa.

RESPOSTA DO PESQUISADOR: Sugestão aceita e inserida no TCLE

Será indagado(a) também se quer ser identificado na sua história em possíveis publicações e na própria tese. Caso não permita, o pesquisador tomará todos os cuidados possíveis para a narrativa não expor o entrevistado, mesmo que o seu nome seja omitido.

TCLE: Tomar o TCLE mais simples de entendimento para os participantes. Trocar os dados do CEP pelos dados do CEP FAMED/UFPEL (Endereço: Av Duque de Caxias, 250- 96030-000 – Fragata – Pelotas/RS. Prédio da Direção / Faculdade de Medicina Telefone: (53) 3310-1800 E-mail: cep.famed@gmail.com)

RESPOSTA DO PESQUISADOR: Recomendação acatada.

Veja o TCLE, em linguagem mais popular e acessível, incluindo as sugestões da Parecerista

Considerações Finais a critério do CEP:

OBSERVAÇÃO: Estudos envolvendo seres humanos devem considerar o contexto da pandemia pelo Novo Coronavírus e observar as determinações locais e/ou regionais das autoridades de saúde para avaliar a viabilidade de execução da pesquisa, independente do parecer favorável do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1876361.pdf	09/03/2022 11:41:17		Aceito
Outros	resposta_parecer.pdf	04/03/2022 08:41:35	JOSE OSMAR FONTELES	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_Revisto.pdf	03/03/2022	JOSE OSMAR	Aceito

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
 Bairro: Fragata CEP: 96.030-001
 UF: RS Município: PELOTAS
 Telefone: (53)3310-1801 Fax: (53)3221-3554 E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.307.510

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Revisto.pdf	16:30:26	FONTELES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	16/02/2022 09:51:24	JOSE OSMAR FONTELES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/12/2021 09:55:52	JOSE OSMAR FONTELES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	18/12/2021 16:14:43	JOSE OSMAR FONTELES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 23 de Março de 2022

**Assinado por:
Patricia Abrantes Duval
(Coordenador(a))**

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** oepfamed@ufpel.edu.br

Apêndice 3 – Roteiro para os diálogos com os entrevistados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação



Roteiro para os diálogos com os entrevistados

O roteiro foi flexível, deixando o entrevistado à vontade para falar do que mais seja interessante para a sua história.

Destaco os seguintes aspectos:

1. Fale da sua história de vida, da sua família, das suas memórias
2. Das pessoas que moravam aqui antes do turismo, quem ainda mora?
3. Como era a vida de vocês quando crianças?
4. O que fazia como profissão?
5. Lembra como era a vida no Serrote antes do turismo?
6. Que mudanças percebe com a entrada do turismo?
7. O que você sabe sobre os encantamentos de Jericoacoara: Princesa, gritador e outros encantos que você conhece?
8. Sabe o que é a Rota das Emoções?
9. Fale das suas emoções – boas e ruins
10. Como e onde quer continuar vivendo?